UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURA COMPARADA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA E
LITERATURA COMPARADA

Aurora Cardoso de Quadros

Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada do Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Augusta Bernardes Fonseca Weber Abramo

São Paulo
2009

AGRADECIMENTOS

À Universidade Estadual de Montes Claros – UNIMONTES, que possibilitou e incentivou esta pesquisa.

A Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação e ao Departamento de Comunicação e Letras da UNIMONTES pelo apoio.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais - FAPEMIG pelo auxílio financeiro.

À Professora Maria Augusta Fonseca, pela orientação detalhada e criteriosa.

A Conceição Machado Lafetá, pela acolhida e cooperação.

Ao Luiz Matos e à Maria, da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela presteza e atenção.

A Maria Rodrigues, pela ajuda intensa diante da pressão do tempo.

À USP, pelo espaço cultural, cognitivo e humano.

À Professora Telma Borges e ao Professor Elcio Lucas, pelo suporte e comprometimento na leitura deste estudo.

À minha família e aos amigos.

Ao meu amor, Sérgio, e aos meus filhos, Serginho, Lu e Paulinha, razão de tudo.

Sobretudo, a Deus: o Bem, a Energia, a Inspiração, a Força.

Não busque, porém, o leitor no pensamento de Oswald de Andrade a latitude do discurso reflexivo-crítico, a delimitação cuidadosa de problemas e pressupostos, nem “essas longas cadeias de raciocínio” que caracterizam a filosofia. Busque, isso sim, a cadeia das imagens que ligam a intuição poética densa à conceituação filosófica esquematizada, alguém de qualquer sistema e um pouco além da pura criação artística. E, sem confundir seriedade com sisudez, aceite que o tempero da sátira tenha entrado em altas doses nesse banquete antropofágico de idéias

(Benedito Nunes. Prefácio. “A Antropofagia ao Alcance de todos”. “Antropofagia e Utopia” In: *A Utopia Antropofágica*, p.39).

RESUMO

Em 1931, Oswald de Andrade cria e publica *O Homem do Povo*, jornal em que manifesta seu ativismo comunista, e no qual satiriza a sociedade capitalista e burguesa no Brasil de seu tempo. Suas edições, no total de oito, foram publicadas em março e abril de 1931, contando com a participação de Patrícia Galvão (Pagu) e Queiroz Lima e com a parceria de importantes intelectuais como o crítico Astrojildo Pereira. O trabalho tem por objetivo analisar propriedades expressivas e críticas das construções do jornal, sobretudo nas formulações do ativista Oswald de Andrade. Para isso foram selecionados do jornal principalmente os editoriais escritos por Oswald de Andrade, vários artigos que levam a sua assinatura, e outros assinados por pseudônimos ou anônimos, evidenciados os traços peculiares de sua escrita e ideias. Por meio da pesquisa investigativa, leitura e análise do *corpus*, destacam-se três elementos substanciais presentes na sua escrita: o humor do jogo de espírito irreverente, a reflexão vinculada aos propósitos de sua própria formulação crítica a respeito da antropofagia, e a subversão, em que resume elementos de estética e política, cuja configuração se manifesta na própria organicidade do jornal. Tais ingredientes, em analogia com outros articulistas, dão sustentação à substância satírica que permeia o jornal *O Homem do Povo*. Assim, observa-se nas diferentes estratégias de sua linguagem, metafórica ou não, que Oswald de Andrade continuamente alia-se aos colaboradores para representar um mundo “às avessas”, alvejando a sociedade capitalista e suas elites. Neste sentido, interessa exibir que, por suas elaborações hiperbólicas, o jornal, provocativamente, serve de instrumento na procura de evidenciar, por diversos meios e modos, o destronamento do burguês e a entronização do povo. Nessa tarefa, Oswald de Andrade busca se reinventar criticamente, ao transpor pela atividade jornalística seu espaço legitimado na burguesia e balizar-se por projetos voltados para o povo. Nesse exercício desdobra-se em seus pseudônimos e se posiciona como líder de um grupo, fazendo da palavra e do humor escudo e arma, construindo paradoxos, trocadilhos, ironias e hipérboles. Com isso Oswald de Andrade aciona o potencial crítico dos recursos da linguagem expressiva e comunicativa que, no jornal *O Homem do Povo*, serve para denunciar, provocar e ridicularizar valores consagrados pela burguesia e pelo sistema capitalista que a sustenta, fundindo o embate político do articulista e o embate estético do escritor modernista.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; *O Homem do Povo*; Humor; Antropofagia; Subversão; Política e estética.

ABSTRACT

In 1931, Oswald de Andrade creates *O Homem do Povo*, a newspaper in which he publicly declares his communist activism, and in which he satirizes both, capitalism and the bourgeois society at the time. Its eight editions, were published in March and April of 1931 together with the participation of both Patricia Galvão (Pagu) and Queiroz Lima. Such a work intended to analyze both expressive and critical properties of Oswald de Andrade's constructions at the journal and to put in evidence points of contact between the aesthetic and political aspects of the activist's formulations. For doing it so, Oswald de Andrade's editorials were selected such as articles signed by him and others which clearly evidence his writings and ideas. Through reading and "corpus" analyses it is detected three substantial elements such as: the irreverent spirit game, the reflection tied to purposes of his own critical formulation as far as anthropophagy is concerned and the subversion where he summarizes aesthetics and political elements; the configuration of which shows itself in the setting of the journal. Such ingredients, allied to comicality back up the satirical element that permeates *O Homem do Povo*. So, it can be observed in any of the different strategies of his vocabulary, either metaphoric or not, that Oswald de Andrade continually tries to represent an "upside down world" having the capitalist society and its elites as targets. In that way, it is interesting to show that, due to his hyperbolic elaborations, the writer-journalist in a teasing way tries to put in evidence the bourgeois decline and the ascension of the people through many different ways and methods. In such a work, Oswald de Andrade looks forward to reinvent himself critically, by transposing his legitimate space in bourgeoisie through journalist activity and determining projects which concerns the proletariat, that is to say, the lower social class. While doing so he creates many different pseudonyms and situate himself as a leader of the referred class, using words and humor as both shield and weapon, building paradoxes, puns, irony and hyperboles. By doing so, Oswald de Andrade turns on the critical power of his communicative and expressive language that at *O Homem do Povo* is used for denouncing, teasing and making ridicule consecrated values of the bourgeoisie and of the capitalist system – that supports it linking both the political resistance of the journal's editor and the aesthetic resistance of the modernist writer.

Keywords: Oswald de Andrade; *O Homem do Povo*; Humour; Anthropophagy; Relationship between aesthetics and politics.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	<i>O HOMEM DO POVO</i>: BASES FUNDAMENTAIS.....	22
3	<i>O HOMEM DO POVO</i>: ESTRUTURA, ASSINATURAS E CONEXÕES	29
4	CONFIGURAÇÕES DO HUMOR EM <i>O HOMEM DO POVO</i>.....	52
	4.1 ALOGISMO	56
	4.2 TROCADILHO	63
	4.3 PARADOXO	71
	4.4 IRONIA	76
	4.5 GROTESCO E HIPÉRBOLE	80
5	RISO E LIBERDADE	88
6	PSEUDÔNIMOS DE OSWALD DE ANDRADE.....	95
7	PROPRIEDADES ANTROPOFÁGICAS DO JORNAL	104
8	A LINGUAGEM IMAGÉTICA.....	136
9	IDENTIDADE E SÁTIRA	143
10	BURGUÊS OU PLEBEU: A RELAÇÃO INDIVÍDUO / PERSONAGEM....	164
11	NOVOS TEMPOS: FATOS, TEORIAS E TENDÊNCIAS	172
12	O CAMPO DO SÉRIO-CÔMICO.....	192
13	ORDEM E DESORDEM.....	211
14	A REINVENÇÃO	220
15	ANEXOS.....	226
15	BIBLIOGRAFIA	237

1 INTRODUÇÃO

Este estudo aborda aspectos fundamentais da expressão oswaldiana no jornal *O Homem do Povo*¹ (março-abril de 1931). Criado e dirigido por Oswald de Andrade, o periódico inaugura sua expressão pública de militância política. Nessa empreitada, o escritor modernista contou com a cooperação da Patrícia Galvão (Pagu) e do Queiroz Lima. Torna-se relevante também a descoberta, já na etapa final deste estudo, da participação do articulista Astrojildo Pereira (1890-1965). Suas elaborações, principalmente sob o pseudônimo “Aurelinio Corvo”, são abordadas em destaque em relação aos outros colaboradores de Oswald de Andrade. Tal revelação propicia uma comparação entre Oswald de Andrade e esse crítico literário, que é um dos fundadores do partido comunista no Brasil.

O *corpus* da pesquisa é constituído pela edição fac-similar, organizada e publicada por Augusto de Campos². Lançada em 1984, a coleção apresenta na íntegra os oito números do jornal, o qual circulou por um período de dezoito dias - últimos dias de março e primeira quinzena de abril do ano de 1931. Os primeiros três números datam, respectivamente, de 27, 28 e 31 de

¹ ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*: março/abril 1931. Edição Facsimilar com introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 1984.

² CAMPOS, Augusto de. Notícia impopular de “O Homem do Povo”. Introdução. In: ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz, 1984, p. 9-15.

março; o quarto, quinto, sexto, sétimo e oitavo, dos dias 2, 4, 7, 9 e 13 de abril.

A introdução que Augusto de Campos escreve para a compilação traz diversos recortes de notícias veiculadas na época, nas quais a grande imprensa relata os fatos e a repercussão do jornal, sobretudo a celeuma que ele então provoca. O apresentador faz considerações importantes sobre a natureza do jornal, as quais são confirmadas por este estudo. Como exemplo, ele caracteriza o jornalismo oswaldiano, em *O Homem do Povo*, pela marca feroz, paródica e utópica. Além disso, verifica-lhe o rastro literário, sugerindo na configuração do jornal “como que um prolongamento da 2ª dentição antropofágica”³. Também identifica a associação oswaldiana entre o riso e a ira. Mas a maior contribuição de Augusto de Campos para esta tese talvez seja a sugestão da autoria oswaldiana para a maioria dos pseudônimos com que são assinados os textos. Nas águas de Augusto de Campos, portanto, este estudo inscreve sua justificativa inicial, mesmo que outros articulistas tenham sido identificados em alguns pseudônimos atribuídos pelo estudioso ao modernista. E, embora não volte a se referir de modo significativo a esse pesquisador, fica aqui registrada sua fundamental contribuição: é a partir dela que este trabalho, aliado à evidência, à interpretação e à intuição, seleciona, na maioria dos pseudônimos que ele atribui ao modernista, a fala e a voz oswaldianas.

³ CAMPOS, 1984. Introdução. In: ANDRADE; GALVÃO; LIMA, 1984, p. 12.

Nota-se que, dentre os textos de *O Homem do Povo*, há artigos não assinados, alguns dos quais manifestam, em si mesmos, a presença de Oswald de Andrade. Nesses são identificados traços de estilo, tais como o trocadilho, o humor e a expressão das tendências radicais por ele assumidas, e que se apresentam como influência central nas articulações do jornal. Isso pode ser revelado pela linguagem agressiva e muitas vezes jocosa, que pressupõe a sua figura como a voz por trás das falas. Assim, há, sobretudo, a marca do *blaguer* irado, como efetiva em quase todos os espaços, abarcando as notícias, editoriais e demais configurações do jornal.

De modo particular, uma característica que esta análise observa como a grande marca do jornal consiste naquela que o revela como subversor por natureza, não apenas no que diz respeito à subversão política, mas a própria subversão da linguagem, que inclui novo delineamento para as configurações do jornalismo de *O Homem do Povo*. O conjunto dos procedimentos imprime caracteres especiais que dão novo contorno ao gênero jornalístico. Mesclando traços particulares, ele confere configuração especial a notícias, editoriais, artigos e comentários. Exemplo dessa mistura oswaldiana ocorre mesmo com outros articulistas. Em “Finanças internacionais”, texto anônimo, presente na quinta página do primeiro número, a notícia sobre um convite que teria sido feito ao presidente do Banco de Comércio e Indústria de São Paulo, Numa de Oliveira (1870-1959), para “endireitar as finanças da Inglaterra” é ironizada:

S.S. a principio⁴ hesitou, mas insitado pelos Drs. Altino Arantes (P.R.P.), Vicente Ráo (P.D.) e Alcantara Tocci (Revolução) acceitou. Como todos sabem, as coisas na loira Albion estão pretas – “The things are Black” (Shakespeare). O distinto financista seguirá pelo vapor Itambé até o Tamisa, onde adoptará o suggestivo nome de Numayer of Ottoliveira.

A afiguração pela pilhéria alveja tanto a nação inglesa, tomada por “Albion”, seu antigo topônimo, quanto o banqueiro brasileiro que, no caso, é tratado como “S.S.” (Sua Santidade). Acresce-se a zombaria pela citação “shakespeariana”, em estilo “macarrônico”, isto é, numa tradução burlesca, e a duplicidade brincalhona na referência (“vapor”) ao navio Itambé. “Macarrônica” também é a transfiguração do nome do brasileiro, como que caldeado pelo contato com o império britânico e pela parceria com o alto funcionário do Banco da Inglaterra, Otto Niemeyer (1883-1971). Nesse caso, parodia-se a valorização do banqueiro brasileiro e o próprio modelo de notícia. Para Vladimir Propp, “a paródia representa um *meio de desvendamento da inconsistência interior* do que é parodiado”⁵ [grifo do autor]. Nesse sentido, a parodização desvenda a inconsistência da imagem como o banqueiro é visto, ao tempo em que procede o mesmo desvendamento da inconsistência do modelo das notícias “sérias”. Em outras palavras, o desvio da seriedade se faz presente no que diz respeito às tendências políticas e às opiniões, mas principalmente quanto ao modo de verbalização e representação. Notícias como essa funcionam, na

⁴ Na grafia do jornal, há várias diferenças com relação à norma vigente nos dias de hoje. Optou-se por mantê-las como no original, sem questionamento de ordem formal, normativa. Ex.: *paiz, propheta*.

⁵ PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. Tradução de Aurora Fornioni e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

verdade, como oportunidades para ridicularizar personagens das elites, por meio das quais buscam-se atingir instâncias, abordada como as mazelas do mundo, a exemplo do sistema capitalista, o que inclui o imperialismo, os dogmas, as injustiças sociais, a religião. Assim, em vez de mera informação, os procedimentos dão à notícia contorno diferente, satírico. A notícia, em vez do relato do acontecimento, conforme procedimento presumido normalmente, se mescla da *criação* de fatos, que propositalmente a transfigura pela imaginação, como ocorre com a invenção do novo nome para o banqueiro. São várias as implicações subjacentes ao fragmento. Além de criar o humor, a pluralidade de vozes que cruzam a expressão evoca questões étnicas (“loira Albion”, “coisas pretas”), sociais, políticas econômicas etc.

Diante desses fatos, a partir dessa nova empreitada de Oswald de Andrade, que inaugura sua militância política, a presente análise busca pesquisar os sentidos da expressão de *O Homem do Povo*, sobretudo do modernista, pela observação crítica de diferentes peculiaridades no jornal. Nessa produção jornalística distingue-se o humor, a subversão e, divisando ainda outras marcas da sua expressão, as reflexões que sugerem a continuidade da antropofagia, sistema alimentado pela criatividade oswaldiana. Observa-se que Oswald de Andrade, auxiliado pelos outros articulistas, também se pauta pela subversão de valores sociais e ideológicos para protestar contra o sistema capitalista e contra várias instituições, incluindo conhecidas

personagens da vida pública e muitas figuras da elite, que ele apresenta como representantes desse sistema.

A pesquisa realizada, porém, possibilita observar essa nova fase da atividade jornalística de Oswald de Andrade por um prisma diferente, que fornece papel de destaque ao jogo de espírito oswaldiano, entendendo que este se transporta funcionalmente do lugar de simples gracejo ou estilo, para posicionar-se como afiado instrumento satírico em relação ao Brasil e à sociedade de seu tempo. Assim, sua fala é vista como espaço em que se articula a voz crítica, que adota como base a teoria marxista, mas que mescla o protesto com o tom paródico e, em grande medida, revela a agudez da língua, afiada pelo engenho com que maneja palavras e articula ideias. Os significados críticos, desse modo, partem do espaço da criação verbal, cujos recursos revelam a presença espirituosa do modernista, no próprio instantâneo do impulso em que brotam as palavras e que origina a expressividade das frases. Dessa forma, no espaço vital e criativo da escrita, confirma-se, em muitos pseudônimos que assinam os artigos, a presença de Oswald de Andrade identificada por traços de estilo e pensamento. Sua fala mistura o tom incisivo e o jocoso, o sério e o cômico. E mais que expor um sistema por meio do pensamento racional, promove o arrebatamento, o protesto e a zombaria contra a sociedade capitalista. A partir desses fatos, o estudo se pauta por privilegiar a investigação da organização expressiva como produtora de uma sátira, a partir da sua própria forma, com seus efeitos jocosos e significados ideológicos. Nessa

busca, a marca que Oswald de Andrade imprime aos procedimentos verbais e, mesmo, propicia aos colaboradores, provê a crítica com a expressividade das imagens; expressividade essa que se instala, progressivamente, desde a página inicial do número 1, no primeiro editorial, “Ordem e progresso”, em que ele denuncia:

Aqui, os capitaes estrangeiros deformaram extranhamente a nossa economia.

Dum paiz que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hydraulico, fizeram um paiz de sobremesa. Café, assucar, fumo, bananas.

Que nos sobrem ao menos as bananas!

Os capitaes estrangeiros compraram as nossas quedas d'agua e crearam um sordido e meigo urbanismo colonial que passou a ser o que elles queriam – um dos melhores mercados para os seus productos e chocalhos.

Sendo assim, o ouro entra pelo café e sahe pelo escapamento dos automóveis. Gastamos trezentos mil contos por anno em pneumáticos, gasolina ou coisa parecida. E a Amazonia da borracha e a baixada do alcool-motor perecem.⁶

O fragmento mostra que, desde o início, Oswald de Andrade aponta para a imperícia e para o comportamento submisso do brasileiro, entendendo que o país tem nas mãos a solução para o atraso, com o potencial recurso para o progresso, mas que, apesar disso, não sabe usá-lo. Exposições de fatos como esse denunciam o sistema e os gestores do país, ressaltando-se o modo de ver e expor a situação. No caso do fragmento acima, evidencia-se a ironia, viés por meio do qual Oswald de Andrade também vê os fatos, e que será estudado posteriormente. A associação da riqueza dos recursos brasileiros ao desperdício e esgotamento dos mesmos em prol das potências estrangeiras é feita numa linguagem metafórica, como na imagem

⁶ As referências dos trechos recortados do *corpus* serão feitas no corpo do texto e sua transcrição será destacada em fonte itálica e em recuo de 1,5 cm, distinguindo-os dos recortes de textos teóricos.

“país de sobremesa”⁷. Essa metáfora faz referência à preterição do Brasil em relação às potências mundiais, tendo em vista ser a sobremesa secundária em relação ao prato principal. O espírito jocoso que o texto desperta deve-se ao uso de um partitivo, “sobremesa”, que procura estranhar o substantivo “país”. No caso, trata-se do Brasil, que particularizado não como “prato principal”, mas como “sobremesa”, envolve a real natureza dos ingredientes que motivam a crítica, a saber, o café e a banana, produtos cultivados no país, além do açúcar que propicia a associação com a sobremesa. A denúncia enfatiza o fato de serem esses os únicos produtos exportados, o que forja um perfil brasileiro essencialmente agrário. A consequência do mal uso das suas riquezas é a exclusão do país do eixo industrial da modernidade. O apontamento da ineficiência do sistema de exportação do café em contrapartida com a importação de gasolina constrói-se, não pelo jargão dos economistas ou pela sua linguagem convencional, mas pela criatividade imagética. A representação do problema se faz por meio do jogo que contrapõe as idéias e fatos, como em “o ouro entra pelo café e sahe pelo escapamento dos automóveis”. Assim, na proposta de orientação predominantemente social ou econômica, os sentidos ideológicos revelam-se por meio de jogos de espírito e metáforas, convidando para a investigação da relação entre os significados e o estilo engenhoso de *O Homem do Povo*.

⁷ Mais tarde, em 1937, a expressão apresenta-se como título de um artigo do autor.

Ocorrências como essa evidenciam, por conseguinte, que, para produzir seu protesto, Oswald de Andrade lança mão de recursos expressivos que articulam o humor e a subversão política. Esse é o eixo em torno do qual este estudo analisa outras propriedades, no sentido de apreender conhecimentos sobre a expressão crítica do modernista Oswald de Andrade, em sua primeira manifestação de ativismo político de esquerda. As propriedades estudadas promovem, de certo modo, um diálogo entre o Oswald de Andrade que preconizou a ruptura de ênfase estética e o Oswald de Andrade jornalista, que empreende diretamente o embate político, como diretor, editorialista e articulista do jornal em estudo, sem abandonar de todo lições do passado recente. O ponto de interseção entre ambos os papéis está na linguagem do Oswald de Andrade radical e espirituoso, mas não esvaziado de sentido, pois não abdica da postura crítica. O resultado é uma mescla de peculiaridades que dão ao gênero jornalístico novo cotoir.

Acontece que sua importância decisiva reside no diálogo entre a percepção crítica e a forma sensível de sua linguagem. A subjetividade, muitas vezes, supera a busca técnica de apreensão rigorosa da lógica racional, mesmo pela impossibilidade de se traçar uma linha reta na ligação entre os pontos do seu programa. O ponto chave que emerge da sua manifestação é a disposição do espírito e o modo crítico de ver a vida e os fatos. A substância estética inerente à palavra que brota do estado de espírito, por si só, já implica uma relação ambivalente, se levada em conta uma afirmação de

Henri Bergson na sua obra *O Riso*⁸: “No homem espirituoso há algo de poeta”⁹. Tal entendimento auxilia e legitima o percurso que investiga o delineamento estético em sintonia com a natureza histórica ligada aos fatos sociais, econômicos e políticos da época, que os recursos expressivos propiciam à escrita oswaldiana em *O Homem do Povo*.

Torna-se foco de interesse, portanto, a investigação não apenas da ocorrência das peculiaridades produtoras da organicidade do jornalismo oswaldiano no jornal, mas também dos recursos pelos quais as referidas propriedades se revelam, abarcando os meios pelos quais Oswald de Andrade produz o humor, constrói e estiliza a expressão satírica. Levando em conta a ambivalência do procedimento que, ao mesmo tempo em que protesta, externa sua presença de espírito, as imagens, as metáforas, as hipérboles, os pseudônimos, os chistes, os trocadilhos, dentre outros meios, são analisados mais detidamente. Investigam-se os possíveis significados que se organizam para construir determinada expressão ou ideia, buscando conexões, motivações, subentendidos, pressupostos e, em grande medida, os efeitos potenciais. Os modos de manifestação do jogo de espírito, do humor ou do cômico serão estudados a partir de pressupostos teóricos, possibilitando o olhar que enfatiza, pelo esforço da razão e pela permissão da sensibilidade, o entrelaçamento do valor estético com o valor hedonístico, tomados das acepções nos termos de Anatol Rosenfeld em *Texto e contexto*

⁸ BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

⁹ BERGSON, Henri 2001, p. 78.

// ¹⁰. Segundo Rosenfeld, as valorizações de fatos do mundo variam conforme a atividade, os desejos, as emoções e o comportamento do homem, comportamento este que “responde e corresponde a certos valores básicos – valores de utilidade, vitais, estéticos, religiosos etc.”¹¹, sendo que determinado objeto pode ser valorizado de várias formas e prismas, variando conforme cada indivíduo ou situação.

Com base nas acepções desse autor, o valor estético na expressão crítica de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*, aliado ao valor hedonístico, figura de modo especial. A indissociabilidade inerente nas duas classificações de valoração se encaixa no modo de percepção e criação presentes no jornal, uma vez que Oswald de Andrade, em vez de se portar como um estudioso da arte política, mostra sua paixão e entusiasmo pela causa socialista, empenhando sua personalidade de crítico impetuoso, reafirmando-se como hábil manipulador da língua e tornando-se um arrebatado agitador pela palavra. Para isso conta com importantes colaboradores, com os quais abre um leque de possibilidades para as mais variadas reações e sentidos.

Se tomado pelo eixo de subversão política, em que se enfocaria seu interesse pelos fatos sociológicos implicados nas elaborações que Oswald de Andrade toma emprestado, sobretudo de Marx, a partir do jornal poderia

¹⁰ ROSENFELD, Anatol. Estética. In: _____. *Texto e contexto I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1993. p. 235-257.

¹¹ ROSENFELD, 1993, p. 239.

ser feita uma tentativa de avaliação da sua verdade sociológica ou política, cujo olhar faria da sua elaboração, em maior ou menor envolvimento, um discurso de ciência política. Porém, ao se lançar o olhar científico e investigativo para o objeto em questão, o jornal *O Homem do Povo*, instala-se um diálogo que transita entre as configurações da sua verdade, o modo como ele escreve essa verdade, suas motivações, estratégias. Nesse diálogo perscrutam-se os efeitos e os caminhos, nos quais os procedimentos além da configuração de *meios* da crítica, carregam em sua *matéria* o procedimento verbal crítico. Portanto, o caminho preponderante neste estudo da expressão de Oswald de Andrade no jornal, revela propriedades dos recursos expressivos que imprimem as propriedades da sua crítica. Mais que seu funcionamento como *veículo* dos significados, à escrita propicia-se a emergência enquanto *vida* em sua própria *matéria*, no âmbito dos significantes que deflagram os significados. A apreciação desse aspecto crítico está atrelada ao modo como os sentidos ideológicos são manifestos, não apenas pelo fato substancial de ser pela palavra que um pensamento se expõe, mas por que em sua expressão destaca-se a ênfase do referido jogo de espírito, que por si já revela a disposição crítica da linguagem. O convite atendido neste estudo traduz-se pela apreciação que alterna a ênfase do valor estético, dirigido ao objeto, no caso, à linguagem, e o valor hedonístico, sugerindo o que essa linguagem pode suscitar, em seu aspecto subjetivo. Perscrutam-se tanto os processos verbais adotados por Oswald de Andrade, seus constructos e significados, quanto o estado emocional a que se pode entregar, por meio deles. Esse efeito inclina para o riso, que, não obstante

pareça graçola, está carregado do sentido crítico como processo e resultado, que atua na própria macroestrutura do jornal em seu gênero.

Tendo como base os tipos de valorização descritos, o valor estético dos traços da linguagem de Oswald de Andrade, no jornal *O Homem do Povo* está entrelaçado ao hedonístico pela sua característica invariável de provocação. Os estados emocionais estão como que ligados ou pressupostos, de modo inerente, ao modo da escrita. E essa associação dos vetores entrecruzados da valorização estética do objeto e da hedonística, deflagrada como seu efeito diante do objeto, às vezes são abordadas na referida alternância. Rosenfeld explica a relação estética/hedonística que se estabelece no posicionamento do indivíduo diante de determinado fato ou coisa. Diz ele:

Mas, nesta relação estética do sujeito com o objeto, embora este prepondere, aquele não se apaga por completo. Por mais que possa esquecer-se, confundindo com o objeto estético, conserva certa distância e sente como sendo dele, sujeito, o arrebatamento.¹²

Com isso, o autor propicia uma reflexão e ponderação dos pontos de vista lançados sobre o jornal, mas de modo geral a linguagem oswaldiana traz em si a marca da originalidade e radicalidade que de modo geral mobiliza não apenas o pensamento, mas em grande medida as reações do espírito, das emoções. Acrescenta-se, ainda no rumo de Rosenfeld, a valorização científica, que se insere como objetivo e metodologia nesta análise. Os fatos

¹² ROSENFELD, 1993, p. 242-243.

da época são trazidos pela pesquisa, por meio da análise das exposições de notícias e elaborações intelectuais que, muitas vezes, se apresentam em forma de piadas. Analisam-se os significados do que é dito, entremeando a análise dos seus procedimentos expressivos.

A seleção, análise e apreciação das configurações pelo valor estético, hedonístico e científico na expressão oswaldiana no jornal, justifica-se por essa suscitar a aliança entre os referidos enfoques, uma vez que a linha esquemática do discurso da revolução é apresentada no jornal por meio de um modo inusitado. Esse modo, no seu âmbito interno, reitera-se, modifica-lhe o gênero; na sua macroestrutura, apresenta uma cosmovisão transformadora. Os fatos políticos se deixam explicar de um modo parcial, enquanto que o estado de espírito se evidencia pela linguagem que escreve a zombaria às elites. E a estrutura peculiar pela qual essa linguagem é criada por ele torna seu processo verbal familiarmente legível. Tal justificativa se soma a motivações como a representatividade de Oswald de Andrade na literatura brasileira, pressupondo naturalmente a combinação de características comuns, como o dito jogo de espírito, que está presente tanto no seu papel de ativista da revolução estética quanto no de ativista da revolução política.

Nas representações, são analisadas as construções formuladas com sustentação em modos de ver e representar pelo grotesco, pela palavra irônica, com que revela contradições e busca transportar para campos

diferentes figuras legitimadas em seus espaços já consagrados. Ressaltam-se os pontos em que ele atribui e denuncia a obnubilação coletiva, as mordomias e exageros burgueses. A inconsistência racional e ideológica é um dos pontos que Oswald de Andrade mais busca e ataca. Da sua zombaria surge a generalização hiperbólica do cretinismo do burguês, construída de modo cêntrico em suas elaborações.

Do ponto de vista social, entendem-se os fatores contextuais como motivadores de Oswald de Andrade, uma vez que ele não cria uma tendência subversiva, mas se insere de modo geral nas tendências comunistas e revolucionárias de uma época, ainda que encabeçando atitudes. Nesse seu projeto, conta com colaboradores.

Atando cada um dos pontos mencionados, o objetivo deste estudo tem como centro as configurações expressivas, os significados semânticos e ideológicos da criação de Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*, buscando os sentidos críticos e os efeitos da face estética na sua expressão política; essa que traz à cena problemas sociopolíticos, de modo que os recursos usados ocupem um lugar de destaque no discurso subversivo. E a proposta é apreender propriedades, quer quanto à possibilidade de conceituações e valorização científica dos seus recursos críticos e expressivos, quer quanto à diversidade de reação e sentimento que sua linguagem pode suscitar. Essas considerações iniciais deverão ser ampliadas dos sentidos ideológicos por meio da análise e interpretação das

notícias, artigos e editoriais de *O Homem do Povo*, destacando-se aqueles de autoria oswaldiana, que funcionam de modo substancial, transformando seu jornalismo numa figuração dinâmica, múltipla e original, cujos caracteres, ao final da análise, promovem uma analogia com os gêneros do campo do sério-cômico descrito por Mikhail Bakhtin.¹³

O HOMEM DO POVO: BASES FUNDAMENTAIS

Nos primeiros anos da década de 1930, Oswald de Andrade volta seu pensamento e ação, de modo ostensivo, para questões sociais, econômicas e políticas, engajando-se no ideal da doutrina comunista. Nessa fase, é interessante lembrar o importante papel da então companheira, Patrícia Galvão, Pagu, cuja união o escritor havia tornado pública em 5 de janeiro do ano anterior a *O Homem do Povo*, ou seja, 1930, segundo informa Maria Augusta Fonseca¹⁴. Além de uma polêmica relação afetiva, eles vivem uma contundente parceria ideológica, sendo que, no jornal, demonstra-se a colaboração de Pagu, mais marcadamente na seção “A mulher do povo”.

Sobre a ênfase oswaldiana no embate político, Antonio Candido¹⁵ destaca que o modernista “a partir de 1930 foi comunista militante e atacou de vários

¹³ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.

¹⁴ FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: biografia*. São Paulo: Art. Editora, 1990. 2. ed., revista e aumentada. São Paulo: Globo, 2007, p. 223.

¹⁵ CANDIDO, Antonio. Os dois Oswalds. In: Idem. *Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004, p. 40-48.

modos a burguesia e suas pompas”¹⁶. Tal mudança também será assinalada pelo próprio Oswald de Andrade, em uma entrevista concedida em 1945¹⁷, na qual relata seu encontro com Luiz Carlos Prestes. Nessa oportunidade, Oswald de Andrade evidencia a consciência política do “cavaleiro da esperança”, cujo “conhecimento das doutrinas sociais era completo”¹⁸.

Nessa mesma entrevista, que ocorreu 14 anos após conhecer Luiz Carlos Prestes, Oswald de Andrade atribui a nova orientação intelectual dos anos 30 às seguidas conversas com o revolucionário ex-tenente no exterior:

Conversei com ele [Prestes] três noites a fio nos cafés de Montevideú. E desde aí toda a minha vida intelectual se transformou. Encerrei com prazer o período do Modernismo. Pois aquele homem me apontava um caminho de tarefas mais úteis e mais claras. Desde então, se era já um escritor progressista que tinha como credenciais a parte ativa tomada na renovação da prosa e da poesia do Brasil desde 22, pude ser esse mesmo escritor a serviço de uma causa, a causa do proletariado que Prestes encarnava.¹⁹

O primeiro encontro com Luiz Carlos Prestes ocorreu em data não definida exatamente, mas após o fechamento do jornal *O Homem do Povo*, conforme se observa no segundo capítulo, destinado ao contexto em que foi criado o jornal. Contudo, percebe-se que o escritor assume a participação nos problemas do povo mesmo antes do contato pessoal entre eles, e as ideias de Prestes já constituem referência explícita em *O Homem do Povo*. Exemplo disso é a crítica que Oswald de Andrade faz aos membros do

¹⁶ CANDIDO, 2004, p. 43.

¹⁷ ANDRADE, Oswald de. Entrevista. Luiz Carlos Prestes, como acaba de vê-lo Oswald de Andrade (22.05.1945). In: _____. *Os dentes do Dragão: entrevistas*. São Paulo: Globo, 1990, p. 92-96.

¹⁸ ANDRADE, 1990, p. 93.

¹⁹ ANDRADE, 1990, p. 93-94.

Partido Democrático, em “As angústias de Piratininga”, editorial do sétimo número, apresentado na primeira página:

Vencidos pelo phenomeno da agonia capitalista, a sua cegueira ideologica attribue intenções communistas a sinceros consolidadores da Ordem Burgueza, como francamente são o Coronel João Alberto e o General Miguel Costa, com toda a razão mais de uma vez apontados ao odio das massas exploradas pelo altofalante de Luiz Carlos Prestes.

Mas, além da parte ativa da renovação estética, outras credenciais comuns à renovação modernista se revelam nos artigos e editoriais que ele produz em *O Homem do Povo*, e torna-se evidente no jornal o compartilhamento de traços com a fase anterior, a estética, que serão abordados neste trabalho, destacando o papel do modernista na busca de apreensão do país, cedendo lugar à temática política, e ainda confiando na “era da máquina” como uma benesse. Assim, no editorial do primeiro número do jornal *O Homem do Povo*, Oswald de Andrade define uma vontade:

Queremos a revolução nacional como etapa da harmonia planetária que nos promette a éra da maquina.

Nesses termos iniciais, e clamando pela consciência revolucionária e superação do modelo capitalista, Oswald de Andrade alude a este sistema, em vários pontos do jornal, como sendo um jogo de “cabra-cega”. Inclui nessa metáfora uma crítica à medida financeira que o Brasil estava prestes a tomar: o empréstimo e o *funding*²⁰. O empréstimo consiste em aquisição de valores em dinheiro; e o *funding*, em emissão de títulos. Desses dois tipos

²⁰ Cf. ABREU, Marcelo de Paiva. *A Ordem do Progresso – cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1990.

de financiamento, o Brasil, mais tarde, acaba por recorrer ao segundo. Este se torna um dos principais alvos da sátira de Oswald de Andrade no jornal. No mesmo contexto são atacadas as elites econômica e burguesa bem como vários segmentos da elite intelectual brasileira. Desse modo peculiar, o periódico insere-se como exemplar radical de uma tendência voltada às questões nacionais. Contextualizadas por essa vertente da década de 30, as elaborações de muitos intelectuais brasileiros, tais como Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, cada qual por um prisma, convergem no empenho com a questão social. Tal preocupação, seja de um ponto de vista conservador ou progressista, resultará em novas formas mais consistentes de pensar e representar o Brasil, em campos vários, da política às artes.

A participação de escritores modernistas na nova orientação “aberta”, nos anos de 1930, foi fundamental. No ensaio “Literatura e cultura – de 1900 a 1945”²¹, Antonio Candido enfatiza a maior representatividade da questão social na produção literária dos anos 30. Segundo esse crítico, a então tendência do Modernismo para a análise vai desde “a crônica polêmica (arma tática por excelência, nas mãos de Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Holanda), até o longo ensaio histórico e sociológico, que incorporou o movimento ao pensamento nacional”²². Explica que, sobretudo nos anos 30, as manifestações literárias se emparelham ao pensamento sobre o país, e “todos esquadrinham, tentam

²¹ CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 109-138.

²² CANDIDO, 1976, p. 109-138.

sínteses, procuram explicações”²³. No início do ano de 1931, fermentado por fatos já em pleno governo provisório de Vargas, e ainda com os reflexos da queda da bolsa de Nova Iorque (1929), vivenciam-se problemas que se refletem na forte crítica social da prosa modernista dos anos 30 e 40, a qual, via de regra, evidenciou, por engajamento ou por necessidade interna, aspectos da problemática nacional na esfera político-social, conforme atesta Candido:

Romance fortemente marcado de neonaturalismo e de inspiração popular, visando aos dramas contidos em aspectos característicos do país: decadência da aristocracia rural e formação do proletariado (José Lins do Rego); poesia e luta do trabalhador (Jorge Amado, Amando Fontes); êxodo rural, cangaço (José Américo de Almeida, Raquel de Queirós, Graciliano Ramos); vida difícil das cidades em rápida transformação (Érico Veríssimo).²⁴

Em relação a Oswald de Andrade, esse contexto é visto por sua face de crítica social, cujas propriedades dialogam com vertentes do movimento estético de 22. Retomando questões relativas aos anos 30, lembra-se que a grande mudança política e filosófica ocorrida nesse período também deixou suas marcas na produção estética e ensaística. Por esse viés, Antonio Candido assinala a “busca do espírito popular, a irreverência como atitude”²⁵, além de questões de outra natureza, como a subversão da ordem política e da importante conscientização da intelectualidade e de certo segmento da população operária sobre o papel das massas na construção da sociedade. Na sua argumentação o crítico explica:

²³CANDIDO, 1976, p. 135.

²⁴CANDIDO, 1976, p. 123.

²⁵CANDIDO, 1976, p. 135.

E este alargamento da inteligência em direção aos temas e problemas populares contribuiu poderosamente para criar condições de desenvolvimento das aspirações radicais, que tentariam orientar, dar forma, ou quando menos sentir a inquietação popular. O que se poderia no melhor sentido, chamar de libertinagem espiritual do Modernismo, contribuiu para o fermento de negação da ordem estabelecida, sem o qual não se desenvolve a rebeldia social e o conseqüente radicalismo político²⁶.

O processo de politização e posicionamento sobre questões sócio-culturais detectado pelo crítico, identificando a aproximação do intelectual e do artista com a massa, também foi destacado por Mário da Silva Brito em *Ângulo e Horizonte*²⁷, ao tratar, por exemplo, de Tarsila do Amaral, que, segundo ele, em 1931 estava na Rússia soviética. Brito entende como fator contextual de dois óleos sobre tela de Tarsila do Amaral, *Operários* e *Segunda classe*, expostos em 1933, a presença da figuração marcadamente política da pintora, no caso, escolhendo uma temática voltada para a vida dos homens comuns, “assemelhados pela mesma miséria, identificados na dor, no nada que representam perante as forças mais poderosas das cúpulas dominantes e dominadoras. O mundo trágico – mas esperançado – da luta de classes”²⁸.

Esses pressupostos da época em que circulou o jornal *O Homem do Povo* demonstram que já havia no país uma efervescência militante e propensão a tendências políticas de esquerda como aquela abraçada radicalmente por Oswald de Andrade. A expressão e a atitude oswaldiana no jornal evidenciam, por exemplo, sua tendência para liderar movimentos e

²⁶ CANDIDO, 1976, p. 134 -135.

²⁷ BRITO, Mário da Silva. *Ângulo e Horizonte: de Oswald de Andrade à Ficção* – Científica. São Paulo: Martins, 1969.

²⁸ BRITO, 1969, p. 54.

agitações públicas pelo uso da palavra e da práxis. “Plebeu”, pseudônimo²⁹ com o qual ele assina o artigo “Política das coisas”, terceira página do primeiro número serve como exemplo, sugerindo a todos esbravejar contra a situação de jugo e exploração do povo brasileiro, como se lê no seguinte fragmento:

*Para isso surgimos. Para estrillar. Estamos agora em dias calmos. As pessoas pacatas respiram entre dois sustos. Mas ao **Homem do Povo** não interessa que os dias sejam calmos. A fome e a opressão apertam cada vez mais o gasnete dO Homem do Povo. Só nisto, só em apertar o seu gasnete estão de acordo aqueles que brigam por causa do **funding** e do empréstimo.*

Comecemos, portanto, a estrillar. [Grifos do autor]

Esse tipo de atitude será explicitado por Benedito Nunes ao arrolar algumas marcas da personalidade indômita de Oswald de Andrade:

um “indisciplinador de almas”, um agitador de idéias, que participava emocionalmente dos temas de que se ocupou, que os vivia, na forma de problemas urgentes e imediatos interligados, problemas que transgrediam a reflexão pura para exigir atitudes práticas do teorizador social, também romancista e poeta, atento à rapidez das transformações da vida humana em nossa época³⁰.

Além da agitação, dinamismo e polêmica presentes no trecho extraído de Benedito Nunes reforça-se a referência ao humor e a presença de espírito, que são pontos importantes para este estudo.

²⁹ Os pseudônimos que Oswald de Andrade usa no jornal serão estudados no capítulo destinado a eles.

³⁰ NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo: Perspectiva, 1979, p. 76.

3 O HOMEM DO POVO: ESTRUTURA, ASSINATURAS E CONEXÕES

Neste capítulo são expostos aspectos da estrutura do jornal, apresentando suas divisões, as características gerais das partes, as assinaturas presentes nos artigos e os articulistas, dentre os quais se destaca de modo especial Astrojildo pereira, cuja atuação é merecedora de um maior detalhamento. A partir das assinaturas, busca-se entender as origens e as suas interligações. Iniciando pelo nome do jornal, o título “O Homem do Povo” encabeça todas as páginas de cada um dos números, antecipando, em torno da expressão determinante “do povo”, impressões sobre seu assunto, seu objeto e sua natureza. O referente do termo “povo” é esclarecido pelo próprio jornal, no artigo intitulado “Commentarios de um homem do povo”, que fica na terceira página do número 2:

povo quer dizer o povo que trabalha, o povo que soffre, o povo oprimido e explorado.

Se, por um lado, o artigo inclui o povo, por outro, exclui a elite:

Não acreditamos que haja alguém sufficientemente cretino para nos vir dizer que o sr. Conde de Matarazzo é povo, que o sr. Crespi é povo, que o sr. Conde de Lara é povo.

Assim, o povo no jornal se opõe ao burguês, do mesmo modo que o capital se opõe ao trabalho, o que traz significados substanciais. O título, para além de simples nome, consiste em ponto de convergência das demais partes do jornal, uma vez que, mesmo variando os assuntos, todas visam à justiça social pela libertação da ideologia dominante. A expressão que encabeça o jornal é sugestiva também por se inserir no campo de outros jornais subversivos, como *A Plebe*, *O Trabalhador*, *A Classe Operária*³¹ etc., alguns publicados desde a segunda década do século XX.

Dando início à abordagem das partes do jornal, cumpre antecipar que *O Homem do Povo*, estruturalmente, se assemelha ao jornal impresso comum. As oito publicações são constituídas de seções, a maioria constante em quase todos os números. Nele encontram-se, também, o editorial em todos os números, notícias, artigos, notas, comentários e anúncios publicitários. Em três números do jornal, a primeira seção apresenta um quadro destinado às informações sobre o seu expediente: endereço da redação (“Praça da Sé 9 E”), o número do telefone (“Telephone 2-2069”) e os preços de venda, avulsa e por assinatura, o que revela uma expectativa de continuidade das tiragens, subentendida pela oferta de assinaturas. As seções não seguem uma constante temática que as distingue em natureza, mas, dentre todas, talvez aquela que mais se diferencie seja a seção “Palco, tela e picadeiro”, que gira especialmente em torno de arte, além de conter a coluna “Esportes

³¹ CARNEIRO, 2001.

no mundo e na ponte grande”, presente nessa mesma seção em todos os números.

Nas primeiras páginas referentes a seus oito números, fica a seção intitulada “A cidade, o paiz, o planeta”, que apresenta, em todos os números do jornal, o editorial assinado por Oswald de Andrade ou por sua alcunha “o homem do povo”, além de trazer - como em todas as seções – artigos críticos, notícias gerais, anúncios e alguns cartuns satíricos. Há a coluna “A Mulher do Povo”, assinada por Pagu. O título se assemelha à expressão “O Homem do Povo”, o que processa uma duplicidade por equivaler ao feminino da principal bandeira do jornal, ou seja, o homem do povo. A delimitação de um espaço que busca legitimar o papel da mulher no jornal abre as portas e também incita tomadas de posição por parte do público feminino, incluindo aquela da revolução armada. Nota-se, acima de tudo, uma intimação feita à mulher para que saia do papel de inferioridade social que ocupa, então sem direitos civis iguais, e assuma no país um papel ativo, de pensamento agressivo e pela prática política. Em seu desempenho como articulista, Pagu faz coro com Oswald de Andrade, do qual se aproxima em ideologia e atitude, e seu pensamento liberal preconiza mudanças na forma como a mulher brasileira trata o sexo. Maria Augusta Fonseca, tomando como parâmetro os valores vigentes na época, enfatiza a audácia do posicionamento de Pagu. Além disso, dentre as novidades do jornal, a biógrafa de Oswald de Andrade dá ciência sobre “o papel pioneiro de Pagu

ao divulgar suas historietas ilustradas em quadrinhos, acompanhados de legendas”³², atribuindo também a ela outras charges distribuídas pelo jornal. Outra seção é “Pamphleto e doutrina”, com artigos de feição geralmente política e econômica, da qual faz parte “Barometro econômico”, com críticas e fortes ataques ao sistema econômico brasileiro. Essa coluna noticia e comenta fatos e opiniões sobre economia, com base nas circunstâncias do país, inserido na referida crise mundial. A iminência de o país recorrer ao auxílio financeiro do exterior constitui um dos assuntos abordados nessa coluna. Criticam-se as medidas governamentais cogitadas para adoção: o empréstimo e o *funding*. O primeiro consiste em aquisição de valores em espécie, em dinheiro; o segundo, em emissão de títulos. Destes dois tipos de financiamento, cogitados em 1931, recorre-se ao segundo³³.

A seção “Palco, tela e picadeiro”, que teria o palhaço Piolin como “director de scena”, trata de cinema, teatro e circo, sobretudo de São Paulo, criticando e satirizando atores, espectadores burgueses, etc. Nela há a coluna “Esportes no mundo e na ponte grande”, sobre “esportes”. Na quarta página do primeiro número, insere-se a figura Visconde de Xiririca, “notavel homem das letras (não de cambio)”, inventor do “apparelho de medir a distancia em que um gato bem furioso pode cuspir”. Outra seção é “Summario do mundo”, com notícias, artigos e notinhas sobre fatos de outros países. É ela que traz, algumas vezes, as tirinhas com charges inovadoras para a época, intituladas

³² FONSECA, 2007, p. 228.

³³ Cf. ABREU, 1990.

“Malacabeça fanika e kabelluda”, criadas por Pagu. Há nessa seção, em seis números, uma coluna intitulada “o folhetim do homem do povo”, ao final da página, com a história “No paiz da gente nua”. Os capítulos distribuídos em sete números do jornal apresentam uma história hilária sobre a viagem de um francês a um campo de nudismo na Alemanha. O personagem narrador, com muita ironia fala da naturalidade com que o nudismo é praticado por todos no recanto alemão. O folhetim figura-se sem assinatura, mas , apenas no quarto número, apresenta a abreviatura “P. L. Royer”. No terceiro número, esse folhetim é apresentado na seção “Hontem, hoje e amanha”; no quinto número, ele não aparece.

A seção “Hontem, hoje e amanha” também traz fatos gerais como a viagem do príncipe a São Paulo, notícias e artigos sobre política. Nessa última seção, no primeiro número, há o anúncio de uma nova coluna, “A tezoura popular”, para o jornal seguinte, nº 2, como de fato ocorreu. Porém, foi incluído um único artigo, na coluna do jornal seguinte. Assinado por Chiquinha Dell’Oso, o artigo traz orientação sobre o que seria a moda feminina, elegante e simples, e a criação de um estilo que seria “distinto e característico da mulher brasileira”, com um desenho de vestido para suas leitoras, orientadas pela Chiquinha a não serem “escravas de Paris, Londres, etc.”

A periodicidade do jornal é anunciada na sexta página do número 2:

o h o m e m d o p o v o
CIRCULARÁ
ÀS TERÇAS

ÁS QUINTAS
AOS SABBADOS
vitoriosamente

Por fim, entre notícias, artigos, notas e comentários, existem várias propagandas de produtos, de estabelecimentos comerciais e anúncios de profissionais ou de prestação de serviços. No oitavo número, na quarta página, há três exemplos, alternados entre os artigos, de tabelas com os dizeres:

Dr. RAULINO DA SILVEIRA
MEDICO
RUA 21 DE ABRIL, 318
Teleph. 9-2743

100 réis é o preço do café no bar ECONOMICO
PRAÇA DA SE', 9-F

BRASSERIE PAULISTA SALÃO VERDE ~~~~~
O CHÁ ELEGANTE DA CIDADE
Restaurante á la carte = Variado e bom = Almoço e jantar

||||| **PREDIO MARTINELLI** |||||

Sobre as pessoas envolvidas diretamente em *O Homem do Povo*, como colaboradoras de Oswald de Andrade, observa-se que algumas se expõem explicitamente, assinando com seus próprios nomes; outras usam pseudônimos semelhantes a nomes próprios. Existem também os epítetos brincalhões, como alguns já citados neste estudo, na maioria criada por Oswald de Andrade, segundo Augusto de Campos, na introdução para a compilação que publica do jornal. Encabeçando o jornal, apresentam-se os

dizeres “direção do homem do povo” [à direita do nome]; e à esquerda, “editor: alvaro duarte” e “secretários: Pagú e Queiroz Lima”. A origem do nome Alvaro Duarte será abordada um pouco mais adiante. Queiroz Lima, ao que tudo indica, é a assinatura de Eusébio de Queiroz Lima, autor de várias obras sobre sociologia jurídica. Como exemplo, a obra *Theoria do Estado*³⁴, na qual defende que ao Estado cabe considerar de modo fundamental o direito do indivíduo. Segundo o autor, o Estado ideal é aquele que faz aliança entre as aspirações do próprio Estado, as aspirações da nação e as aspirações do indivíduo. O indivíduo, para Queiroz Lima, torna-se o centro dessa relação, pois constitui a gênese e a razão de ser da coletividade. Suas idéias ligam-se às idéias oswaldianas, sobretudo com relação à causa do povo, à qual esse articulista relaciona algumas formulações marxistas. Contudo, torna-se instigante o fato de o nome “Queiroz Lima” não aparecer em qualquer outro ponto do jornal, mas apenas no cabeçalho, ao lado de Pagu, ambos como secretários.

As figurações das autorias dos textos do jornal alternam-se. São anônimos, além do folhetim “no paiz da gente nua”, vários artigos, notícias e notinhas. Os textos nominais, além das assinaturas de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão, apresentam outros nomes que evidenciam seus autores. De Oswald de Andrade são também os textos assinados pela expressão “o homem do povo”, que também corresponde a “direção do jornal”. Outras assinaturas registram o nome real da pessoa. Geraldo Ferraz (1905-1979) escreve uma

³⁴ LIMA, Eusébio de Queiroz. *Theoria do Estado*. Livraria Freitas Bastos: Rio de Janeiro, 1930.

crítica à subscrição que os padres estavam pedindo a favor da catedral da Praça da Sé. Intitulado “pelo amor de deus”, o protesto encontra-se na terceira página do quinto número. O escritor e jornalista Galeão Coutinho (1897-1951), assina um artigo no número 7 do jornal, intitulado “amigos da Rússia”, no qual critica, ironicamente, preconceitos contra a Associação dos Amigos da Rússia. O nome do historiador Brasil Gerson (1904 - ?)³⁵ também se apresenta como articulista de dois artigos sobre política, respectivamente no sétimo e no oitavo número, nos quais explica e defende, sobretudo, o regime socialista. O arquiteto e artista Flávio de Carvalho escreve um artigo sobre teatro, publicado no terceiro número.

Mas muitos pseudônimos não refletem os verdadeiros nomes dos articulistas que cooperaram com Oswald de Andrade. Por trás de “Aurelinio Corvo”, está Astrojildo Pereira³⁶, que se liga aos significados dos seus artigos. O peso das suas elaborações reside na sua vasta experiência comunista, além da sua representatividade, como, por exemplo o fato de ter sido fundador do PCB, em 1922. No jornal, sua proposta evidencia a apologia e o conhecimento do regime socialista. O pseudônimo “Aurelinio Corvo” destaca-se, primeiramente, por assinar o artigo “A carniça está gostosa”, que é entendido por este estudo como um dos mais significativos artigos dos colaboradores de Oswald de Andrade no jornal. Nele, o articulista aponta as notícias que devem ser “ruminadas”. O segundo termo

³⁵ Brasil Gerson é autor, dentre outras, da obra *O Regalismo Brasileiro* – publicado também pela Editora Cátedra / MEC - 1978. A doutrina regalista defende a não interferência do Estado em questões religiosas.

³⁶ ³⁶ Cf. FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário Cordial*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, p. 88.

do nome, “Corvo”, torna-se de maior peso por designar a ave comumente associada pela credence popular a mau presságio, simbolizando anúncio de infortúnios, e evidentemente pela associação ao já consagrado poema, “O Corvo” (“The Raven”), de Edgar Allan Poe. Sob esse ângulo, o uso desse pseudônimo, de início, já revela a ironia de se representar como um personagem de mau agouro, zombando de suas próprias intenções e sugerindo a função de anunciar a desgraça. É como uma representação de espera da morte, hipérbole que se confirma na macroestrutura do jornal, uma vez que a indesejada, no jornal, torna-se desejada se aplicada ao sistema vigente, o qual o “corvo” como que sobrevoa buscando pontos podres para justificar as imprecações.

Do ponto de vista expressivo, nas elaborações que cria para Aurelinio Corvo, nos artigos “A carniça está gostosa” e “o gaz maluco”, Astrojildo parece revelar um procedimento semelhante àquele que Erich Auerbach chama de “fascínio sensorial pelo feio, repulsivo e doentio”³⁷. Essa propriedade, segundo Auerbach, constitui uma das inovações do escritor francês Charles Baudelaire (1821-1867), inauguradas em *As flores do mal*. Essa aproximação é percebida desde o sobrenome “Corvo” e do título do artigo “A carniça está gostosa”, carro-chefe do personagem articulista. O artigo “o gaz maluco”, na quinta página do terceiro número, já referido anteriormente, também apresenta exemplos dessa propriedade. Como já dito, “Aurelinio Corvo” descreve hipoteticamente como seria a próxima

³⁷ AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: *Mimesis*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 448.

guerra: a arma usada, em vez de arma de fogo, seria um gás; não mortífero, mas nefasto por aniquilar o juízo do indivíduo. A cena da enfermeira cidade de São Paulo, sob o efeito do gás, reúne o feio, o repugnante e o doentio:

Espetaculo incomparavel. Deante d'elle, o "Inferno" de Dante vira paraíso; o "Jardim dos supplicios" de Mirbean parece "Jardim das delicias", as paginas de Dostoiewski deixam "A manha" locaute. O Juquery substitue os Campos Elyseos.

A expressão desse trecho, já explicado anteriormente, propicia também uma comparação com aspectos da poética de Baudelaire, lembrando, por exemplo, “Aux objets répugnants nous trouvons des appas;”³⁸. Esse verso, presente em *As flores do mal*, especificamente no poema “Ao leitor”, com que o poeta introduz a obra, recebe de Ivan Junqueira a tradução “Em tudo o que repugna uma jóia encontramos;”³⁹. Buscando um sentido que, de certo modo, se ajusta melhor ao que se quer demonstrar, toma-se o verso original, em língua francesa: o vocábulo “appas”, traduzido para a língua portuguesa, corresponde a “encantos”, “atrativos”. Assim, Baudelaire, dentre outras propostas poéticas e temáticas, antecipa ao leitor nesse primeiro poema de *Les fleurs du mal*, a atração pelos objetos repugnantes e o significativo espaço que eles ocupam em sua poesia. As abordagens gerais que Aurelinio Corvo faz, nos referidos artigos e em outras figurações semelhantes, fazem coro com o gosto do poeta francês. E na escrita do repugnante em Baudelaire, ressalta-se o podre, a carniça, como um desses

³⁸ BAUDELAIRE, Charles. Au lecteur. In:_____. *Les fleurs du mal*. Présenté par Jean-Paul Sartre. Paris: Gallimard, 1964, p. 15-16.

³⁹ BAUDELAIRE, Charles. Ao Leitor. In:_____. *As flores do mal*. Trad. Ivan Nóbrega Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 99.

atrativos. No poema especialmente intitulado “Uma carniça”, o personagem rememora, junto à amada e em detalhes, o estado pútrido e fétido de um animal morto que haviam visto. O fragmento a seguir apresenta suas estrofes iniciais:

Recorda-te do objeto que vimos, ó Graça,
Por belo estio matinal,
Na curva do caminho uma infame carcaça
Num leito que era um carrascal!

Suas pernas para o ar, tal mulher luxuriosa,
Suando venenos e clarões,
Abriam de feição cínica e preguiçosa
O ventre todo exalações.

Resplandecia o sol sobre esta cousa impura
Por ver se a cozia bem
E ao cêntuplo volvia à grandiosa natura
O que ela em si sempre contém;

E o céu olhava do alto a carniça que assombra
Como uma flor desabrochar.
A fedentina era tão forte e sobre a alfombra
Creste que fosses desmaiar.

Moscas vinham zumbir sobre este ventre pútrido
Donde saíam batalhões
Negros de larvas a escorrer – espesso líquido
Ao largo dos vivos rasgões.⁴⁰

Além do poema “Uma carniça”, confirmam a atração pelo objeto asqueroso as seis vezes em que se repete o próprio termo “carniça”, em *As flores do mal*. Nos versos do poema “Ao leitor”, do mesmo modo, saltam aos olhos os termos-chave que articulam as idéias: tolice, pecado, mesquinhez, helmintos, estupro, sordidez, repugna, satã etc.

⁴⁰ BAUDELAIRE, Charles. Uma carniça. In: _____. *As flores do mal*. Trad. Ivan Nóbrega Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 173.

Assim, essas propriedades da poética baudelairiana propiciam um diálogo com configurações em *O Homem do Povo*, não apenas nos escritos de Oswald de Andrade mas também nos de outros articulistas, particularmente Aurelinio Corvo. Nos artigos em que esse se apresenta, atua como peça-chave no jogo dos sentidos que define o papel de ruminar a referida carniça gostosa. Pelo fato de ser o corvo uma ave de hábito alimentar principalmente necrófago, e pela denominação “carniça gostosa”, referente às notícias, o próprio sobrenome “Corvo” torna-se peça complementar na unidade semântica e coerente do jornal, pela ironia como lida com a “carniça gostosa”, ou seja, zombando e prevendo a derrocada do mundo capitalista. Analogamente a Baudelaire, esse procedimento revela o protesto contra o mundo burguês, embora Oswald de Andrade apresente a morte [do capitalismo] como o prelúdio de um novo mundo. Nesse ponto, distingue-se da vontade baudelairiana, a qual Walter Benjamin se refere:

Interromper o curso do mundo — esse era o desejo mais profundo em Baudelaire. O desejo de Josué. Não tanto o profético, pois ele não pensava em retorno. Desse desejo nasciam sua violência, sua impaciência e sua ira; dele também nasciam as tentativas sempre renovadas de atingir o mundo no coração ou de fazê-lo dormir cantando. É por causa desse desejo que, em suas obras, ele faz com que a morte esteja acompanhada de suas exortações.⁴¹

O pseudônimo “Aurelinio Corvo” concatena, pelas propriedades implícitas no termo “corvo”, o articulista ao posicionamento ruminativo. Ou seja, os elementos implícitos no termo unificam-se pela convergência solidária na

⁴¹ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 160.

estrutura satírica que se constrói. No uso de “Aurelinio Corvo”, observa-se a função de profetizar o terror, certamente como alusão satírica à situação que antecede a revolução (“o mundo em combustão”), determinando o valor do seu uso em certos artigos, além dos referidos. Dentre os fatos anunciados, “que vale a pena ruminar”, ele aponta a “carniça gostosa”:

Gréves na Hespanha. Mais estado de sitio em Cuba. Tremedeira de Sanchez Cerro⁴². Trezentos mil soldados vermelhos da China soviética (30.000.000 de habitantes) batendo, palmo a palmo, os bandidos imperialistas.

“Corvo” relaciona-se à proposta que o articulista faz, de triturar e ruminar a carniça, ou seja, os conteúdos. Para isso prescreve os cuidados na produção dos artigos:

Bem entendido, não como papel carbono, resumindo servilmente o noticiário telegraphico em geral. O nosso serviço do exterior será comprimido, denso, tamizado, não só quantitativamente mas sobretudo qualitativamente. Serviço substancioso. O succo dos telegrammas

Com relação à proposta de “ruminação”, é bom lembrar sua base inspirada na esteira de Schopenhauer, em *A arte de escrever*⁴³. O filósofo cunha e explica o termo, definindo por meio dele o processo de assimilar a leitura pela ação do pensamento próprio, no mesmo senso crítico assimilativo que move as elaborações sob o pseudônimo “Aurelinio Corvo”. E sua ênfase

⁴² Com relação ao governo militar, no Chile, consta que houve uma interrupção no mandato presidencial de Luis Miguel Sánchez Cerro, de 01 de março de 1931 até dezembro desse ano, quando Cerro voltou a assumir o posto.

⁴³ SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*; tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

instala-se nas desventuras do mundo capitalista que ele chama de encrencas.

“Hélio Negro” é uma das assinaturas que mais aparecem no jornal, constando nos seis primeiros números, em artigos sobre política e economia. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, esse é o pseudônimo de Antônio Candeias Duarte. A historiadora relata que Candeias Duarte era anarquista, mas escreveu e divulgou publicações comunistas. Diz também que a ele era atribuída a propriedade da tipografia Editora Marenglen que, segundo ela, foi acusada pela polícia da divulgação de vários livretos com traduções de aspectos de doutrinas de esquerda. Interessante é a revelação que ela faz, dentre as publicações da época, sobre *O Homem do Povo*:

Além de publicações deste gênero, a editora Marenglen foi acusada de imprimir jornais “suversivos”, como *O Homem do povo*, o que lhe valeu guarda diária pela polícia. O próprio Candeias - apesar de afirmar às autoridades policiais que estava afastado das lutas socialistas - chegou a escrever para esse periódico com o pseudônimo de “Hélio Negro”, até o momento em que se afastou por discordar de Oswald de Andrade.⁴⁴

Essa informação possibilita inferir que Antônio Candeias Duarte possa ser também a verdadeira identidade do nome “Alvaro Duarte”, referido anteriormente, que se apresenta como editor do jornal. Ao revelar seu

⁴⁴CARNEIRO, 2001, p. 57. .

afastamento, a autora sugere o motivo pelo qual o pseudônimo de Candeias não aparece nos dois últimos números do jornal. A autora diz ainda: “Candeias, que já era prontuariado no DEOPS desde 1917, possuía uma ficha bastante comprometedora: além de anarquista, era registrado como proprietário de uma oficina gráfica e figura de destaque da greve geral de 1917.”⁴⁵ Contudo, diz ela, para se defender das perseguições da polícia, ele afirmava ser apenas tipógrafo de obras subversivas atribuídas a ele e à tipografia Marenglen, de sua propriedade, o que fundamenta a sua figuração pseudônima como Hélio Negro e, muito provavelmente, como Alvaro Duarte.

O pseudônimo “Gildo Pastor” também oculta o nome do crítico Astrojildo Pereira, conforme revela Carlos Augusto Calil:

Astrojildo Pereira (1890-1965), duplo de crítico literário e militante comunista, era colaborador secreto de *O Homem do Povo*, o jornal de combate de Oswald e Pagu, onde escrevia protegido pela capa bucólica de Gildo Pastor, o mesmo pseudônimo que adotou na *Revista Acadêmica*.⁴⁶

Esse pseudônimo consta no quinto e oitavo números, respectivamente nas páginas 3 e 5, nas quais escreve dois artigos de crítica literária: um referente a uma obra de Blaise Cendrars; outra, sobre uma obra de Francesco Fausto Nitti.

⁴⁵CARNEIRO, 2001, p. 57.

⁴⁶CALIL, Carlos Augusto. Papel na Bandeja. In: EULÁLIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001, p. 373.

Raul Maia é outra assinatura, e está presente na primeira, na terceira, na quarta, no sexto e no oitavo números. Ao nome Raul Maia, provavelmente correspondam as iniciais “R.M.” ou apenas “R.”, com que também se assinam artigos do jornal. Porém, a partir de dados encontrados em algumas obras da época, tudo indica que o nome seja um pseudônimo. Além de temas socialistas, as obras trazem a mesma assinatura. É o caso do *Dicionário da Questão Social*⁴⁷, encontrado na edição de 1934, em cujo prefácio o apresentador da obra, Antônio de Figueiredo, afirma:

Raul Maia é o pseudonymo de um intellectual sincero, devotado dos problemas que há oitenta anos vêm agitando a humanidade. Não é um militante renitente, impulsivo, inflamado; é tão somente um sympatisante de doutrinas, que aos poucos se vão infiltrando entre as massas de operarios e de burguezes, victimas dos desequilíbrios e egoísmos, provocados ou exacerbados por minorias embrutecidas com as preocupações monstruosas dos lucros e das grandezas terrenas.⁴⁸

Em tom de elogio, Figueiredo diz que o dicionário é uma obra tendenciosa, esclarecendo a sua natureza subversiva e sugerindo as implicações sociais do momento no tocante a assinatura. Nessa apresentação, Figueiredo fornece não apenas a informação sobre o caráter pseudônimo do nome Raul Maia, mas também o conhecimento de traços subversivos com que se ligam à mesma pessoa os papéis de escritor e colaborador de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. Reforça esse entendimento o conteúdo da referida obra: o primeiro verbete do *Diccionario* traz a acepção do vocábulo

⁴⁷ MAIA, Raul. *Diccionario da Questão Social*. São Paulo. Caramurú, 1934.

⁴⁸ FIGUEIREDO, Antônio. Prefácio. In: MAIA, Raul. *Diccionario da Questão Social*. São Paulo. Caramurú, 1934.

“Anarchia”, em que Raul Maia define, ao longo de três páginas, a sociedade anárquica, sem governo, sem chefe, sem autoridade constituída, baseada no apoio mútuo. Em sua explicação, critica a ideia de que anarquismo signifique desordem. Dentre seus julgamentos, também considera tirano o sistema de governo advindo da burguesia, o qual, segundo ele, impõe à grande massa aquilo que convém à minoria burguesa. Suas elaborações, se associadas à escrita oswaldiana e à natureza do jornal, tornam-se essenciais. Dentre outros posicionamentos, “Raul Maia” diz que a desordem de uma sociedade, na verdade, é instalada pelo governo, o qual ele considera “fatal e necessariamente, desordem e crime, confusão e tyrannia”⁴⁹.

Outra assinatura é Antonio Manoel Vinhais, nome da figura que o português Edgar Rodrigues agrupa ao seu próprio como um dos militantes anarquistas do Brasil, dentre muitos outros listados por ele. O fragmento a seguir consiste no último trecho dessa lista, com uma curta, mas esclarecedora, explicação ao final:

Amilcar dos Santos, António Manuel Vinhais, Adelino Tavares de Pinho, Manuel Marques Bastos, o autor e outros nascidos em Portugal, apoiando como podiam o movimento libertário lusitano e, com a colaboração de anarquistas brasileiros, denunciavam no Brasil e na Europa as tiranias dos governos monárquicos republicanos e fascistas.⁵⁰

Esses articulistas tornam-se úteis ao protesto de Oswald de Andrade, cuja crítica comunista, muitas vezes, se aproxima da concepção anarquista, que busca destruir todas as limitações da liberdade do homem. Reflete a

⁴⁹ MAIA, Raul, 1934, p. 2.

⁵⁰ RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata*, Vol. 1. Florianópolis: Insular, 1999, p. 193-194.

primazia dessa posição o artigo de fundo “Ordem e Progresso”, que se inicia pelo repúdio a autoridades militares e religiosas:

Não temos generaes nem prophetas. Somos a opinião livre mas bem informada. Sabemos nos collocar no espaço-tempo.

Na verdade, essas autoridades, abordadas inicialmente, representam em metonímia quaisquer outras autoridades que subjuguem o homem. As alianças de colaboradores, na pregação comunista idealizada por Oswald de Andrade, delimitam os traços radicalmente libertários do jornal, em que o comunismo oswaldiano surge e se mescla do anarquismo. Essa mistura é confirmada quando diz, pouco mais tarde (1933), no prefácio de *Serafim Ponte Grande*: “Do meu fundamental anarquismo jorrava sempre uma fonte sadia, o sarcasmo”⁵¹. A abordagem pretérita (“jorrava”) lembra que o anarquismo seria, algum tempo depois, superado por ele, o que é reforçado pelo adjetivo “sadia”, que insinua, também, uma ponderação positiva do sentido negativo que ele parece atribuir a sua fase anárquica. A transição entre anarquismo e socialismo é abordado na obra *Caminhos percorridos*⁵², em que Ferreira Lima aborda o anarquismo no Brasil como uma fase por que passaram vários militantes antes de se tornarem comunistas. Esse dado é documentado, inclusive, a partir de uma foto de cinco pessoas sobre a qual o autor refere-se na legenda como “futuros *camaradas* ainda anarco-

⁵¹ ANDRADE, Oswald. Prefácio. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 2005, p. 38.

⁵² LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos*: memórias de militância. São Paulo: Brasiliense, 1982.

sindicalistas”⁵³ [grifo itálico do autor; sublinhado, nosso]. Torna-se oportuno acrescentar que, na foto, Lima aponta Astrojildo Pereira e Edgar Leunroth, conectando-os entre si. Este último consta como parceiro na autoria do livreto *O que é o Marxismo ou Bolchevismo*⁵⁴ (s/d), que ele assina juntamente com Antonio Candeias Duarte. Este último afigura-se na obra sob o mesmo pseudônimo “Hélio Negro”, o qual, como já visto, também usa para assinar seus artigos no jornal *O Homem do Povo*. O autor dos *Caminhos percorridos* também aborda o nome de Oswald de Andrade, porém refere-se a contatos que teria travado de passagem com o modernista, por meio de atividades jornalísticas na década de 40.

Portanto, pode-se compreender a conexão entre os articulistas do jornal tanto pela ideologia de esquerda quanto pelos contatos relatados pela História. Investigando-se melhor, podem-se aprofundar ou ajustar mais essas relações, além das já citadas. Exemplo que amplia o entendimento de suas ligações reside no registro em que estão congregados os articulistas Antonio Candeias Duarte e Astrojildo Pereira, o que, por conseguinte, reforça a ligação com Oswald de Andrade, o jornal e sua ideologia. Maria Luiza Tucci Carneiro confere cumplicidade e interação ideológica entre eles, tendo em vista outras publicações:

Antônio Candeias Duarte, proprietário da tipografia, envolveu-se diretamente com intelectuais da resistência interessados em multiplicar os conhecimentos sobre a URSS e o ideário socialista. Inclusive, Astrogildo [sic]

⁵³ LIMA, 1982, p. 113.

⁵⁴ Encontrado na edição: LEUENROTH, Edgar; NEGRO, Hélio. *O que é o Marxismo ou Bolchevismo*. Coleção Libertária. São Paulo: Semente, n/d.

Pereira – chegou a procurá-lo em 1931 para imprimir os livretos *O que é o Plano Qüinqüenal* e em *Marcha para o Socialismo*.⁵⁵

“Corypheu” consiste em outro pseudônimo do jornal. Como personagem do teatro antigo, corifeu é a voz de destaque e a maior figura no coro das tragédias e comédias gregas. Na associação entre o nome real e o epíteto, há um efeito duplo. Primeiro, sugere uma relação com o ativista e articulista principal do jornal. De fato, o destaque na organização do periódico e, por assim dizer, no coro que entoa a sátira, fica para a voz de Oswald de Andrade, que se revela, em analogia com as peças gregas, o “corifeu” do jornal. Segundo, possibilita outra hipótese com relação à sua autoria. Trata-se de Corifeu de Azevedo Marques (1907-1965) que, segundo Heitor Ferreira Lima, nos referidos *Caminhos percorridos*, já exerceu a militância e a direção do Partido Comunista Brasileiro nos anos 30. Tal hipótese deve-se à semelhança no nome, propriedade observada em alguns pseudônimos usados pelos esquerdistas na época de repressão, mas principalmente às conexões, tendências e atividades subversivas do Corifeu de Azevedo Marques, que pode, muito provavelmente, ter cooperado com o jornal.

É bem verdade que a relação que se estabelece entre Oswald de Andrade, os pseudônimos e outros articulistas está ligada a um trabalho de interpretação, pelos traços estilísticos, dados concretos, inferências e significados evocados para além do texto. E, mesmo com o complexo

⁵⁵ CARNEIRO, 2001, p. 57.

trabalho de interpretação e pesquisa, que possibilita o avanço a respeito da projeção da pessoa por trás do pseudônimo, há alguns pontos que ficam meio intermediários entre a partida e a chegada. Até com relação ao auxílio que Augusto de Campos fornece, na introdução que faz para a coleção do jornal, percebe-se que, ao apontar para Oswald de Andrade como a pessoa por trás da maioria dos pseudônimos, ele o faz sem dogmatismo, dando espaço para outras hipóteses. Além disso, ele estima a autoria oswaldiana para a *maioria* dos pseudônimos, não para a sua totalidade. Assim, esse trabalho de intérprete envolve uma série de implicações explicadas nos seguintes termos por Alfredo Bosi⁵⁶:

De fato, o que este [o intérprete] deseja é tocar um alvo difícil: "elaborar um discurso de compreensão". E segurar com a sua palavra o que já é, em si, a resultante formalizada de operações complexas de projeção, deslocamento, condensação, sublimação, degradação, mascaramento, desmascaramento, harmonização, ideologização...⁵⁷

Dessa maneira, em “Corypheu”, projetam-se sentidos como se ele fosse não da pessoa dominante no jornal, mas da voz dominante no jornal; nela condensa o papel de liderança, que precede e interage a interpretação dos seus significados. A partir desses fatos, as operações mentais e relacionais tornam possível associar a criatura “Corypheu” ao um dos seus possíveis criadores: Corifeu de Azevedo Marques. Ambos, acrescidos da ideologia do

⁵⁶BOSI, Alfredo. A interpretação da obra de arte literária. In:_____. *Céu, Inferno*. 2003, São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003 p. 461-480.

⁵⁷BOSI, 2003, p. 465.

jornal, tornam-se a manifestação dos laços criados por Oswald de Andrade. Assim, as elaborações dos demais articulistas que assinam por pseudônimos tornam-se tangenciais ao pensamento e tendência oswaldiana, aparentemente não havendo pontos discrepantes quanto à ideologia.

Há ainda em *O Homem do Povo* os nomes “Capitão Rodolfo Valois”, “Fred Roiz”, “Herman Sayão”, “Visconde de Xiririca”. Outros se evidenciam como apelidos, como “Repórter Z”, “Cobra”, “Carcamano”, “Anonimus”, “Lima-trilhos”, “Marriba”, “Piramidon” e “Montenegro”. Este último evoca a nação socialista da Europa, Montenegro, cujo relevo e localização favorece grande resistência em ataques de guerra. A autoria da maioria desses pseudônimos, a partir de Augusto de Campos, na introdução da edição fac-similar do jornal, seria do próprio Oswald de Andrade. Os epítetos femininos são: “Brequinha”, “G. Léa”, “Irmã Paula”, “Apparecida”, “K. B. Luda”, “Mme. Chiquinha Dell’oso”.

Por fim, apenas mais uma ocorrência em que há outra forma de se manifestar com respeito à autoria da escrita: presente na sexta página do número 5 do jornal, há uma entrevista intitulada “o terceiro ‘funding loan’ é a solução ao caso econômico do Brasil”, com indicação de ter sido concedida ao “Homem do Povo”. Nessa entrevista, no local da assinatura há uma interrogação. A ocorrência se une às várias configurações das atitudes e atuações dos articulistas do jornal, cujos nomes misturam realidade e criação, sugestão e afirmação. As pessoas ora se insinuam, ora encaram,

ora usam estratégias de proteção. Protegidos ou não, a zona de contato está no ataque direto ao poder e nas idéias que congregam para defender uma sociedade mais justa.

4 CONFIGURAÇÕES DO HUMOR EM *O HOMEM DO POVO*

As constantes expressões humorísticas de Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo* serão aqui estudadas, em princípio, segundo o conceito de Vladimir Propp, na obra *Comicidade e Riso*⁵⁸, em que o humor é entendido, entre outras facetas, como “a capacidade de perceber e criar o cômico”.⁵⁹ Mas a deflagração do humor nos textos de Oswald de Andrade, na maior parte, instala-se por meio do modo de ver e dizer, e não como propriedade evidente dos fatos expostos. Assim, em relação ao riso suscitado pela sua expressão, percebe-se que ele, de certo modo, *cria*, e não simplesmente *percebe* a comicidade dos fatos, embora seja complicado delimitar os termos dessa distinção. Ao relatar os acontecimentos, transmitir as notícias ou argumentar, Oswald de Andrade está sempre às voltas com expressões jocosas pelo uso da ironia, do trocadilho, do paradoxo, do exagero cômico, da hipérbole, da caricatura, dentre outros. O uso desses recursos instaura a crítica a fatos, a pessoas, a entidades e a atitudes.

Na acepção de Bergson, espirituoso é o indivíduo dotado de certa disposição para construir cenas de comédia, pondo na berlinda o senso comum e transformando ideias correntes em paradoxos. Cita-se uma

⁵⁸PROPP, 1992.

⁵⁹PROPP, 1992, p. 152.

distinção feita por Bergson que se aplica à escrita de Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*:

Haveria aí uma importante distinção que fazemos entre o *espirituoso* e o *cômico*. Talvez achemos que o que se diz é considerado cômico quando nos faz rir de quem o diz, e espirituoso quando nos faz rir de um terceiro ou de nós mesmos. Mas, na maioria das vezes, não poderíamos decidir se a frase é cômica ou espirituosa. É risível simplesmente.⁶⁰

Oswald adere ao que “Aurelinio Corvo” diz no artigo “A carniça está gostosa”, na quinta página do primeiro número, no fragmento “O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão Revolução”. Essa determinação ilustra bem o teor das suas hiperbólicas afigurações espirituosas, nas notícias, editoriais e artigos oswaldianos, em que ele apresenta o mundo capitalista em ruína.

Ao mundo afigurado como trágico, a exposição do caráter ridículo dos poderosos que dominam esse mundo constrói uma grande comédia, numa mistura de crítica, protesto e zombaria. No estudo dessa mistura, percebe-se ao final que ele mistura também os espaços e papéis consagrados na hierarquia da sociedade capitalista. Assim, diante da crise mundial após 1929, representada pela convulsão, a sociedade burguesa é mostrada por Oswald de Andrade de modo a desvelar o “mundo às avessas”⁶¹, ou seja, no sentido de inverterem-se os espaços e papéis. Como exemplo, o imperialismo exercido pelo poderio inglês, ícone de domínio e autoridade, torna-se o inverso do poder por diferentes procedimentos de construção e de

⁶⁰ BERGSON, 2001, p. 77.

⁶¹ Essa expressão, cunhada por Mikhail Bakhtin, será tratada no capítulo destinado ao sério- cômico.

expressão que ridicularizam a pompa, como ocorre na primeira página do quarto número, no editorial “A ordem da ferradura”:

O Brasil foi mimoseado com diversos pares de coices principescos por S. A. Eduardo de Windsor, pau d’água emerito, cujo fim se espera seja, mais dia menos dia, o de um grão duque bebado da Russia Tzarista.

O vocabulário empregado, como os termos “mimosear”, “coice”, “pau d’água”, “bêbado”, os diversos recursos de rebaixamento em relação a pessoas envolvidas (nesse caso, príncipes e tzares) e os assuntos tratados serão analisados passo a passo no decorrer do estudo. De antemão, apresentar um dos representantes da hierarquia mais alta da nobreza inglesa (futuro rei) como “pau d’água emérito”, enfatizando a vulgaridade da conduta pública, incompatível com a sobriedade que deve manter um dignitário de Estado e da nobreza é manifesta declaração de desprezo, ajuizando, pelo uso do rebaixamento vocabular, a desqualificação do outro para o cargo que exerce. Nesse sentido, Oswald de Andrade procede o destronamento da realeza. A habilidade no jogo com as idéias (Brasil sendo “mimoseado por coices principescos”, por exemplo) fortalece o procedimento. Neste caso, podemos concluir com Bergson a respeito do indivíduo espirituoso:

No sentido mais amplo da palavra, parece que se chama de espirituosa certa maneira *dramática* de pensar. Em vez de manejar as idéias como símbolos indiferentes, a pessoa espirituosa as vê, ouve e, sobretudo, as faz dialogar como se fossem gente. Ela as põe em cena e põe a si mesma, até certo ponto, em cena também. [grifo do autor]⁶².

⁶² BERGSON, 2001, p. 78.

Percebe-se que, em *O Homem do Povo*, o articulista busca apontar e divertir-se com defeitos e vícios das elites. E a estupidez é o traço individual mais focado na crítica de Oswald de Andrade no jornal. Na sexta página do número 2, o título e os subtítulos demonstram essa tendência quando dizem:

*O general capitão Tavora queria
Conspirar mais!*

~~~~~
*Contanto que pagássemos um arame surdo á
Inglaterra e aos Estados Unidos e deixássemos
aos ricos a fortuna social!*

*Luiz Carlos Prestes chama-o de safadíssimo
o homem do povo pensa que pôde ser burrice*

O tratamento que ele dispensa à falta de inteligência evoca, para análise de suas propriedades cômicas, as explicações de Vladimir Propp sobre o referido problema, que ele denomina de “alogismo”. Entre outras distinções, Propp define o alogismo como a “incapacidade de juntar uma consequência com suas causas”⁶³. E acrescenta que a estultice, “a incapacidade mais elementar de observar corretamente, de ligar causas e efeitos, desperta o riso.”⁶⁴ De um modo geral, Oswald de Andrade atribui tal defeito à

---

⁶³ PROPP, 1992, p. 108.

⁶⁴ PROPP, 1992, p. 106.

burguesia, ou seja, considera-o um problema de classe. Alguns exemplos podem tornar evidentes a intenção e o efeito da ridicularização. A sequência abordará primeiramente o alogismo, por ser esse o principal defeito imputado por Oswald de Andrade às figuras que considera vilãs da sociedade. Depois se apresentam os recursos expressivos que ele, como articulista, utiliza para satirizar as elites no Brasil pelo alogismo.

4.1 ALOGISMO

Em vários pontos do jornal, conforme dito, procedendo de modo a atacar o que toma como imbecilidade, nos termos do alogismo definido por Propp, Oswald de Andrade aponta vários membros da burguesia e da política, inclusive de esquerda, abarcando os membros do Partido Democrático, definindo-os, por exemplo, como “direitistas confusos”, ou seja, privados da lógica política. Tal alogismo, manifesto pela inconsistência ou falta de conhecimento dos fatos básicos que orientam as ideologias políticas, é atribuído aos democratas no primeiro editorial de *O Homem do povo*, intitulado “Ordem e Progresso”, em que Oswald de Andrade afirma:

Sabemos que existe a ala canhota no mundo e aqui. Nella se encartam os que acreditando ser da esquerda, não passam de direitosistas confusos.

Em “Tropicos”, pequeno artigo na terceira página do primeiro número do jornal, o articulista, sob o pseudônimo “Alcool-Motor”, condena Plínio Salgado, que no ano anterior, 1930, havia entrado em contato com Mussolini na Europa e aderido aos ideais fascistas⁶⁵, delimitando as bases que o norteariam na fundação do Integralismo no ano seguinte, 1932. Este se torna o paradoxal e alógico “Plínio Saldoce”, trocadilho cujas matrizes serão explicadas adiante. A Plínio Salgado Oswald de Andrade atribui uma formulação alógica que perverteria o conhecimento marxista devido a uma deturpada concepção sobre “luta de classes”⁶⁶:

O Sr. Plinio Saldoce quer que haja classes, mas classes eguaes. Ou nós somos muito burros ou o Sr. Plinio é uma besta. Classes só podem existir em função de uma desigualdade.

Também ocorre a abordagem da fonte do alogismo em “Protestemos”, coluna com notinhas rápidas, na página três do oitavo número, em que uma das notas assinadas por “Corypheu” aponta o alheamento mental de alguns intelectuais afigurados como “cretinos”, entendendo que estes fariam parte das elites, vistas como ignorantes dos fatos e privilegiadas pelo sistema capitalista:

Só a cretinice chata dos nossos intellectuaes “flores de laranjeira” é que não soffre crise. Alheitados de tudo, vivem em frescuras mútuas, nas panelinhas que formam.

---

⁶⁵ Cf. FAUSTO, Bóris. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: _____ (Org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol. 3, São Paulo, 1981, p. 297-336.

⁶⁶ Cf. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paul: Global, 1984.

Ainda, no artigo “Pedagogia”, na terceira página do número três do jornal, o alogismo é o contraponto e o obstáculo no tratamento dos assuntos concretos da educação no Brasil:

A única função social efectiva da educação brasileira tem sido a criação de uma falsa elite, em que se misturam coisas asnáticas a respeito de assuntos concretos e brilhos de rubis, esmeraldas e ametistas – por vezes falsas.

Aqui se denunciam problemas educacionais no que diz respeito à função de emancipação social e intelectual da educação. Contraditoriamente, a educação estaria, segundo ele, formando elites, às quais atribui “coisas asnáticas a respeito de assuntos concretos”. Relacionada a “coisas asnáticas”, a elite fica associada a asno, burro, que na acepção pretendida por Oswald de Andrade, designa os indivíduos imbecis, configurando o alogismo nas elaborações dos mesmos.

Em “Ovo de Marx”, editorial da primeira página do número 2, há um julgamento ideológico da elite burguesa em que seus membros também são caracterizados pela imbecilidade, base do alogismo, nos seguintes termos:

Mas quem é essa ELITE, em cujas mãos se monopolizam os “meios de produção”? Imbecis de toda especie, moços que não tem um dedo de conhecimento da vida [grifos do autor].

Avançando na apreensão dos sentidos sobre o alogismo, ainda no mesmo editorial “Ovo de Marx”, Oswald de Andrade contrapõe, puxando interesse para a sua causa, a falta de consciência crítica, advinda do pensamento

alógico, à sabedoria e logicidade da teoria marxista. Aliás, de modo geral, é a oposição capitalismo x comunismo que constitui a base a partir da qual o editorialista relaciona, denuncia, ridiculariza e confronta fatos em torno do que qualifica como sendo privado de lógica:

O Coronel João Alberto que viveu exilado e achincalhado pela plutocracia brasileira, deve hesitar hoje mais do que nunca ante esses títeres do Jockey Club, duvidando quem sabe da saúde mental desses terríveis e bambos usufrutuários da fortuna social. Eles pretendem somente isto: continuar a apartar da colectividade activa e sadia, os meios de produção social – a terra, o dinheiro, o poder.

Eis o que se deduz para o caso de São Paulo, dos profundos e simples ensinamentos do philosopho allemão Karl Marx, que por signal não é russo.

Na oposição comunismo x capitalismo, subentende-se a burguesia como antagonista do proletário, contrapondo-se a saúde deste à doença daquela. Nesse trecho, a representação pela imagem do títere ridiculariza o burguês e o opõe à massa. É por meio da comicidade na associação dos personagens a sentidos como “títeres” (fantoques), “bambos”, “doente mental”, que se constrói o teor alógico. Com base nesse defeito, é que a burguesia é tida como alienada pelo sistema do capital, alheada da coletividade popular e contraposta ao homem sadio, trabalhador. É como se a elite estivesse sendo manipulada como títeres, fantoches, indivíduos sem alma, sem inteligência. A revelação de um estado de “limitação mental” corresponde a um modo de perceber e criticar o fato referido, propiciando um efeito de desmascaramento. Os membros do Jockey Club transformam-se em palhaços de classe, indivíduos que só dizem tolices ou são manipulados devido à obtusidade mental. A ganância material, a exploração do

trabalhador e a desigualdade econômica, características do sistema capitalista, fazem parte do que ele designa de “plutocracia”, cujo sentido hiperbólico avoluma de modo caricatural o domínio dos ricos sobre a classe operária. A ridicularização do homem transformado em títere constrói novos sentidos que se juntam no embate contra a ordem burguesa.

Assim, o delineamento do alogismo ultrapassa os limites de um relato ou simples argumento. Ele constitui um ângulo crítico, um ponto de vista que busca sentidos latentes, na intenção de tornar evidentes vícios que, sob um prisma diferente, poderiam ficar incólumes. Além disso, o apontamento do alogismo por Oswald de Andrade configura-se em *O Homem do Povo* de modo que o considera em sua forma latente ou manifesta, modalidades explicadas por Propp no trecho a seguir, cuja análise se aplica ao posicionamento de Oswald de Andrade sobre o problema:

O alogismo pode ser manifesto ou latente. No primeiro caso o alogismo é cômico em si mesmo para aqueles que vêem ou sentem sua manifestação. No segundo caso exige um desmascaramento e o riso surge no momento desse desnudamento. Para o sujeito agente o desmascaramento intervém habitualmente somente quando ele sente as conseqüências de sua estupidez na própria pele. Para o observador, o espectador ou o leitor, o desmascaramento de um alogismo escondido pode ocorrer graças a uma tirada espirituosa e inesperada do interlocutor, que com sua resposta, manifesta a inconsistência do juízo de quem age.⁶⁷

Além dos exemplos relacionados, mostrando a crítica que Oswald de Andrade faz, quando satiriza o que considera a falta de inteligência de

---

⁶⁷ PROPP, 1992, p. 107.

determinadas palavras ou comportamentos, o alogismo é combustível para a ação no jornal. Em vários pontos, lê-se a exclamação “Cretinos!”, e em muitas vezes seu uso se refere a fatos em que ele explicita um raciocínio ou uma ação alógica. Essa generalização do alogismo burguês, muitas vezes direcionada a classes profissionais e suas práticas, está presente na sexta página do último número de *O Homem do Povo*, de 13 de abril, no artigo “Nada de confusões”. Ao criticar o uso de cadáveres somente de pobres, e não de ricos, como objeto de experiência do curso de medicina, ele provoca apontando a causa do alogismo das elites:

Se por parte dos professores há receio de se desiludirem, encontrando um punhado de palha secca na cabeça de “celebridades” que por este mundo se agitam, nós não temos a culpa.

Fica clara a relação que se estabelece entre a elite e a estupidez, causa das ações e pensamentos alógicos. Na crítica a segmentos privilegiados da sociedade, o alogismo abastece o riso enquanto arma que ele cria para contrapor-se, sobretudo, ao poder oficial no país. Este, como benfeitor da burguesia, segundo entendimento de Oswald de Andrade, é o antagonista do progresso na vida socioeconômica brasileira que, por vezes, é representada como comédia no jornal *O Homem do Povo*.

Por fim, um exemplo em que o alogismo reforça a sátira ao imperialismo: no editorial do número 4, “a ordem da ferradura”, Oswald de Andrade refere-se à aristocracia inglesa, tomando por burros seus senhores, dentre os quais faz questão de incluir o príncipe Eduardo de Windsor:

- cujas ladies já agora, conforme afirma Paul Morand, só se contentam com pretos e cujos lordes ambíguos são doces e burros como o herdeiro que nos visita -

Os recursos expressivos usados na representação do alogismo figuram por meio de mecanismos que variam em configuração e efeito.

Em torno desse foco de ataque, surgem variações como o grotesco, geralmente produzido pela hipérbole da debilidade mental, representando metaforicamente atos, defeitos e problemas denunciados, caracterizando os personagens pelo teor ridículo. Ou seja, Oswald de Andrade, ao noticiar acontecimentos ou ao construir artigos críticos, seja pelo modo jocoso das notícias, seja pelas elaborações, também dotadas de humor, representa os fatos do mundo de modo a revelar o que ele aponta como a estupidez, o referido alogismo, latente em fatos e indivíduos das elites privilegiadas. E ao noticiar acontecimentos ou ao construir raciocínios críticos, buscando tornar visível o caráter estúpido dos mesmos, deflagra o cômico da situação, fato ou comportamento expostos. *O Homem do Povo* constitui, conforme os exemplos citados, um instrumento de sátira, sempre dirigida à sociedade burguesa, sobretudo no Brasil, ao clero e ao sistema capitalista. O que se pretende com os exemplos a seguir é realçar a expressividade das construções oswaldianas como elementos da organicidade e instrumento da sua sátira. Observa-se que a seleção se dá por meio do critério de predominância ou conveniência, não exclusividade, de suas propriedades, e que atuam numa relação de cooperação e complementaridade entre si.

4.2 TROCADILHO

O trocadilho é um procedimento expressivo muito usado no jornal. Também chamado de calembur, o trocadilho consiste no jogo de palavras com as quais, segundo Propp, brinca-se com semelhanças no plano fônico e diferenças de sentido. O trocadilho “ocorre quando um interlocutor compreende a palavra em seu sentido amplo ou geral e o outro substitui esse significado por um sentido mais restrito ou literal”.⁶⁸ Um dos exemplos desse uso por Oswald de Andrade foi registrado anteriormente para tratar das várias configurações do alogismo construído nas denúncias que o articulista faz contra a burguesia. Nesse caso específico, Oswald de Andrade explorou recursos extraídos do nome do escritor Plínio Salgado, que se transforma em “Plínio Saldoce”. O trocadilho que Oswald de Andrade faz com o sobrenome “Salgado” aproxima de modo imprevisto dois sentidos opostos. Nele, “Salgado” e “Saldoce” conjugam-se como sobrenome e epíteto respectivamente. O paradoxo decorrente do jogo com os sentidos que remetem ao sal e ao doce transfere a natureza absurda da coexistência sugerida em “Saldoce” para o personagem a quem o nome é imputado. Essa construção de Oswald de Andrade também pode ser vista com base na explicação de Propp, para quem, mais que “brincadeira inocente e bem-humorada, o calembur pode tornar-se uma arma afiada e

---

⁶⁸ PROPP, 1992, p. 121.

extremamente eficiente. Como outros aspectos do uso de zombaria, ele é capaz de ‘podar’ uma pessoa.”⁶⁹

Um colaborador que também se utiliza do jogo com as palavras, aproximando-se desse procedimento oswaldiano é Astrojildo Pereira que, conforme referência anterior, escreve sob o pseudônimo “Aurelinio Corvo”. Uma das suas elaborações relevantes em relação ao trocadilho ocorre em “PERÚ COM FAROFIA”, título de um artigo na quinta página do quarto número do jornal. O artigo envolve um relato crítico sobre os argumentos usados por um então ministro peruano para justificar a impossibilidade do pagamento integral da dívida externa do Peru. Mas o título é construído de modo que o uso do topônimo “Peru”, associado à ave e a um prato conhecido da cozinha brasileira, o “peru com farofa”, forma um engraçado trocadilho. Assim, ao empregar a palavra “peru”, Astrojildo Pereira/Aurelinio Corvo sugere que se trata da ave assada, uma vez que acresce ao termo a expressão “com farofia”, remetendo ao prato da culinária, composto do seu ingrediente principal, o peru, acompanhado de farofa ou “farófia”, termo também dicionarizado, que pode ser usado no sentido figurativo de bazófia, de “contar lorotas”. Mas é com a leitura do artigo que o título revela o divertido trocadilho: o referente do termo “peru”, que na verdade é o país latino-americano, e o de “farofia”, que se revela como fanfarrice, são esclarecidos no decorrer do texto, conforme se pode concluir a partir do recorte de alguns trechos:

---

⁶⁹ PROPP, 1992, p. 122.

PERÚ COM FAROFIA

*[...] As condições precárias em que se encontra o thesouro peruano – declara o “ministro”, que se chama Vinelli – tornam impossivel o pagamento integral da sua divida externa. [...]
Mas, ainda fazendo tal pedido, o prosa do Vinelli banca o altaneiro e acrescenta:
[...] O governo autorisa-me a repetir que as garantias dadas pelos governos anteriores [...] serão lealmente respeitadas.
Farofia. Perú com farofia.*

A expressão “Perú com farofia” concentra a crítica e constitui o trocadilho. Nota-se que, além do título ela é retomada, em chave de ouro, ao final, instalando em definitivo seu sentido restrito. A graça desse trocadilho reside no efeito global do enunciado, mas é especialmente acentuada pela condensação do duplo efeito, apresentando um trocadilho circunscrito ao título, mas que é resultado dos outros trocadilhos presentes em cada um dos termos (peru e farófia). Desdobrando as palavras “Perú” e “farofia”, estas exprimiriam, respectivamente, o Peru, país latino-americano, e os argumentos fanfarrões (a farófia) do seu ministro. O sentido amplo do título, advindo da construção que une os significados dos termos, transforma-se e torna-se o de que o Peru estaria sendo fanfarrão em seus argumentos no intuito de ludibriar seu credor. O recurso usado pelo colaborador do jornal, ao criar a imagem do prato “peru com farofa”, deflagra o riso e se transforma em chalaça, cooperando com a ideologia e atitude oswaldianas.

No artigo “Circo sem pão”, na quinta página do número 6 do jornal, ao tratar da carestia de alimentos na Itália, o mesmo Aurelinio Corvo inicia com o seguinte ditado:

Tudo nesse mundo é passageiro. Excepto o conductor e o motorneiro.

O adágio já é a apropriação humorística do ditado popular original “Tudo nesse mundo é passageiro”, transformado em pilhéria pela versão que lhe muda a direção quando acrescenta a sequência “Exceto o condutor e o motorneiro”. Astrojildo utiliza o ditado no mesmo tom de paródia, como divertido jogo de palavras processado pela inserção dos dois termos (condutor e motorneiro). Estes atuam de modo a formar uma relação de analogia e ambiguidade com o termo “passageiro”, transportando-o inclusive para outra classe de palavras. O adjetivo “passageiro”, em seu significado de efêmero, sugerido no início da leitura, modifica-se ao tornar-se o substantivo que designa viajante. Esse caso torna-se propício para aplicar a definição que Propp faz de trocadilho, na medida em que, centrado no uso da palavra “passageiro”, o seu sentido consagrado pelo adágio é substituído por um sentido mais restrito. Em suma, o teor cômico se instala devido ao jogo que move semanticamente a natureza inerente ao termo “passageiro”: abstrata num plano; concreta no outro. Neste último agrupam-se passageiro, condutor e motorneiro, constituindo um conjunto semântico, como elementos que são de um mesmo campo, ou seja, o meio de transporte. Esse jogo é reforçado quando se completam os dois primeiros enunciados referidos com a seguinte concessão:

Mesmo quando o passageiro toma o bonde errado.

E também, um pouco mais adiante, em que o ditado é referido por Aurelinio como “filosofia elétrica”.

Esta philosophia electrica veiu-me á mente como epilogo de uma serie de amenas reflexões [...]

Possivelmente a inusitada qualificação do provérbio como “filosofia elétrica”, que atualiza o adágio, é uma alusão ao bonde elétrico. O trocadilho, nesse caso, encontra-se no termo “electrica”, pois seu uso também joga com o sentido amplo e com o restrito.

Outro caso de jogo com palavras encontra-se na sexta página do primeiro número, num artigo que, embora não assinado, este estudo atribui a Oswald de Andrade. A comicidade é construída a começar pelo título: “S.A. manifesta favorável ao afunding do Brasil”, relatando que o príncipe, na intenção de tratar o *funding* como a solução dos problemas econômicos do Brasil, teria dito confidencialmente:

A funding acaba com isso!

O efeito chistoso do relato centra-se no trocadilho, que joga com os significados do substantivo “*funding*”, referente à medida financeira; e do verbo “afundar”, que no contexto em que é usado aponta para a ruína do país. Implicitamente, Oswald de Andrade antevê as implicações do problema, referindo-se satiricamente ao financiamento que ainda seria adotado. Para isso recorre ao trocadilho. Esse procedimento, a partir da tomada do termo em inglês “funding” (fundo de investimento) e da

implantação do outro sentido (afundar), vale-se da semelhança sonora entre eles e desnuda o valor negativo na atuação do poderio inglês. Assim, joga com o sentido subversivo da intenção e o simples relato de um lapso de linguagem. É como se o príncipe tivesse caído nas ciladas da língua, e Oswald de Andrade aproveita para criar a graça a partir desse revés, o que provoca o efeito cômico. O empréstimo estrangeiro com injeção do capital inglês é referido recorrentemente no jornal como sendo o motivo da visita do Príncipe de Gales (Eduardo de Windsor) ao Brasil. O escárnio de Oswald de Andrade mostra uma posição totalmente contra a entrada no país do capital internacional. Tal atitude demonstra a tendência antiimperialista, dentre as demais oposições do jornal, como a antimilitarista, anticlerical, anticapitalista etc. Quanto à linguagem, a elaboração mostra como os recursos expressivos podem dinamizar posicionamentos ideológicos.

No mesmo artigo, outras expressões animam as ideias, e as palavras se articulam como peças do jogo brincalhão de Oswald de Andrade, como no seguinte trecho:

No tempo de D. João VI o cambio estava a 64. Hoje está a 3,5%. Mas tenhamos fé como temos café.

Nesse caso, o jogo com o aspecto fônico parece uma simples rima, mas o aspecto semântico mostra a crítica do trocadilho, configurando o sentido crítico do manejo com as palavras. Lamentando a desvalorização da moeda, a proposta é de que o brasileiro tenha tanta esperança quanto tem café.

Acontece que a crise do café, que acometeu inclusive a família de Oswald de Andrade, havia provocado grande estoque do produto. O sentido negativo implícito é evocado pelo problema financeiro gerado pela queda de preço e estocagem do café. Essa relação imprime um sentido irônico ao preceito “Tenhamos fé”, uma vez que sua sequência é a comparação “como temos café”. A aproximação entre o café brasileiro e a fé do brasileiro produz a satirização do fato, apontando, por meio da malícia brincalhona, para a insolvência do problema econômico. Inclusive, no período do jornal, a crise do café era tão calamitosa que, como se sabe, a medida tomada para a revalorização do seu preço foi a queima de grande parte da sua produção, poucos tempo depois, em junho desse mesmo ano de 1931. Mas o aspecto fônico também constitui elemento importante no enunciado, por retratar um traço do caráter de Oswald de Andrade desde os tempos de garoto: “a presença de espírito instantânea que fazia reverter o desastre em situação pândega”.⁷⁰ A linguagem do enunciado “Mas tenhamos fé como temos café” dá ao trocadilho a sonoridade da rima, lembrando as parlendas nas brincadeiras populares infantis, na sua estrutura rítmica fácil e rápida, que vai ao encontro do estilo brincalhão.

Outra ocorrência de trocadilho encontra-se no artigo “os amigos da light”, na terceira página do quarto número:

A campanha de difamação que Assis Chato-briand, cujo nome verdadeiro é Chico Bandeira de Mello, está fazendo contra a Rússia é uma dessas

---

⁷⁰ FONSECA, 2007, p. 50.

torpezas que só brotariam mesmo do estomago em cólicas do celebérismo amigo da Light.

Oswald de Andrade, sob o pseudônimo “Spartacus”, ataca Francisco de Assis Chateaubriand, refutando o que considera uma campanha difamatória contra a Rússia. A ênfase cômica fornece o sentido de zombaria; e o trocadilho “*Chato-briand*”, feito com o nome próprio do jornalista, delineia o teor cômico do ataque. O procedimento torna-se exemplo da criatividade espirituosa de Oswald de Andrade, que reproduz graficamente a elisão ocorrida na pronúncia das vogais, como acontece com a grafia do codinome pelo qual Chateaubriand era chamado - “Chatô”-, tirando-lhe, contudo, o acento circunflexo, o que provoca a mudança na posição da sílaba tônica. Propicia, com isso, o resultado pretendido, pois o termo “chato” transforma o apelido afetivo do jornalista em defeito a ele atribuído. A estrutura de trocadilho é construída ao integralizar a expressão com “briand”, criando a duplicidade Chato-briand/ Chateaubriand, procedendo a semelhança fônica entre Chato e Chatô, e o jogo de sentidos entre nome e xingamento. O fragmento “briand” pode estar relacionado ao sobrenome do político francês e Nobel da Paz, Aristide Briand (1862-1932)⁷¹, parodiando a representatividade de um em depreciação ao outro. Sua troça tem o intuito de, criticando o posicionamento, criticar a pessoa, ao sugerir a falsidade do uso de “Chateaubriand” como sobrenome. Por isso o exclui, ao dizer “cujo

---

⁷¹ Aristide Briand elaborou em 1928, juntamente com o secretário de Estado americano, Frank B. Kellog, o Pacto Briand-Kellog, de renúncia à guerra. Possivelmente Oswald de Andrade faz uma alusão crítica à aliança com o Estado americano.

nome verdadeiro é Chico Bandeira de Mello”, expondo a questão como uma fragilidade ou presunção. A origem do nome do jornalista é relatada na obra *Chatô*⁷², por Fernando Moraes, seu biógrafo, conforme trecho a seguir:

O sobrenome - Chateaubriand Bandeira de Melo -, no entanto, além de lhe emprestar uma opulência familiar que a seca e as vicissitudes haviam devastado décadas antes, ocultava a raiz do tronco materno, Guedes Gondim, e exibia extravagância européia pouco comum naqueles confins no final do século XIX. Esquisito e impronunciável para a maioria das pessoas do lugar, o Chateaubriand de seu nome nascera singelamente de um gosto do avô paterno.⁷³

Ridicularizando o jornalista, ao calembur somam-se também outros procedimentos com efeito crítico: “Francisco” é substituído por “Chico”, diminuindo, pelo codinome, o valor e a dimensão da pessoa. Por fim, é interessante lembrar que o insulto à pessoa justifica-se pelo ataque feito por Chateaubriand à Rússia, evidenciando a tendência no investimento e valorização do procedimento expressivo, do modo de dizer, nas elaborações oswaldianas, mesmo naquelas que pretendem se pautar pela temática política.

4.3 PARADOXO

Outro recurso expressivo na linguagem oswaldiana em *O Homem do Povo* é o paradoxo. O primeiro exemplo será dado como tendência do jornal de

---

⁷² MORAIS, Fernando. *Chatô: o rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

⁷³ MORAIS, 1994, p. 30.

modo geral e encontra-se no editorial “Ovo de Marx”, na primeira página do segundo número:

O Coronel João Alberto foi coberto de mimos e de risos por essa ralé encasacada e levada de cadeirinha para os fofos divans onde engorda essa monstruosa injustiça social, [...]

A expressão “ralé encasacada” estrutura-se pela contradição entre seus termos. O nome “ralé” que, no uso mais comum, deveria ser definido pela pobreza, por significar a camada social mais baixa, é determinado pelo adjetivo “encasacada”, que é qualificativo de classes privilegiadas, referindo-se a traje cerimonioso. Ou seja, o paradoxo constrói-se pela contradição entre o nome e sua definição. A força da expressão pode ser vista como a aproximação entre a mesquinhez da bajulação e a opulência; a subserviência aparente, mascarando o interesse. Sugere-se uma contradição entre a solicitude demonstrada por “coberto de mimos e risos” e a injustiça social, considerada como a verdadeira prática. Nesse caso, o efeito do paradoxo é o de zombar das elites, transportando-as para o patamar de ralé, delineando-lhes um caráter moralmente reles, embora bem vestidas.

Outro ponto em que se observa a estrutura de paradoxo é encontrado no artigo “Política das coisas”, na terceira página do primeiro número em que, sob o pseudônimo de “Plebeu”, Oswald de Andrade faz a troça:

No Brasil so ha duas realidades econômicas: Londres e Nova Yorque.

O aposto formado pelos termos “Londres e Nova Yorque” modifica o sentido linear do início da oração, por constituir-se de dois termos semanticamente externos ao campo em que se inserem na oração: a realidade econômica brasileira. Por outro lado, revela um ponto de vista crítico sobre a realidade da economia no país, subjugada ao poderio das potências econômicas evocadas. O engenho da estrutura está nesse efeito crítico de caráter anti-imperialista, reforçado pelo paradoxo que se constrói pela contradição do elemento definido, ou seja, dois referentes estrangeiros tratados como pertencentes ao campo da economia brasileira. Mas o que se pressente é que, por traz da abordagem dos fatos e temas tratados, Oswald de Andrade se posiciona como um *blaguer*, soltando suas troças e desfrutando dos resultados, que vêm em forma de riso.

“Aurelinio Corvo” também produz elaborações ricas em paradoxos, como no referido artigo “A carniça está gostosa”, na quinta página do primeiro número do jornal *O Homem do Povo*, em que diz:

O que a todos nos interessa, ao nosso Jornal, e aos nossos leitores, são as notícias sérias, de natureza economicca, política e social. As encrencas todas, as tremendas encrencas do mundo, na hora presente. As conferências pacifistas para aumento dos armamentos.

Como se observa, a frase “As conferências pacifistas para aumento dos armamentos” constitui uma contradição entre a natureza definida para as conferências e o objeto de que elas tratam. À luz da teoria de Vladimir Propp, em *Comicidade e riso*⁷⁴, o paradoxo desnuda uma contradição na

---

⁷⁴PROPP, 1992.

relação entre sujeito e predicado ou numa estrutura em que a definição contradiz o que deveria ser definido. Na organização do raciocínio na construção destacada, a estrutura exprime a coexistência entre a natureza pacífica e instrumentos de guerra (armamentos), ou seja, conciliação e violência. A conciliação pressuposta nas conferências “pacifistas” antagoniza o objetivo de aumento do material de guerra. Nesse caso, o paradoxo é sarcástico por ser intencional. Assim, Astrojildo Pereira envolve-se no clima oswaldiano.

Outra construção estruturada por meio do paradoxo encontra-se no artigo “contra os carangueijos do movimento syndical”, na segunda página do sexto número, em que Oswald de Andrade assina com o pseudônimo “Zumbi”. Desse artigo seleciona-se, a seguir, o trecho que traz uma definição paradoxal do então Ministro do Trabalho, Lindolfo Collor (1890-1942). A crítica de Oswald de Andrade entende que este faria parte de um grupo de tendências reacionárias, cujos objetivos são descritos nas seguintes palavras:

[...] fazer regredir o movimento syndical revolucionário a um estado embrionario de legalismo corporativista, no que se resume a tentativa de fascisação do movimento syndical ora decretado pelo ministro do “trabalho” e outros parasitas exploradores que galgaram o poder político.

A ideia geral do artigo indica a contradição existente no fato de o movimento sindical dos trabalhadores fazer aliança com os interesses do governo, o que seria motivo de tal atitude ser caracterizada como fascista. À elaboração subjaz o sentido paradoxal denunciado por Oswald de Andrade, em que a

vítima cooperaria na elaboração das regras a favor do seu algoz. Mas a ênfase que se pretende dar foca-se no modo como a linguagem oswaldiana ressalta a contradição. A abordagem que ele faz sobre o Ministro Lindolfo Collor implica, ao mesmo tempo, em denúncia e zombaria, apontando seu ataque para o grupo que, segundo ele, seria composto pelo então “ministro do “trabalho” e outros parasitas exploradores que galgaram o poder político”. O efeito que a união dos termos “ministro do trabalho” e “parasitas” instala é o de desacordo entre a definição e o termo definido. A pista deixada pelas aspas no termo “trabalho” indica a ironia com que Oswald de Andrade vê a atuação do político em seu cargo, fato que se confirma na sequência, em que este é tido como parasita. A fina argúcia da definição, contudo, não se dá por uma conceituação das propriedades do ministro, de modo a chegar à definição do seu caráter. Dá-se por meio do uso do termo “outros”, na locução “e *outros parasitas*”, em que Oswald de Andrade cria o antecedente para o raciocínio mental que, na sequência da palavra (“outros”), incluirá Lindolfo Collor na categoria dos parasitas. Em suma, por meio da expressão “ministro do trabalho e *outros parasitas*”, cria-se o pressuposto de que o ministro *também* seria parasita, estruturando a paradoxal relação entre função e funcionário, na qual, seguindo a explicação de Propp sobre paradoxo, a definição da expressão, em vez de defini-la, procede de modo que a contradiz, pois o termo “parasita” designa, ao contrário do que deveria ser a definição de um ministro do trabalho, o indivíduo que não trabalha, mas vive às custas de outro.

Diante dos exemplos expostos, nota-se que o paradoxo, de modo especial, possui em seu próprio interior a natureza tensa e polêmica, o que faz da sua estrutura uma forma propícia ao polemista Oswald de Andrade, inserindo-se como elemento característico e orgânico das construções peculiares a ele.

4.4 IRONIA

Destaca-se ainda a ironia, um dos principais recursos usados por Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*, como instrumento auxiliar de incremento em seu protesto, como no editorial “Ordem e progresso”, na primeira página do número 1:

No bonde em que entramos, no cinema onde vamos, no pão que comemos, pomos sorrindo o obulo generoso de mais de 50 % para os pobrezinhos estrangeiros que ajudaram a criar a nossa grandeza.

Segundo definição de Vladimir Propp, a ironia expressa um conceito, mas subentende o contrário: “Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito.”⁷⁵

No trecho recortado, ao especificar em mais de cinquenta por cento a quantia correspondente ao imposto embutido no valor dos produtos e serviços, derruba-se a hipótese da “generosidade” expressa, e mostra-se o contrário, a exploração estrangeira e a submissão brasileira. Os outros

---

⁷⁵ PROPP, 1992, p. 125.

contrários expressos pelo viés da ironia conformam-se na mesma contundência pela linguagem e revelam o desencontro intencional entre a expressão em si e o que se quer demonstrar. Assim, por “pobrezinhos” subentendem-se “poderosos”; a expressão “nossa grandeza” subentende o seu oposto, a precariedade, o atraso, etc. Nesse trecho a ênfase talvez esteja na subserviência “contente” do brasileiro ao seu algoz, ou seja, considera-se que o brasileiro seria destituído de consciência crítica. Possivelmente, nesse caso, o maior efeito da ironia, comum no estilo oswaldiano, seja o de intensificar o tom de confronto com a ordem estabelecida, segundo a qual o povo deve respeitar (e respeita) a imposição da hierarquia entre nações, e se submeter ao poderio e normas das potências credoras. Paradoxalmente, o homem ingênuo que paga os impostos conflui no leitor coletivo, nos sentidos pretendidos da relação entre denotação e conotação, sentido explícito e sentido implícito. O vazio se preenche no subentendido irônico em que o valor dado pelo termo e o valor assumido por ele, no contexto da ironia, tornam-se claros no trecho. Um exemplo disso é que, como se disse, o sentido produzido pelo diminutivo em “pobrezinhos estrangeiros” no enunciado é seu inverso, que os revela como agentes da exploração imperialista.

O contexto que promove as relações em que a ironia se revela, às vezes, é construído entre enunciados. Em um segmento se diz algo que é derrubado pelo próximo. É o que ocorre entre o título e a primeira frase da seguinte notícia, presente na primeira página do número 3:

homenagem ao talento

O P. D. continua a fazer besteira. No domingo almoçou, em Santo Amaro, o talento incomensurável do Sr. Octavio de Lima e Castro – ínclito director do “Diário Nacional”.

A expectativa é de que se trata de uma notícia sobre homenagem a algum talento, mas ironicamente é derrubada pelo modo com que trata o diretor do *Diário Nacional*. A crítica é confirmada pelo restante da notícia que deprecia a imagem de Lima e Castro e zomba do almoço em sua homenagem.

No quarto número, o editorial “A ordem da ferradura” contém sucessivas formulações irônicas:

Diversos marmanjos do Ministerio do Exterior ficaram de beijo no chão porque o Principe de Galles não lhes distribuiu nem beijos nem commendas nem crachás. A’ ordem do Banho, á ordem da jarreteira, á ordem de Christo, a todas as ordens do mundo de que dispõem os canhões imperialistas para fardar os seus lacaios mais sorridentes – juntou-se, no emtanto, nesta sumptuosa e triste visita do Principe, a criação da Ordem da Ferradura.

É verdade. O Brasil foi mimoseado com diversos pares de coices principescos por S. A. Eduardo de Windsor, pau d’ água emerito, cujo fim se espera seja, mais dia menos dia, o de um grão duque bebado da Russia Tzarista.

[...] o Brasil teve a gloria de ouvir as mais anti-diplomaticas grosserias que um cerebro capitalista da Decadencia podia gerar.

Para S. A. o Brasil é um banco de trem onde põe as nadeegas quem quer ou antes quem é mais forte.

[...]O Brasil ficou agraciado pela real ferradura de S.A. como um pobre banco de Estrada de Ferro, onde deve sentar-se o mais forte – a Inglaterra. Maravilhosa elucidação dos nossos problemas economicos, sociais, politicos e militares!

Nesse fragmento considera-se a força expressiva instalada na conexão de termos e ideias que contrapõem “coices” e “mimos”, e metaforiza o poderio do imperialismo inglês e o jugo do brasileiro. Ao relatar determinado discurso

do Príncipe de Gales no país, Oswald de Andrade concebe sua fala como uma sucessão de grosserias, representando-as como “coices”, imagem que resultaria na criação da metafórica “Ordem da ferradura”. A metonímia formada por meio dos seus termos evoca as ordens de cavalaria, referindo-se explicitamente à famosa Ordem da Jarreteira⁷⁶. Reza a tradição que o príncipe de Gales é um dos cavaleiros dessa Ordem. O emprego dos termos “ferradura” e “coice” relacionam-se de forma irônica com a atitude de um príncipe, de quem geralmente se espera nobreza nos atos e falas. Ferradura, designativo da peça de metal que calça as patas dos cavalos, atua em cooperação com coice, que designa a patada, metaforizando a fala e a atitude do príncipe, tomadas como brutais. Sua fala e respostas são representadas por coices, e ele também, na coerência da figuração, é metaforizado implicitamente como um cavalo. Com base nesses sentidos, Oswald de Andrade cria a metonímia “Ordem da ferradura”, como termo chave para sua crítica. Em torno desta imagem, os “coices” são apresentados de forma irônica como atos de delicadeza, e caracterizados também ironicamente por termos designativos de honra e mérito (“mimoseado”, “agraciado”, “teve a glória”). O contorno irônico do zelo é dado porque, na verdade, subentendem-se os maus tratos, pois o Brasil, vítima do imperialismo, é apresentado ironicamente como mimoseado por seu carrasco. Neste ponto, a estrutura contraditória entre definição e objeto definido “O Brasil foi mimoseado com diversos pares de coices principescos”

---

⁷⁶ A Ordem da jarreteira, dizem, foi criada por Eduardo III a partir de uma inusitada ocorrência num baile, em que durante uma dança cai no salão a liga (jarreteira) de uma mulher. O rei imediatamente a coloca no pescoço e diz “*Honny soit qui mal y pense*”. A frase torna-se o *slogan* da ordem.

conforma-se ao paradoxo e ao sarcasmo. E ao concluir com a frase exclamativa “Maravilhosa elucidação dos nossos problemas economicos, sociais, politicos e militares!”, enfatiza a natureza irônica, uma vez que pela expressão “maravilhosa elucidação” subentende-se exatamente o contrário do que se diz. Assim, a ironia critica o fato de o Brasil, na tentativa de solucionar seus problemas, em vez de beneficiar-se do poder e da experiência do príncipe, torna-se o imolado, a vítima iludida na negociação. Reforça-se a comicidade por expressões como “nádegas”, “ferradura”, “marmanjos”, “lacaio sorridentes”, “a criação da Ordem da Ferradura”, sempre numa relação de rebaixamento pelo uso de atributos de animais para se referir ao homem. Na continuidade, a frase “ficaram de beijo no chão”, dentre outras expressões, constitui exemplo de uma faceta que extrapola o limite irônico e atinge o exagero cômico. Nesse caso, a hipérbole que se forma é de caráter grotesco.

4.5 GROTESCO E HIPÉRBOLE

Expressões como “beijo no chão”, “coices”, “ferraduras” e outras construções elaboradas por Oswald de Andrade também delineiam para seus referentes um teor grotesco em combinações e metáforas por meio das quais se constroem figuras hiperbólicas, imagens exageradas de pessoas ou de fatos impossíveis no mundo natural e na sociedade. Esse tipo de

ocorrência é observado em vários pontos, como nas falas do príncipe de Gales definidas como coices, o que teria motivado a criação da “ordem da ferradura”. Para Vladimir Propp, a representação pelo grotesco exagera o objeto de tal maneira que ele se torna monstruoso, o que “extrapola completamente os limites da realidade e penetra no domínio do fantástico”⁷⁷.

Traços como o grotesco auxiliam na unidade da expressão oswaldiana no jornal por perpassarem seus vários artigos e editoriais, colaborando com a organicidade. Nesse entendimento o grotesco pode ser definido segundo o estudo de Wolfgang Kayser⁷⁸, quando este descreve sua natureza como “o *mundo alheado* (tornado estranho)”⁷⁹ [grifo do autor]. Sob outro prisma, as ocorrências de representação do grotesco, enquanto “grau mais elevado e extremo do exagero”⁸⁰ nos artigos e editoriais de Oswald de Andrade, retratam o estilo oswaldiano, também nada comedido.

No editorial “Ovo de Marx”, na primeira página do número 2, o grotesco não está apenas implícito na representação. O próprio termo “grotesco” é explicitado pela assertiva sobre a elite burguesa. A hipérbole do alogismo extremo determina a interseção de múltiplos defeitos vistos pelo editorialista como inerentes à burguesia:

Mas quem é essa ELITE, em cujas mãos se monopolizam os “meios de produção”? Imbecis de toda especie, moços que não tem um dedo de conhecimento da vida, sucia de coroneis inviris e de mulheres feias, vasia e recalçadas. O rebotalho e a caricatura da “Comedia Humana” de Balzac,

---

⁷⁷ PROPP, 1992, p. 91.

⁷⁸ KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

⁷⁹ KAYSER, 2003, p. 159.

⁸⁰ PROPP, 1992, p. 91.

numa grotesca transposição colonial, peor que a alta sociedade mestiça das terras africanas de Lourenço Marques.

Como figura do exagero que é, a hipérbole pode se afigurar como grotesca quando o exagero é cômico e, sobretudo, quando expõe o defeito em seus limites extremados. Quando Propp diz que o “limite entre a simples hipérbole e o grotesco é convencional”⁸¹, ele está se referindo ao fato de a hipérbole nem sempre promover o sentido ridículo ou excessivo de um defeito. Várias vezes o que é exagerado pela hipérbole possui outra natureza, como as qualidades positivas de algo ou alguém. O grotesco, neste estudo, é visto por um ângulo simples, como a ênfase cômica ou apenas degradante da hipérbole, embora com detalhes e nuances que se aplicam conforme o caso. Aleatoriamente, neste estudo, o termo torna-se ora substantivo, quando define a essência substantivada em alguma configuração, o grotesco; ora adjetivo, quando se opta pelo processo de adjetivação da forma como algo ou alguém se afigura, na representação de um homem grotesco, uma atitude grotesca, por exemplo. Também se intercalam os dois termos “hipérbole” e “grotesco”, tomando-os na mesma acepção, quando a construção hiperbólica for delineada pela comicidade ou pelo exagero do defeito ou do fato negativo, que, embora quase sempre sejam cômicos, podem configurar-se sem que Oswald de Andrade ridicularize o objeto enfocado.

---

⁸¹PROPP, 1992, p. 91

Há um ponto distintivo com relação à comicidade da hipérbole, por exemplo, na primeira página do jornal número 2, no artigo “A vida é dura”, em que o grotesco define a degradação sem provocar o riso. Nesse caso, pressente-se uma fala mais de denúncia do que de zombaria. Oswald de Andrade relata uma enchente que atinge o subúrbio paulista, onde a natureza grotesca assinala a deterioração do suor do pobre. Segundo o artigo, quando a enchente acalma-se, a lama e os paludismos são o resultado do processamento do suor. O drama com que relata o fato é o mote para o articulista delinear os limites extremos de um mundo marginal e sofrido. Num processo que alude à miséria e aponta para a perspectiva trágica diante de qualquer esforço de recuperação das condições normais, lança seu protesto, cuja força metafórica atinge o limite grotesco:

Como se tudo isso não bastasse quando os rios desbordam é a sua vez de passar dias piores. O suor, que faz o conforto dos outros – dos de cima, dos ricos – em vez de produzir o necessário para uma vida melhor dá a lama das enchentes, e os paludismos que quebrantam o animo. E’ um delicioso espetáculo, de um pitoresco periodico insubstituível, que torna mais faceis as pesadas digestões dos que se banqueteam.

A linguagem hiperbólica torna-se análoga à situação, agravada pela contaminação da lama, dejetos da enchente e do suor. Este modifica seu sentido de trabalho digno, geralmente usado por Oswald de Andrade no jornal e, nesse caso, é entendido como agente da doença, do desalento e da prostração. Denuncia-se o desprezo pela contribuição da força produtiva do ser humano, preterido pelos interesses capitalistas. A ironia presente em

“delicioso espetáculo” processa claramente seu efeito de dizer o contrário do que se pretende exprimir. Mas antes de delimitar-se pelo teor trágico, o episódio relatado talvez seja mais bem definido pelo escárnio contra os privilegiados, polo oposto da miséria. Ao tratar do pobre, Oswald de Andrade define o distanciamento emocional que o riso requer, o qual pode ser analisado com base no estudo realizado por Henri Bergson, na obra *O Riso*⁸². O entendimento desse, como será explicado, serve a essa perspectiva, uma vez que Oswald de Andrade se insere na causa da classe oprimida, fato explicitado no primeiro editorial:

Sabemos que existe a ala canhota no mundo e aqui. Nella se encartam os que acreditando ser da esquerda, não passam de direitistas confusos.

Entre uns e outros nos collocamos com uma immensa e clara simpatia pelas reivindicações de nossa gente explorada.

Sobre o não envolvimento emocional do ridente, Bergson explica:

a comicidade dirige-se à inteligência pura; o riso é incompatível com a emoção. Descrava-se um defeito que seja o mais leve possível: se me for apresentado de tal maneira que desperte minha simpatia, ou meu medo, ou minha piedade, pronto, já não consigo rir dele.⁸³

Assim, embora delineado pelo exagero e teor grotesco, o relato da enchente acima não se contorna pelo riso, apresentando a face grave e séria do “mundo estranhado” que Oswald de Andrade apresenta, embora como delicioso espetáculo no ponto de vista dos abastados. Sendo constante em

---

⁸² BERGSON, 2001.

⁸³ BERGSON, 2001, p. 104.

relação a mazelas do povo, esse posicionamento equilibra propriedades de adesão e sensibilidade, de respeito e alteridade, delineando um teor referente à moralidade e à eficácia da sátira. Sobre isso, Northrop Frye diz que “alguns fenômenos como as devastações da doença, podem ser chamados grotescos, mas divertir-se com eles não seria uma sátira eficaz. O satirista tem de selecionar suas absurdidades, e o ato de selecionar é um ato moral”.⁸⁴

Mas, talvez o melhor exemplo da caracterização por meio do grotesco, na linguagem do jornal, não esteja na palavra de Oswald de Andrade, propriamente, mas sim no artigo “O gaz maluco”, assinado por Aurelinio Corvo, na quinta página do terceiro número, em que é a representação do alogismo mencionado anteriormente que atinge a dimensão grotesca, no sentido de exagero cômico:

[...]

A próxima guerra vai fazer saudades da ultima... Este novo gaz, então, é a própria sublimidade da arte de matar. Ele deixa o individuo “vivo” matando-lhe apenas o juizo. Imagine-se uma cidade como São Paulo, com um milhão de habitantes, atacada pelo gaz maluco. Ninguém sente nada. Todo mundo continúa na mesma vidinha corrente, sem novidade na frente nem atrás. O Sr. Mario Pinto Serva escreve obstinadamente o seu 587.396º artigo sobre o voto secreto. De repente... zás! Amollece o miolo desse milhão de habitantes. Espetaculo incomparavel. Deante delle, o “Inferno” de Dante vira paraízo; o “Jardim dos supplicios” de Mirbean parece “Jardim das delicias”, as paginas de Dostoiewski deixam “A manha” locaute. O Juquery substitue os Campos Elyseos. Um dr. Caligari apparece no posto de interventor, em vez de Coronel João Alberto. E assim por deante...

Só o Sr. Mario Pinto Serva estará escrevendo o seu 587.397º artigo sobre o voto secreto. Para elle a vida não mudou.

---

⁸⁴ FRYE, 1957.

Conforme o artigo, o suposto gás, como arma química de guerra, manteria os indivíduos vivos, matando-lhes o juízo. O exagero se instala e é progressivamente intensificado pela comparação a configurações grotescas, seja no campo ficcional ou real. É o exagero cômico e o mundo estranhado em confluência. Tal abordagem é a própria expressão do grotesco, sobretudo se tomado como reforço teórico o referido princípio de Wolfgang Kayser, segundo o qual a construção do grotesco provoca um mundo estranho. O ápice do humor do trecho consiste no fato de que, acometendo todas as pessoas, restaria apenas uma que não se alteraria em nada pelo gás, o senhor Mario Pinto Serva. Subentende-se que este, mesmo sem o acometimento do “gás maluco”, já seria destituído de juízo, embasando tal afirmativa na persistência da sua apologia ao voto secreto. A obstinação pela causa adotada por Mario Pinto Serva é o ponto usado para a construção de sua figura como personagem cômico, aquele que “peca por obstinação de espírito ou caráter, por distração, por automatismo”⁸⁵, chegando a ser circunscrito pelos sinais da loucura. A insanidade mental, inclusive, é abordada por Kayser, na referida obra, ao destacar, de modo especial, no âmbito dos estudos sobre o grotesco, a loucura, que o estudioso descreve como se “um espírito estranho, inumano, se houvesse introduzido na alma”.⁸⁶ A loucura atribuída a Mário Pinto Serva produz a imagem grotesca, de exagero cômico, o que provoca o riso.

---

⁸⁵ BERGSON, 2001, p. 138.

⁸⁶ KAYSER, 2003, p.159.

Em vista disso, e diante dos exemplos relacionados, pode-se entender a relação entre hipérbole e grotesco como sendo de causa e efeito: a hipérbole sendo o recurso da linguagem propriamente dito; e o grotesco, o seu resultado. De outro prisma, a hipérbole seria o processo de representação adotado por Oswald de Andrade e seus colaboradores, como Astrojildo Pereira, em sintonia com Oswald de Andrade; o grotesco o traço resultante desse processo. Uma particularidade que se ressalta na crítica em *O Homem do Povo* é que o grotesco que se pauta pelo exagero cômico e que instiga um riso de zombaria é sempre direcionado às classes privilegiadas e ao poder oficial. O contrário acontece dentro da delimitação grotesca na representação dos flagelos do pobre, remetendo a páginas anteriores deste estudo, em que se explica a característica do riso que o desvincula de envolvimento pessoal afetivo. O jornal de Oswald de Andrade demonstra aderir à causa deste e modifica o tom em seu tratamento sobre a miséria do trabalhador. O riso crítico reserva-se às elites, e o trabalhador é convidado a rir junto, associando-se ao articulista e delineando um sentido libertário.

5 RISO E LIBERDADE

A crítica que o jornal faz ao regime político e financeiro oficial no Brasil do começo de 1930, ridicularizado pelo efeito cômico, revela sua coragem de enfrentamento e delimita o efeito social e libertário do riso nos textos. Da perspectiva de Mikhail Bakhtin,⁸⁷ a liberdade propiciada pelo riso é entendida como a superação do medo. E, opondo-o ao sistema dominante, radicaliza: “jamais o poder, a violência, a autoridade empregam a linguagem do riso”⁸⁸.

Analogamente, numa apologia ao riso oswaldiano, Antonio Candido, criticando intelectuais que se levam muito a sério, e alertando para o perigo da decadência do humor na vida intelectual do Brasil, compara a geração dos modernistas da Semana de 22 a outras gerações posteriores, destacando naquela Oswald de Andrade e o modo libertário do seu riso. Segundo o crítico, dentre os modernistas de 22, “nenhum deles mais do que Oswald usou o ‘claro riso’ como elemento libertador, que nele foi também condição de excelência.”⁸⁹

Sob outro ângulo, mas com um enfoque que se assemelha à consideração de Candido, devido ao valor de liberdade, seleciona-se a explicação sobre os chistes, ou seja, o jogo lúdico com as ideias e o produto desse jogo, que

---

⁸⁷ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.

⁸⁸ BAKHTIN, p. 78.

⁸⁹ CANDIDO, 2004, p.42.

é o efeito humorístico. Sigmund Freud⁹⁰ justifica o riso desencadeado pelo chiste por ser este um instrumento que possibilita suplantar a proibição de um desejo, liberando o impulso para descarregar-se e permitindo, assim, que se suspenda o recalque que o mantinha inconsciente. O riso possibilita, segundo o teórico, desqualificar ou atacar algo ou alguém diretamente. Diz ainda que se torna possível rir porque algum fator tornou permitido ao menos manifestar a intenção de fazer algo que infrinja as convenções sociais. Tais explicações sobre a propriedade libertária do riso aproximam-se do riso oswaldiano no jornal *O Homem do Povo*, levando em conta seu inconformismo social e sua adesão à causa do trabalhador, do homem oprimido pelo sistema capitalista.

A habilidade na criação e percepção da face cômica dos fatos torna-se arma dos artigos e editoriais, movimentando-se no delineamento do caráter libertário dos seus artigos e da sua crítica a partir da qual brinca com a supremacia das elites. As idéias vão se estabelecendo sob vários ângulos pela referida criatividade da linguagem e diferentes prismas, por meio dos quais ele apresenta os fatos. Personalidades importantes tornam-se figuras estranhas ou ridículas, citadas numa representação zombeteira. Derruba-se a pressuposição de seriedade em torno de outros segmentos da sociedade brasileira, o que inclui, além da burguesia econômica e do Partido

---

⁹⁰FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago. Vol. VIII, 1905.

Democrático, várias entidades como a Igreja, por considerá-la agente do capitalismo; o poder judiciário, muitas vezes tomado pela Faculdade de Direito de São Paulo, um dos seus então desafetos. A Faculdade de Direito, sobretudo, no artigo intitulado “Isto aqui é Coimbra?”, na primeira página do oitavo número, é definida por Oswald de Andrade como sendo o refúgio do “feudalismo jurídico”. Mas essa acusação direta, incisiva e ferina é entremeada de expressões marcadas pelo deboche. Logo no intróito do editorial, ele zomba:

A grande manifestação de pensamento que produziu até hoje a Faculdade de Direito foi o trote.

Em vez de denunciar diretamente o trote, a expressão “A grande manifestação de pensamento” imprime ironia na expressão, modificando o clima do vitupério. O riso sarcástico sugerido na linguagem pode condizer à possibilidade de, pelo menos, tentar ridicularizar e divertir-se com a busca em desbancar o *status* de estabilidade e respeito da Faculdade de Direito. A liberdade é exercida pela construção do revés da situação entre aqueles que ele apresenta como opressor e oprimido.

Nessa crítica à referida faculdade, buscando credibilidade e pressupondo conhecimento de causa, afirma: “Meninos, eu vos conheço! Também passei pelas arcadas”. Após dizer que foi escolhido em 1918 como o primeiro orador de sua turma, declara que “Ser-me-ia fácil prosseguir nessa brilhante ascensão”, enviesando a linguagem e a intenção de rebaixamento. Em tom que soa pirraça, conclui o editorial referindo-se à agressão feita a ele e a

Pagu, dias antes, naquele ano de 1931, pelos estudantes que revidaram seu ataque:

“alegremente subiremos para conversar aos ricos salões e às casas futeis da pequena burguezia, de onde eles saíram agora para agredir em batalhão uma mulher e um homem do povo”.

As afirmações, entre as quais a de que a Faculdade de Direito seria um “cancro que mina o Estado” são retificadas mais tarde. Em outras circunstâncias históricas, e de tomada de posição dos estudantes, Oswald de Andrade faz questão de se reposicionar, em conferência⁹¹ na mesma instituição em 1944. O que torna essa retratação interessante neste ponto é que, pautado pela liberdade de se reinventar e repensar fatos, ele o faz com base no valor libertário entendido na instituição revisitada:

Mas eu tenho uma velha dívida para com a Faculdade de Direito de São Paulo. Um momento houve em que temi pelo seu destino e acreditei que o Direito vivo que estrutura secularmente esta casa fosse servir, contra a evolução brasileira e o progresso humano, as harpias mansas da reação e do capital. E vós me destes a melhor confirmação de esperança que tive em minha vida. Longe da ação incerta dos homens feitos, foi em vós moços, em vós estudantes que viveu aqui o canto da liberdade brasileira.⁹²

Mas n’*O Homem do Povo* o que prevalece é a rebeldia e não a conciliação, delineando o caráter da sua crítica que satiriza a sociedade e do seu gênero panfletário, definido em grande medida pelas imagens, denominadas

---

⁹¹ ANDRADE, Oswald. Fazedores de América. In:_____. *Estética e Política*. Pesquisa, Organização, Introdução, Notas e Estabelecimento do texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992. (Obras completas de Oswald de Andrade), p. 169-182.

⁹² ANDRADE, Fazedores de América. In:_____, 1992, p. 169-70.

“cortantes” por atuarem, conforme a referência a Balzac, como o “sarcasmo em bala de canhão”, no objetivo de ferir abusos, vícios e cretinices.

A Oswald de Andrade se unem os outros articulistas e, novamente, recorre-se a um artigo de “Aurelinio Corvo” sobre a carestia de alimentos na Itália. Na quinta página do número 6, o artigo intitulado “Circo sem pão”, ele usa a zombaria e transforma fato grave em comédia:

[...] *Tudo isso, ao cabo de 8 annos, deu em 500% de carestia*
Não ha mais imposto capaz de remediar a quebradeira fascista. Dahi este
apello ultimo ao panno verde e a batota, a roleta e ao baccarat. Mussolini
croupier. Triste fim de Polycarpo Guaresma [sic].

Nesse caso, pela metaforização crítica dos procedimentos do líder italiano, comparados a jogos de azar, a linguagem busca outra figura por meio da qual joga com o sentido do insucesso: o crédulo nacionalista Policarpo Quaresma (1911)⁹³.

Retomando a noção de Propp, na qual ter humor é ser capaz de perceber e criar o cômico, por meio da representação da crise que sucedeu na Itália devido a ineficiência do governo de Mussolini, Astrojildo Pereira revela tal atributo. A crítica é motivada pela incapacidade do líder fascista e do seu regime autoritário. Assim, Astrojildo Pereira se une ao diretor do jornal quanto ao teor cômico com que apresenta a situação. Observe-se a explicação de Propp sobre fatos semelhantes a esse, cuja consequência ele denomina “malogro da vontade”:

---

⁹³BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1996.

Em alguns casos a pessoa é como se não fosse culpada de seus reveses. Mas é apenas o que parece. De fato, o revés é provocado justamente por uma falha de previsão e de espírito de observação, pela incapacidade de orientar-se na situação, o que leva ao riso independentemente das intenções.⁹⁴

O olhar crítico ridiculariza o poderio opressor do regime fascista por meio de comparações com figuras bizarras, nesse caso, o personagem de Lima Barreto, além do crupiê, personagens medíocres aos quais se reduz o líder fascista. Esse procedimento satírico atua de modo que Astrojildo Pereira justapõe no mesmo nível duas figuras de importância desigual, de forma a rebaixar uma, Mussolini, supostamente "elevado", no nível do outro, o personagem de ficção Policarpo Quaresma. A aproximação torna-se interessante porque, na verdade, se ambos tiveram o mesmo fim, conforme expõe a visão do articulista, não se pode negar o diferencial entre o valor das intenções de Mussolini e daquelas de Policarpo Quaresma, fixadas na invenção ficcional, e a sátira torna-se elemento de interseção entre ambos.

Assim, contrapondo-se ao sistema econômico, político e social dos países capitalistas, depois da *débâcle* - início dos anos 1930 -, o jornal torna-se a voz crítica da subversão. A Inglaterra e os Estados Unidos são os maiores alvos da sátira jornalística, justificados pelo teor anti-imperialista do ataque. No artigo presente na sexta página do número 2, intitulado “A viagem dos príncipes a São Paulo”, Oswald de Andrade critica:

---

⁹⁴ PROPP, 1992, p. 95.

*Mas ahi vem os príncipes.
Toda a gente olha e vê a Inglaterra pondo o mar repleto de canhões.
A Inglaterra, o apogeu do século 19, Disraeli coroando Victoria
imperatriz de todas as Indias, depois Eduardo 7º, o ultimo elegante, o
ultimo coronel da Paris das cocotes. Depois os trabalhistas e os sem
trabalho, a guerra e a desordem negra do mundo explorado que estoura
por todos os remendos policiaes, por todos os esparadrapos religiosos*

É perceptível o delineamento da insustentabilidade do imperialismo, que se impõe ironicamente. Prevendo a ruína do império, Oswald de Andrade apresenta o príncipe de Galles como “o último elegante, o último coronel da Paris das cocotes”. A sátira que aponta os personagens da nobreza como opressores do povo assume, portanto, valor libertário, uma vez que funciona como possibilidade de descarga emocional, impulso jocoso e crítico ao mesmo tempo, que busca ridicularizar a imagem de várias classes privilegiadas.

6 PSEUDÔNIMOS DE OSWALD DE ANDRADE

Quase todos os artigos do jornal *O Homem do Povo* são assinados por pseudônimos que reforçam a forma da invenção satírica, evidenciando o contorno cômico, pitoresco do *blaguer*, além de outros elementos oswaldianos peculiares na dinâmica que movimenta o jornal. Como se viu, para Augusto de Campos, a maioria desses pseudônimos é forjada pelo próprio Oswald de Andrade. As relações tornam-se evidentes, também, pelos significados a que o próprio codinome remete, pelo texto e, sobretudo, pelo estilo adotado. Destacam-se como pseudônimos do modernista “Plebeu”, “O Homem do Povo”, “João Bagunça”, “Spartacus”, “Zumbi”, “Estalinho”, “Alcool-motor”. Tais pseudônimos tornam-se especialmente cômicos porque se conformam ao teor dos artigos que assinam, evidenciando a presença do humor proposital na sua criação. Em cada epíteto, existem diferentes possibilidades semânticas, mas, no geral, todos se encaixam ao modo de ser, de ver e de se expressar oswaldiano, tornando-se dispositivos eficientes na produção do sentido cômico.

Sobre a função do cognome, Vladimir Propp⁹⁵, na obra *Comichidade e Riso*, considera que “os nomes cômicos são um procedimento estilístico auxiliar que se aplica para reforçar o efeito cômico da situação, do caráter ou da

---

⁹⁵ PROPP, V., 1992.

trama”⁹⁶. Este é o caso de *O Homem do Povo*, devido a abundância de nomes burlescos. Mas para além do estilo, esses trazem grande carga semântica por remeterem a associações com fatos, propriedades e papel.

O pseudônimo “Plebeu”, com o qual Oswald de Andrade assina dois artigos, traduz o caráter popular pretendido com o uso do termo, além de inserir-se como ingrediente humorístico na tessitura do jornal. Relaciona-se, sobretudo, com a identidade de homem do povo, que serve de título para o jornal e para o próprio Oswald de Andrade, que acaba de definir-se como homem do povo. Quanto ao pseudônimo “O homem do povo”, a autoria oswaldiana parece certa, mesmo porque Oswald de Andrade intercala-o ao seu próprio nome ao assinar os editoriais. O quinto, o sexto e o sétimo editoriais apresentam abaixo do texto a assinatura “O homem do povo”; os outros cinco são assinados pelo próprio nome “Oswald de Andrade”. Essa relação entre Oswald de Andrade e o homem do povo, forjada no jornal, será abordada no próximo capítulo.

Na adoção do pseudônimo “João Bagunça”, observa-se que o tom de rebeldia e ironia joga com a dubiedade da valoração negativa correspondente a desordem, anarquia. A troça torna-se, sobretudo, provocativa, tendo em vista que, em vários artigos do jornal, mesmo com diferentes pseudônimos, denuncia-se o equívoco da vinculação que a direita faz entre comunismo e bagunça, entre esquerda e desordem, como se pode observar nos seguintes trechos “a” e “b”, presentes respectivamente no

---

⁹⁶ PROPP, 1992, p. 131.

editorial “a ordem da ferradura”, na primeira página do quarto número, assinado por Oswald de Andrade, e no artigo “propaganda capitalista”, na mesma página, sem assinatura, mas evidentemente escrito por ele:

a] *E depois, nós, da esquerda, é que somos os desordeiros!*

b] *Assoalhando que o communismo é a destruição patrimonial, a prostituição, a bagunça, num paiz de incultura como o nosso, os individuos a soldo do capitalismo estão envenenando os cerebros rudimentares.*

Contesta-se a acusação de desordeiro que a direita estaria fazendo, sendo possível, no referido editorial, identificar a crítica a pensamentos considerados anárquicos, selecionando o sentido negativo do termo, ou seja, aquele que define “anarquista” como designativo da pessoa dada à anarquia, à desordem:

Vejam bem. Prosseguindo na principesca parabola, para S.A. não deve haver chefes de trens nem regulamentos que assegurem a tranquillidade coletiva. O mais bruto, o mais forte, o mais cavallo – que no caso vem a ser o Comercio Britannico – é que põe e dispõe. Mentalidade de anarquista de c.º ordem a do príncipe!

Nesse caso, ao investir contra personagens das grandes potências mundiais, ele pondera sobre a necessidade de regulamento ou autoridade específica em prol da harmonia coletiva no Brasil, negando a ideia difundida pelos opositores que concatena comunismo e desordem. Sobretudo, devolve a mesma crítica. O sentido oposto do protesto, contudo, imbuí-se de mordacidade contra o príncipe de Gales, que, nesse argumento de escárnio, pelas palavras de rebaixamento utilizadas, como a expressão “põe e dispõe”, denuncia um irônico endeusamento do poder humano-divino do

príncipe de Gales. Este, segundo o articulista, é que seria o desordeiro, o que confirma a ironia do pseudônimo que toma tal defeito para si e apresenta uma nobreza às avessas.

O pseudônimo “Estalinho”, por sua vez, justifica-se possivelmente por brincar com a abrangência dos seus próprios artigos, evocando a metáfora de barulho passageiro por meio do nome do artefato pirotécnico que faz um estalo ao ser aceso ou jogado. Por meio dele, Oswald de Andrade traça os limites da ação do homem do povo dentro da ordem social. O diminutivo, neste caso, como ênfase depreciativa e recurso de tom irônico, zomba da sua modesta projeção e da nulidade de um homem do povo no mundo capitalista, intensificando os sentidos cômicos. O substantivo, ainda que tornado próprio e usado na forma diminutiva, também lembra uma sequência de poemas do autor na obra *Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade* (1927), que ele agrupa sob o título de “Balas de estalo”⁹⁷. Cada qual do seu modo, este pseudônimo emparelha-se a “João Bagunça”, brincando com a ridicularização do papel do articulista. Dicas que evidenciam Oswald de Andrade por trás desse pseudônimo podem ser encontradas no artigo “Ideologia criminosa”, na sexta página do sétimo número do jornal. Ao criticar os jornalistas que se sujeitam à imposição editorial de determinado jornal em que trabalham, mesmo sem concordar com ela, “Estalinho” inicia com a seguinte informação:

---

⁹⁷ São três os poemas: “barricada”, “delírio de julho” e “o pirata”, encontrando-se os dois primeiros na página 71 e o último na página 72, da edição de 2006, com estabelecimento e revisão de texto de Gênese de Andrade.

Já fui jornalista e portanto não ignoro as amarguras porque passa o proletário da penna.

O epíteto “Spartacus” delineia uma imagem de força e coragem, remontando ao escravo Espártaco, gladiador trácio que se revolta com a vida injusta e miserável da escravidão a que era submetido em Roma, protagonizando em um romance a história do plebeu que resolve “enfrentar a opulência de um império. A incrível força e liderança de um escravo que consegue reunir um imenso exército de homens sob um único ideal: a liberdade.”⁹⁸ O emprego pode se pautar pela ironia. Certamente essa é uma possibilidade, mas o que se ressalta é que Oswald de Andrade faz uso da figura de um herói sem lei que se entrega ao perigo da insurreição, para que nova lei possa ser criada, fornecendo sentidos e intenções ao personagem. Assim, Spartacus também está envolvido no contexto semântico do jornal, compondo a voz de homem do povo, escravizado pelo sistema, sem deixar de provocar o humor. A comicidade da atribuição do nome do personagem a alguém, pela sua semelhança, é explicada por Henri Bergson:

Se aproveitarmos uma parecença acidental para aplicar-lhe o nome conhecido de um herói de drama e romance, pelo menos por um instante, diante de nossos olhos, ela estará beirando o ridículo. No entanto essa personagem de romance poderá não ser cômica. Mas é cômica a semelhança.⁹⁹

Oswald de Andrade usa o nome do escravo como unidade representativa de um sistema que compõe um todo, a saber, o regime capitalista, que ele

⁹⁸ Apresentação de capa. In: FAST, Howard. *Espártaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

⁹⁹ BERGSON, 2001, p. 111.

considera escravocrata. Como comparação a esse, ele entende como modelo ideal e libertário aquele instituído pela revolução socialista promovida na União Soviética a partir de 1917. Um bom exemplo é o seguinte trecho do artigo “os amigos da light”, assinado por “Spartacus”, presente na terceira página do quarto número:

Na Rússia, o operario trabalha sete horas em quatro dias, descansando no quinto. [...] Lá não existem ricos e pobres, opressores e oprimidos, vagabundos profissionaes milionários e escravos condenados às penas mais duras.

Lembrando a condição de escravos imputada à plebe romana, a referência a Spartacus incorporaria as virtudes ideais em um homem do povo, escravizado pelo sistema capitalista, atribuindo ao articulista o papel de líder, destacando-o dentre os demais. Espelha-se nessa explicação a justificativa para o emprego do pseudônimo “Zumbi”, outro nome usado por Oswald de Andrade na assinatura dos artigos, cujo teor implica, como em “Spartacus”, a condição de escravo contraposta pela coragem. A força, rebeldia, liderança libertária e resistência do escravo refugiado, Zumbi (16?? – 1695)¹⁰⁰, o fiel “rei do quilombo dos Palmares”, são evocadas pelo pseudônimo do articulista.

O pseudônimo “Alcool-motor” está ligado semanticamente a um dos principais pontos defendidos por Oswald de Andrade no jornal: o

---

¹⁰⁰ Consta que o herói negro brasileiro havia sido batizado com o nome “Francisco” pelo padre Antônio Melo, antes de se tornar o “rei de Palmares” e símbolo de lealdade à raça negra.

aproveitamento das reservas naturais como solução econômica para o Brasil. Uma delas envolveria o uso do álcool-motor, aliás como substituto da gasolina, fato que favoreceria a economia a partir de mudanças no sistema brasileiro tanto de produção quanto de importação. Essa crítica demonstra o alcance de seu olhar, e encontra-se em vários pontos, como no já citado primeiro editorial “Ordem e progresso”. O álcool-motor, juntamente com a borracha, são apresentados como negligenciados pelo sistema:

Gastamos trezentos mil contos por anno em pneumaticos, gazolina ou coisa parecida. E a Amazonia da borracha e a baixada do alcool-motor perecem.

O nome do produto, sendo substantivado como nome próprio e usado como pseudônimo, além de constituir uma metáfora que atribui ao nome do articulista o significado de opção favorável à economia, pode incluir a função de combustível da revolução social com a tecnologia da modernização, personificada em um dos porta-vozes do jornal. Os motivos expostos levam a crer que esse seja Oswald de Andrade. É impossível não pressentir a voz oswaldiana na lição comunista sobre “luta de classes” presente no artigo “Trópicos”, assinado como “Alcool-motor”, na terceira página do primeiro número do jornal. Após apontar o que considera um erro primário cometido por Plínio Salgado, Oswald de Andrade rebate o que esse diz sobre “luta de classes”. O futuro integralista recebe o tratamento rebaixado de besta e é chamado pelo articulista de “Sr. Plinio Saldoce”:

[...] Ou o Sr. Plinio dá a noção de classe o sentido anedoctico – profissional – classe dos dentistas, classe das parteiras. Se é isso, é pura má fé. O Sr. Plinio sabe muito bem como o soldado vermelho de John Reed já sabia,

que há duas classes – a dos opressores e a dos oprimidos. O resto é besteira. Nem se pode de facto conceber uma luta de classe, por exemplo, entre parteiras e dentistas. Isto é, pode: o Estado concebe. O Estado é o órgão da insensatez nacional e da má informação. O Estado ficou atrás do Sr. Saldoce. [...]

“Alcool-motor” funciona, portanto, como projeção de significados ideológicos, como se observa no artigo, tornando-se elemento cooperativo na crítica, na subversão de princípios e também na construção da comicidade.

O efeito hilário de vários nomes presentes no jornal é observado, inclusive, na criação dos apelidos que Oswald de Andrade atribui a personagens da época, e não apenas a si mesmo. Além de “Plínio Saldoce”, outro alvo de zombaria a partir do nome próprio é, por exemplo, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand. No artigo “As estrepolias do Capitão Meio-Metro”, na primeira página do número 4 do jornal, Oswald de Andrade se refere a essas duas figuras do seguinte modo:

[...] os mesmos foram usados na condução, até aquela cidade, dos srs. Plínio Saldoce e Capitão Meio-Metro.

Francisco de Assis Chateaubriand, dono dos *Diários Associados*, império jornalístico cuja prosperidade teve por base interesses e conexões políticas, exercia forte influência nas altas esferas sociais. Os apelidos que Assis Chateaubriand recebe são sempre satíricos e quase todos grotescos. Ao tratá-lo por “Capitão Meio-metro”, Oswald de Andrade zomba de dois fatos. O primeiro, evocado pelo termo “Capitão”, refere-se à alcunha que o jornalista possuía, de “Velho Capitão, como os bajuladores gostavam de

tratá-lo”¹⁰¹; e o segundo, pela expressão “Meio-metro”, à sua baixa estatura, a que Moraes também se refere em vários pontos da obra *Chatô*, como, por exemplo, quando conta a primeira tentativa que Assis Chateaubriand fez de entrar nas forças armadas. O resultado teria lhe mostrado que “Dois carimbos azuis da junta médica do quartel selaram a exclusão: ‘saúde insuficiente’ e ‘estatura física inferior aos padrões exigidos pelas Forças Armadas’.”¹⁰² O ataque de Oswald de Andrade ao “Velho Capitão” chega a tal ponto que, por exemplo, em um único artigo, intitulado “Os amigos da light”, na terceira página do número 4, o articulista, assinando com o pseudônimo “Spartacus”, imputa-lhe vários apelidos. O jogo com as letras tem base no próprio nome do jornalista, que se associa aos caracteres físicos ou psíquicos e morais que lhe são atribuídos: “Assis Chato-briand”, “Chico Bandeira de Mello”, “Chico Chato”, “Chicco Bocca de Sombra”; “brillant”, “papillon d’amour da nossa imprensa”, “assassino de Moysés”, “Briand da ladeira general Falcão”, “o homenzinho”, “Briand”, “tico-tico enferrujado”. Os nomes com que Oswald de Andrade ataca o jornalista refletem o impasse entre as então tendências opostas de ambos. Posteriormente, será estudado mais aspectos da abordagem de Oswald de Andrade sobre o jornalista.

---

¹⁰¹ MORAIS, 1994, p. 25.

¹⁰² MORAIS, 1994, p. 59.

7 PROPRIEDADES ANTROPOFÁGICAS DO JORNAL

As considerações feitas até aqui expõem alguns dos principais elementos produtores de organicidade na expressão do jornalismo ativista de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. Dar-se-á seguimento a questões voltadas para as relações estabelecidas com a antropofagia presente na linha reflexiva da sua expressão. Lembre-se que, cada qual a seu modo, o humor, a subversão e a antropofagia tornam-se instrumentos na construção da sátira de Oswald de Andrade, e por meio desses constructos ele personaliza os editoriais e os artigos que escreve. Nos demais articulistas, o “antropófago” encontra aliados do posicionamento crítico e muitas vezes paródico, sobretudo em Astrogildo Pereira, quando assina esse como Aurelinio Corvo.

A antropofagia oswaldiana, metáfora do processo de politização proposto no jornal, representa, conforme lembra Benedito Nunes, a partir do próprio Oswald de Andrade, o divisor político de águas do Modernismo no Brasil¹⁰³. As idéias do jornal misturam preceitos e atitudes, preconizando um ideal de renovação, enquanto utopia. Adotando o viés paródico, resgata expressões que se associam ao apelo para assimilação culta da vida e do outro, lembrando o ritual de devoração do homem pelo homem.

---

¹⁰³NUNES, Benedito. Antropofagia e Utopia. In: ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica* São Paulo: Globo, 1995. (Obras completas de Oswald de Andrade).

Assim, a assimilação antropofágica, vale dizer, no sentido usado por Oswald de Andrade, de filosofia ou modo de ser no mundo, pode residir num substrato sugestivo de um posicionamento paródico ativo, crítico, evolutivo e progressista diante dos fatos. Nesse sentido progressista, o primeiro texto do jornal, o editorial “Ordem e Progresso” dispõe, dentre outras bases para a harmonia planetária:

Admiramos a Rússia actual, pois desordenados ainda, temos que respeitar as casas com escripta. Combateremos pois ao lado da racionalização economica e contra a cabra-cega da producção capitalista. Ordem economica, progresso technico e social.

O *Homem do Povo*, já de início, inclui-se como um ensaio em que se arrebatava a utopia do planeta harmônico. A evolução na criação da sua utopia cria um ponto que inter-relaciona o primitivismo do selvagem à técnica do civilizado e, também como em *flashes*, identificado com o modo telegráfico, expressa num trecho do “Manifesto Antropófago”:

Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. **Où Villegaignon print terre.** Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, á Revolução Bolchevista, á Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserling. Caminhamos.¹⁰⁴

A linguagem sintetiza o texto telegráfico. Observa-se a falta de conexões explícitas na escrita de valorização do estágio primitivo do autóctone, não corrompido pela civilização, acrescido dos aparatos técnicos, indispensáveis

---

¹⁰⁴ ANDRADE, Oswald. *Manifesto antropófago*. In: *Revista de Antropofagia*, 1928-1929. Ed. fac-similar, São Paulo, Editora Abril, 1974, vol. 1, p. 7.

ao progresso. A proposta é, considerando sua hipótese surreal e seu teor utópico, atar dois pontos da evolução ideal. Traços da sociedade sonhada pareciam ter sido concretizados, por exemplo, pela Revolução Russa, cuja inspiração socialista, na verdade, já era vivenciada pelos primitivos. Seguindo sugestões na tomada antropofágica, outro sentido da sua proposta é a oposição ao servilismo mantido pelo “patriarcado da sociedade civilizada”. O pensamento elaborado por Oswald de Andrade em torno de uma “utopia antropofágica”, sempre às voltas com o metaforismo da proposta de devoração, se opõe ao servilismo, quando postula mais tarde, em 1950¹⁰⁵, que: “A ruptura histórica com o mundo matriarcal produziu-se quando o homem deixou de devorar o homem para fazê-lo seu escravo”¹⁰⁶. E, ainda que muitos acréscimos, vários relacionados ao patriarcado acima mencionado, sejam posteriores ao advento do jornal em questão, várias são as oposições construídas em *O Homem do Povo* por Oswald de Andrade, a partir da dicotomia antropofagia x messianismo: homem livre x escravo; matriarcado x patriarcado; socialismo x capitalismo; trabalho x ócio; consciência x alienação¹⁰⁷. Para esta última, o protesto “Contra todos os importadores de consciência enlatada”¹⁰⁸ traz uma imposição de atitude e crítica. No grito contra o modo acrítico de importação de elementos estrangeiros, subjaz o inverso, o aproveitamento crítico, a devoração que

---

¹⁰⁵ ANDRADE, Oswald. A Crise da Filosofia Messiânica. In: _____. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995. (Obras completas de Oswald de Andrade), p.101-147.

¹⁰⁶ ANDRADE, 1995, p. 104.

¹⁰⁷ A alienação, ou seja, a falta de consciência promovida pelo capitalismo, é um estado provocado pelo mascaramento e a naturalização das diferenças sociais e será explicada no capítulo “Os novos tempos”.

¹⁰⁸ ANDRADE, 1974, vol. 1, p. 7.

contempla assimilação e rejeição, princípio subjacente na visada sobre sua antropofagia. Lembrem-se as imprecizações contra o sistema de importação e exportação já referidas no início do estudo.

Propondo a rapidez e o dinamismo da informação, que os tempos de então exigem, ressalta-se novamente um dos modos centrais de direcionamento de seus artigos e editoriais, que é, no entender deste estudo, o sentido antropofágico. Algumas notícias no jornal, ao invés de ampliadas, são construídas por um ou dois períodos. Na seção “Sumário do mundo”, cuja autoria é assumida por Astrojildo Pereira, em carta dirigida ao Partido Comunista¹⁰⁹, em abril de 31, existem vários exemplos. As notícias rápidas a seguir, estão presentes na quinta página do primeiro número:

MISS UNIVERSO

Miss Universo virá a São Paulo tomar contato com o trabalho do povo. Irá espiar do Trianon as chaminés das fábricas do Braz.

PÁSSAROS QUE VOLTAM À GAIOLA

MONTEVIDÉU, 26 (H.P.) – Já foram recapturados todos os sentenciados que fugiram da Penitenciária.

LINHA AÉREA PARA A ÁFRICA

Foi inaugurada com êxito a linha aérea Paris-Madagascar.

O estilo lacônico adotado algumas vezes no jornal reflete recursos conquistados pelos escritores modernistas, que se apossaram “de todos os meios de expressão que a ciência, a cultura, a psicologia e a técnica

---

¹⁰⁹ Cf. FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário Cordial*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001, p. 88.

modernas propiciavam: a síntese, que aproveitara a velocidade, vencida pelo navio e o telégrafo, o rádio e o avião¹¹⁰.

O jornal cria a imagem do trabalhador não mais devorado e, sim, devorador, acrescentando a proposta de sintetizar os temas socioeconômicos e políticos, na orientação de que as notícias do jornal devem ser “ruminadas”, incluindo-se a crítica à tradição jornalística da grande imprensa:

Só o burguez ocioso ou indivíduo chumbado pela gotta a uma cadeira de balanço, e capaz de ler, pode ler, tem tempo de ler as columnas kilometricas de telegrammas que entulham os grandes órgãos de imprensa, como e o caso, por exemplo, do venerando <<O Estado>>. O homem do povo, que trabalha, que sai cedo de casa para a fabrica, a officina, o escriptorio, o armazem, só dispõe para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rapidas, concisas, concretas. É o que este novo Jornal, que além de novo é pequeno e não pretende chegar a vennerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas os acontecimentos mundiaes da vespera.

A proposição encontra-se no artigo “A Carne está Gostosa”, referido anteriormente, presente na quinta página do primeiro número do jornal. Acresce-se que, ao apresentar a intenção de agilidade na exposição e na leitura das notícias, demonstra-se a intenção de adequar tal propriedade à pouca disponibilidade de tempo do trabalhador. Aproxima-se do povo pela descrição ([o jornal] “é pequeno”), caracterizando-se pela simplicidade e descartando a presunção. Ao mesmo tempo compara-se ao jornal *O Estado de S. Paulo*, distinguindo-se deste por adequar-se à problemática do povo que trabalha, ou seja, demonstrando interessar-se pela sua emancipação, amenizando seu problema da falta de tempo. Para tanto, sua norma inclui a explicitação do modo telegráfico de transmissão, com formato justificado

---

¹¹⁰ BRITO, 1969, p. 70.

pela necessidade da síntese adequada à vida moderna, explicitando as qualidades de substrato, de essencialidade, o que lembra também o formato curto dos poemas modernistas. Extrair “o suco dos telegramas”, sobre fatos gerais, sobretudo flagelos e desventuras das grandes potências, torna-se o procedimento para anunciar os acontecimentos gerais do mundo de modo sucinto. Por isso, Aurelinio Corvo restringe o foco de interesse:

O que a todos nos interessa, ao nosso jornal e aos nossos leitores, são as notícias serias, de natureza economicca, política e social.

Dentre essas notícias ele expõe aquelas compostas de “boa matéria”:

Os planos quiquenais sendo realizados em 4 annos.

Os comunistas de Thaelman surrando os nazi de Hitler.

Trezentos mil soldados vermelhos na China soviética (30.000.000 de habitantes) batendo palmo a palmo os bandidos imperialistas.

Essas proposições, tendo como base o alimento ideal da antropofagia, afiguram-se pela boa iguaria, pela melhor comida, segundo a ótica de Oswald de Andrade, que nesse ponto converge com as elaborações de Aurelinio Corvo. Esses valores devem ser aproveitados, introjetados. Aqui, retoma-se da *Revista de Antropofagia*, o ensaio intitulado “Assumpto resolvido”, que refuta uma ideia de Luis Bueno Horta Barbosa. Supondo estar defendendo o país, esse teria negado a existência de índios antropófagos no Brasil. Diante disso, sob o pseudônimo “China”, o ensaísta diz:

Está provado e é geralmente acceita a antropofagia como sendo a comunhão de carne valorosa.

Os índios não comem a carne de seus inimigos ou chefes com intenção gastronômica.

Comem porque pensam mastigar também o valor do comido – comidos voluntarios, quasi todos –

Por isso o Sr. Horta Barbosa deixe de querer roubar do pobre e já tão expoliado índio o seu maior e melhor patrimônio:

O bom gosto de comer carne humana – carne valorosa.¹¹¹

Analogamente, a essência da antropofagia oswaldiana vai buscar nessas bases indígenas sua diretriz. As referências do valor cultural do antropófago incluem o sentido honroso, inclusive para aquele que é devorado, uma vez que esse é subentendido como indivíduo virtuoso. Esse valor evoca, por exemplo, a situação ocorrida no poema “I-Juca-Pirama”, em que o chefe Timbira, julgando covarde o índio Tupi, o qual chora antes de ser sacrificado, rejeita-o e justifica-se: “Ele chorou de covarde;/ Nós outros, fortes Timbiras,/ Só de heróis fazemos pasto”. Do mesmo modo, evidencia-se, também na antropofagia idealizada por Oswald de Andrade, o pressuposto das boas virtudes daquilo que é comido. Nesse sentido, ele se distingue de uma face da elaboração de Aurelinio Corvo, uma vez que este determina como de interesse do povo o podre, o lado negro do mundo capitalista. O trecho a seguir lista os fatos que Aurelinio Corvo rejeita, por considerá-los futilidades do mundo, e indica também aqueles pelos quais o jornal e o leitor devem se interessar:

Os santíssimos espirros do Papa, ou mais uma queda de cavallo do Príncipe de Galles, ou o sorriso basbaque de M. Doumegue não nos interessam, absolutamente, nem podem interessar a quem tem o que fazer na vida. O que a todos nos interessa, ao nosso Jornal, e aos

---

¹¹¹CHINA. Assumpto resolvido. In: *Revista de Antropofagia*, 1928-1929. Ed. fac-similar, São Paulo, Editora Abril, 1974. Anno 1 – Número 9, janeiro de 1929, p. 5.

nossos leitores, são as notícias sérias, de natureza economicca, política e social. As encrências todas, as tremendas encrências do mundo, na hora presente. As conferências pacifistas para augmento dos armamentos. Mussolini prestes a bancar o Julio Prestes (no minimo). Nove milhões de operarios sem trabalho nos Estados Unidos (com licença do agora chefe Oswald: Hip hip, Hoover!).

Essa atitude seletiva firma também uma disposição intelectual vigorosa e, como se observa na expressão “*Hip hip, Hoover!*”, o propósito dionisíaco incorpora a alegria, o entusiasmo e a fruição na leitura das “encrências” do mundo. Nesse momento, a revanche se dá na medida em que a dignidade e a rebeldia instalam-se em primazia sobre a miséria e a submissão, fazendo eco com a interpelação oswaldiana “Comecemos, portanto a estrillar”, que incita o trabalhador no artigo “Política das coisas”, na terceira página do número inaugural. Protesta-se contra a alienação que provoca a subserviência.

Nesses assuntos e temas propostos como ideais para leitura, estão aglutinadas, de um modo ou de outro, as propriedades observadas na linguagem do jornal. O tom de festejo, na brincadeira que se faz em “(com licença do agora chefe Oswald: Hip hip, Hoover!)”, evidencia valores atribuídos na hierarquia da sua produção. Ao mesmo tempo, celebra a possibilidade de brincar com os papéis em torno do diretor, Oswald de Andrade. No papel do articulista Aurelinio Corvo, pode-se entrever o comunista Astrojildo Pereira em cumplicidade brincalhona com Oswald de Andrade, tomando emprestado o poema que escreveu em 1928, “Hip hip,

Hoover!”¹¹². A voz anti-imperialista e o pedido de licença ao escritor, enquanto chefe do jornal, satiriza suas implicações hierárquicas. Nesse poema Oswald de Andrade criticara a recepção que o então presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, tivera no Brasil. Além da alusão à expressão corrente de saudação festiva “Hip hip, hurra!”, que já expressa comemoração, a sua estrutura modificada em “Hip hip, Hoover!” intensifica seu sentido pela celebração da liberdade brincalhona com a linguagem. Lembre-se que o poema é escrito antes da quebra da Bolsa de Nova York, que ocorreria no ano seguinte (1929), diante da qual Herbert Hoover (1874 - 1964), o então presidente, “praticamente nada fizera para enfrentar a crise”¹¹³ [que provocou a Grande Depressão]. A “encrenca” acometida no império motiva a expressão de prazer, por poder presenciar como resultado a ruína do imperialismo. Conforme a expressão popular, é como se “o tiro tivesse saído pela culatra”, e esse revés dos acontecimentos adquire sabor de revanche. Excluindo os acontecimentos considerados banais (espíritos do papa, quedas do príncipe etc.), propicia a relação com a elaboração de Schopenhauer, quando diz que “assim como o excesso de alimentação faz mal ao estômago e dessa maneira acaba afetando o corpo todo, também é possível, com excesso de alimento espiritual, sobrecarregar e sufocar o espírito”¹¹⁴. O humor instala-se por meio da identificação do cômico, provocando o clima de festejo, pautado pela ironia e pelo paradoxo, na

---

¹¹² ANDRADE, Oswald. Poemas menores. In: *O Santeiro do Mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo, 1991.

¹¹³ ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Ática, 1982, p.321.

¹¹⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a leitura e os livros. In: _____, 2005, § 2, p. 128.

recepção das ideias e relatos das encrencas do mundo. A subversão consiste no ataque ao sistema político oficial dos países capitalistas, ao evidenciar que estes se submetem às nações imperialistas.

Promove-se no artigo uma explicitação progressiva dos significados do título, “A carniça está gostosa”, explicitação essa que orienta, a partir das encrencas, uma “saborosa” ruminação:

Os comunistas de Thaelmann surrando os nazi de Hitler. (...) O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão Revolução.

Taes notícias é que vale a pena a gente ler, reflectir sobre ellas, ruminar o seu conteúdo. Notícias que estimulam o apetite de estômagos solidos e saudáveis. Para dentes de homens de povo. Carniça gostosa.

Aurelinio Corvo define sua matéria ideal: o podre do mundo. O fragmento evidencia o significado da contradição entre os termos da expressão “carniça gostosa”, mostrando que o gostoso está no prazer da derrota massacrante do inimigo, de vê-lo transformado em carniça pelas ruínas e fracassos. Gostoso também é senti-lo triturado pelos dentes do homem do povo. Esses períodos finais atam-se ao seu início que, antes de apontar para o que vale a pena ler, descarta a leitura quantitativa, porém não substancial, mostrando a falta de tempo do trabalhador para ler os outros jornais, os quais não favorecem ao homem do povo; ao contrário, negligenciam, em suas “colunas quilométricas”, o que a ele interessa. Subentende-se aí o ponto do pensamento de Arthur Schopenhauer (1788-1860), crucial para a análise da ruminação preconizada por Aurelinio Corvo. O filósofo expõe aspectos essenciais do processo crítico e seletivo da *ruminação*:

Pois, quanto mais se lê, menor a quantidade de marcas deixadas no espírito pelo que foi lido: ele se torna como um quadro com muitas coisas escritas sobre as outras. Com isso não se chega à ruminação: mas é só por meio dela que nos apropriamos do que foi lido, assim como as refeições não nos alimentam quando comemos, e sim quando digerimos.¹¹⁵

Esse segmento faz uma oposição entre a deglutição (leitura) contínua, gulosa, e a assimilação seletiva e consciente. Analogamente Aurelinio Corvo, ao selecionar o foco de interesse pelo que ocorre no mundo, critica a grande quantidade de informações e aponta o caminho para refletir, politizar-se, rever, no ato de “ruminar”, incluindo a importância do pensamento próprio, da reflexão. Para esse rumo, também aponta Schopenhauer:

A pura empiria está para o pensamento como o ato de comer está para a digestão e assimilação. Quando a experiência se vangloria de que somente ela, por meio de suas descobertas, fez progredir o saber humano, é como se a boca quisesse se gabar por sustentar sozinha a existência do corpo.¹¹⁶

O ato de ler quantitativamente é comparado, na elaboração de Schopenhauer, ao ato de “comer” e também à mera experiência empírica. A postura ideal seria a ponderação da leitura qualitativa com a experiência vivenciada (e assimilada) pelo pensamento próprio (“ruminação”). E, para Schopenhauer, a experiência está em primazia sobre a leitura, que deve ocupar o tempo restante da vivência cotidiana.

---

¹¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. Sobre a leitura e os livros. In: _____, 2005, § 2, p. 128.

¹¹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. Pensar por si mesmo. In: _____. 2005, § 8, p. 49.

Esse pensamento crítico também faz parte da trajetória oswaldiana, podendo ser associado à sua antropofagia, que ele caminha burilando com acréscimos ao modo de posicionar-se e crescer intelectualmente diante de fatos e ideias. Buscando para o campo particular, mas ao mesmo tempo ampliando e aplicando a crítica à pura empiria de Schopenhauer adotada por Astrojildo, pode-se ligar pela semelhança, por exemplo, a autocrítica que Oswald de Andrade faz quando diz que “tinha passado por Londres, de barba, sem perceber Karl Marx”¹¹⁷, ou seja, indicando que a experiência de nada adianta sem aquele contato que favorece sua leitura crítica. De nada vale experimentar sem se adquirir o conhecimento que “vale a pena” ou sem que se alcance a inferência pessoal. Do mesmo modo, a leitura, pura deglutição do outro, de nada adianta sem a atuação do pensamento próprio, livre. É preciso “ruminar”.

Nessa linha de pensamento, com eixo na “ruminação”, volta-se ao último fragmento do artigo, que propõe para as notícias o enfoque na parte podre do mundo. Essa face, embora em sua substância carniceira resida o ponto que a distingue da antropofagia oswaldiana, traz aproximações com essa filosofia. Seu pressuposto principal encontra-se na proposta de “ruminação”, forma de entender um dos argumentos do jornal, isto é, do conhecimento do outro por meio da informação dos eventos chamados de “carniça gostosa” e de “encrencas”. Reforça-se que, se por um lado, cria-se o paradoxo do apetite pela carniça, por outro o justifica no nome do seu articulista:

---

¹¹⁷ ANDRADE, Oswald. Prefácio. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 2005, p. 38.

“Aurelinio Corvo”. Como corvo que é, a carne morta torna-se, então, como que um banquete, a comida preferida. Este orienta a leitura dos fatos, ocorrência que se torna nuclear, indicando os acontecimentos sobre os quais o povo deve se interessar para refletir. Em “A carniça está gostosa”, ocorre uma posição diferente do que ocorre no posicionamento “antropófago” observado, por exemplo, no artigo “Carniça”, publicado na *Revista de Antropofagia*, em que Antônio de Alcântara Machado dá o nome de carniça à “epidemia positivista que assolou e ainda hoje assola” o país. Considerando que o positivismo empesta o ambiente, ele o repudia:

Não digo que se coma semelhante carne. É cousa que já a cozinha refugou, o cachorro não quis, os corvos não aceitaram protestando virar vegetarianos caso insistissem. Também deixar na dispensa envenenando as varejeiras não é possível.

Daí o melhor é por a carniça num tanque de creolina e recambia-la para a Europa.¹¹⁸

Ao contrário dessa crítica ao positivismo, que o rejeita e toma-o por carniça, Aurelinio Corvo *prescreve* a carniça por ela representar os então sinais da decadência capitalista, zombando e revelando o deleite de ver triturados os seus males. Enquanto, para Alcântara Machado, ler ou conhecer a “carniça do positivismo” não oferece nenhum proveito ao espírito; provoca, isso sim, apenas malefícios, envenenamento, a quem busca conhecimento na fonte comtiana (pessoas que ele chama de “varejeiras”), para Aurelinio, o corvo, ao contrário a carniça é gostosa.

---

¹¹⁸ MACHADO, Antônio de Alcântara. Carniça. In: *Revista de Antropofagia*, 1928-1929. Ed. fac-similar, São Paulo, Editora Abril, 1974. Anno 1 – Número 3, julho de 1928, p. 1.

Os fatos relatados por Aurelinio Corvo têm a propriedade de fortalecer sua crítica a favor da doutrina comunista. Assim, ao comemorar o desemprego nos Estados Unidos, ele promove a comemoração da mudança exigida pela ineficiência do sistema daquele país. Ao relatar os eventos absurdos como as conferências “pacifistas para aumento das armas”, ele aponta para a falta de coerência no pensamento e nas ações das grandes potências que mobilizam as congregações mundiais. No artigo “A carniça está gostosa”, portanto, ele aponta para a tendência de ruminar não apenas a possibilidade de mudança, mas o estado de “ebulição” em que o mundo se encontra, estado esse que antecede e exige a renovação.

O texto “A carniça está gostosa”, de um modo ou de outro, auxilia o projeto oswaldiano, ao qual agrega sentidos globais, acrescentando dados à organicidade do jornal fundado por Oswald de Andrade. Sua importância para a macroestrutura do jornal e como apoio a Oswald de Andrade consiste não apenas na explicação do processo, dos interesses e do destinatário do jornal; mas, sobretudo, porque aglutina, em seu interior sentidos nucleares. Ainda que a carniça seja o podre, o avesso da boa comida para o homem, constrói uma metáfora paralela, por consistir em boa comida para o corvo. É como se estivesse a demonstrar o lado “corvo” do jornalismo, que protesta e escarnece enquanto deglute a carniça como revanche ao capitalismo. Nesse ponto, revela os sentidos que transitam entre os significados da boa matéria da antropofagia e o seu avesso, o podre. Quando aponta para a

ruminação do conteúdo de tais notícias, liga-as aos estômagos saudáveis e aos dentes fortes do homem do povo, acostumados ao grosso.

Pode-se entender entre a ruminação de Aurelinio Corvo e a antropofagia oswaldiana um movimento de vai-e-vem, em que os pontos se aproximam na crítica que deglute, e se distanciam no que diz respeito à matéria da deglutição. O jogo começa desde o sobrenome do pseudônimo “Aurelinio Corvo”. Na antropofagia compreende-se o processo de deglutição do outro, a fim de transformar e incorporar qualidades em favor próprio, para se fortalecer. Aurelinio Corvo, por sua vez, numa dinâmica interseção entre analogias e diferenças dos sentidos antropofágicos, instrui sobre as encrencas: “Taes noticias é que vale a pena a gente ler, reflectir sobre ellas, ruminar o seu conteúdo.” Instala-se o avesso da fina iguaria (a carniça), o que se torna fato distinto da antropofagia. Por outro lado, antropofagia e ruminação convergem em analogia, porque quem processa a carniça é um corvo, para o qual a carniça é o prato ideal. Assim, a imagem do corvo, evocada pelo sobrenome, justifica metaforicamente o agrado do paladar, atenuando a contradição. O lado humano acentua a diferença ao dizer que vale a pena refletir *sobre* as encrencas (carniça). E, em vez de comê-las e incorporá-las, ao contrário, deve-se ruminá-las, ou seja, triturá-las, separando seus componentes, decompondo-os, entendendo-os. Nesse sentido mostra bem que a matéria serve para o crescimento, por indicar que, a partir não apenas de sua *observação*, mas da sua *ruminação*, pode-se evoluir. Essa possibilidade ao triturar é que torna a matéria gostosa. Em vez

de rejeitá-la, como Antônio de Alcântara Machado faz com o positivismo, a questão é aproveitar as notícias dos insucessos. Entendendo melhor o imperialismo, a crítica pode, em sua busca, tripudiar com mais eficácia, aliando ao fim de Oswald de Andrade.

Assim, a referência pela qual Aurelinio determina que sejam lidas e aproveitadas as notícias abarca a natureza metafórica da leitura, em sua linha, lembrando a reflexão antropofágica oswaldiana, considerada por Benedito Nunes como “pedra de toque unificadora de todas as suas tentativas, de todos os seus caminhos percorridos”¹¹⁹. A determinação de que as notícias expostas sejam prevalentes para o crescimento cognitivo e intelectual, no campo social, político e econômico do trabalhador, afirma o interesse, o “apetite” deste por elas e explicita a sua percepção de mundo no procedimento. Os termos da configuração do trabalhador no âmbito do jornal rompem idealmente com a natureza opressora das relações gerais entre dominado e dominador do sistema capitalista, no âmbito do processo histórico e no momento em que se situa Oswald de Andrade. A leitura determinada envolve o gosto pelo conhecimento, a curiosidade (“notícias que estimulam o apetite de estômagos sólidos”), a interação e a reflexão. Enfim, envolve alcançar a politização transformadora.

Assim a carniça, como algo a ser ruminado pelo povo, representa a experiência da qual o povo deve se aproveitar, apontando para a revolução,

---

¹¹⁹ NUNES, 1979, p. 55.

enquanto mostra os dentes carniceros. O sobrenome “Corvo” torna-se centro de significação, reforçado pelo fato de ligar-se ao mau agouro na crendice popular. Com isso, possivelmente busque pelo menos incomodar, balançar a presunção de estabilidade. Nesse caso, o mau agouro é o prenúncio a toda boca da desgraça do poder capitalista, instalando a distinção entre a ruminação e a antropogagia, mas fortalecendo, alegoricamente, a face utópica pregada pelo discursos dos personagens oswaldinaos.

Da parte dos articulistas criados por Osvald de Andrade, o ângulo que apresenta o fim do capitalismo, em oposição ao nascimento do socialismo, instala a utopia, ao mesmo tempo em que constrói a imagem do povo elevado. Num artigo, intitulado “Ideologia criminosa”, na sexta página do sétimo número, “Estalinho” expõe sua expectativa quanto à conjuntura social, mostrando que, mesmo quando chama a atenção para a ruína, vislumbra a renovação:

É no charco que nasce o lyrio; é na derrocada desta sociedade enfermiça que vai caindo aos pedaços pela podridão social, que brotará o comunismo, apesar de tudo, contra tudo!

Com isso vincula-se à postura de “A carniça está gostosa”, retomando o que seu colaborador diz, de modo atualizado, endossando o que diz Aurelino Corvo, mas contextualizando e motivando a expectativa positiva que se espera da ruína.

Assim, a visão de ambos se aproxima por vislumbrar a derrocada do capitalismo, mas difere no ponto de vista com que ele expõem dos fenômenos sociais. A derrocada do capitalismo justifica o festejo do Corvo diante das “encrencas do mundo”, e a esperança apresentada por Oswald de Andrade. No referido artigo assinado por “Estalinho”, a representação metafórica do apocalipse (“derrocada desta sociedade enfermiça”, “podridão social”) equilibra-se pelo prelúdio de um mundo harmônico (“brotará o comunismo”), que virá heroicamente (“apesar de tudo, contra tudo!”). Nesse último fragmento, portanto, Oswald de Andrade, ao tomar como causa do apocalipse a podridão fatal do capitalismo agonizante e, como consequência, o comunismo vital que brotará, confirma sua cosmovisão metafórica e utópica, na hipérbole da virada. O artigo, embora regule-se também de ruínas e derrotas, faz com que essas se convertam em revanche e horizonte de mudança, pois que se aplica aos imperialistas, a partir de que Oswald de Andrade comemora a virada triunfal.

Nos demais artigos, notícias e editoriais também se percebe uma linha inscrita no ato da devoração, da busca ávida de conhecer para fortalecer-se, argumentar e protestar. A expressão, que reside entre o riso e a fúria, promove a expectativa do triunfo. Triunfo sobre a ignorância, triunfo sobre o poderio das potências mundiais, triunfo da alegria sobre a opressão, implicando numa grande metáfora em que o ato de comer alegra quem se farta. Assim a parceria com Astrojildo Pereira auxilia na instalação do clima e da atitude do jornal. A alegoria da renovação da essência vital de morte (do

poder capitalista) e vida (do povo e do comunismo) implica também em que “Tristeza e comida são incompatíveis (enquanto a morte e a comida são perfeitamente compatíveis)”¹²⁰. Ao gritar aos quatro cantos as vantagens do socialismo, a Rússia é a mais fina guloseima. No grito contra o imperialismo, os massacrados pelos dentes do povo são principalmente a Inglaterra, a Alemanha e os Estados Unidos. Ao amaldiçoar o mundo imperialista, forja-se a mudança das identidades sociais (domínio/dominado, elite/operário), por meio da ridicularização desses fatos, sistemas, pessoas e nações.

São várias as expressões que determinam para o mundo a iminência da ruína, nessa imagem hiperbólica que ameaça o capitalismo à derrocada. As afirmações movimentam-se em nuances tênues entre a perlice e a resistência, revanche e zanga, praga e prenúncio, crítica e zombaria. No editorial do número 4, “a ordem da ferradura”, ao satirizar a vinda do príncipe, Oswald de Andrade aproveita para prenunciar a decadência e o desmoronamento da nação inglesa:

Antes, porém, que a Inglaterra se espedace e esfarelle e fique reduzida a um pharol de carvão sobre o mancha e desapareça sua canalha aristotocrática [sic] – cujas ladies já agora, conforme afirma Paul Morand, só se contentam com pretos e cujos lordes ambiguos são doces e burros como o herdeiro que nos visita – o Brasil teve a gloria de ouvir as mais anti-diplomáticas grosserias que um cerebro capitalista da Decadencia podia gerar.

Essa representação de virada imperativa justifica também a referida metáfora de morte/vida, motivo que Aurelinio usa para saborear as

---

¹²⁰ BAKHTIN, 2008, p. 247.

encrencas. Confirma essa atitude, por exemplo, o clima criado pelo título refletido em três notícias curtas, agrupadas numa mesma coluna, na quinta página do número 8. Nesse caso, o título e a natureza dos fatos relatados tangenciam a mesma concepção de ruminar e saborear a desordem no mundo capitalista:

***os mais gostosos tele-
grammas***

De Oslo:

Cerca de 45.000 operários de várias indústrias declararam-se em greve em seguida ao fracasso das negociações, iniciadas pelos delegados do governo, para se conseguir um acordo entre operários e patrões

De Copenhague:

As sérias disputas que se estão registrando nos meios industriais da Dinamarca e da Noruega ameaçam deixar sem trabalho numerosos operários. Em consequência das greves, foi anunciado o lockout de 50.000 operários,

De Johannesburgo:

Um grupo de moças grevistas tomou as entradas da fábrica em que trabalhavam, procurando impedir que as fura-grêves voltassem ao trabalho. A polícia interveiu, ficando diversos policiais com escoriações pelo rosto

Como se observa, dialogando com o artigo “A carniça está gostosa”, essas representações convergem no deliciamento com os problemas da sociedade capitalista. A coluna apresenta blocos de saborosa expectativa diante dos conflitos nas relações capitalistas entre rico e pobre. O título “os mais gostosos telegrammas” confirma o escárnio e satisfação de verem trituradas as encrencas do mundo. Nessas expressões torna-se inevitável não imaginar a atitude necrófaga do corvo, em paradoxal parceria com a

antropófaga de Oswald de Andrade, que extrai disso tudo o bom sentido para a revolução.

O posicionamento de Oswald de Andrade revela a agudez e a perspicácia de captar variedades políticas e sociais. Contudo, semelhante a explicação que Vera Maria Chalmers faz sobre a compilação dos textos da coluna *Telefonema*¹²¹, no prefácio que apresenta a obra homônima, também se exclui, em *O Homem do Povo*, qualquer consideração que poderia levar a uma pressuposição de apuro político profissional no discurso de Oswald de Andrade, advertindo que ele “não é um analista político nem um crítico da cultura; o cronista não é um especialista; a sua matéria exprime a opinião pessoal do escritor”¹²². Além da opinião pessoal, a febre com que o modernista se impõe no interior dos problemas alia-se à agilidade em lidar com tantos assuntos cruciais.

Essa habilidade mescla defesa, maldição e inversão social, o que configura a sátira. E aqui se antecipa o teor carnavalesco, que eleva o pequeno e reduz o grande, cuja base bakhtiniana, por hora, refere-se ao entendimento de Vera Maria Chalmers, segundo a qual a “sátira política tem como horizonte a perspectiva utópica de uma revolução carnavalesca [...]”¹²³. Assim, a partir do teor satírico e revolucionário do artigo, delineia-se seu

---

¹²¹ CHALMERS, Vera Maria. Panorama de “Telefonema”. Apresentação. In: ANDRADE, Oswald. *Oswald de Andrade: Telefonema*, São Paulo, Globo, 1996, p. 11-46.

¹²² CHALMERS, 1996, p. 27.

¹²³ CHALMERS, Vera Maria. *Três linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976, p. 123.

caráter funcional de gritar ao povo, mas, talvez, sobretudo aos privilegiados, as imprecizações contra essa sociedade maldita, que ele escreve ridícula e enigmática.

Perseguindo explicações para os problemas e as mudanças sociais, Oswald de Andrade, vários anos após o lançamento do jornal, explica a função do protesto para a revolução, dizendo que, no processo da mentalidade formada pela pré-utopia e pela utopia, “todos os sonhos de mudança e transformação social que estudamos se foram não somente de sonho mas de protesto. A utopia é sempre um sinal de inconformação e um prenúncio de revolta”.¹²⁴ Nessa direção estão configuradas as imagens que se formam, no todo do jornal, como banquete ao avesso e como espetáculo a que se assiste. Mesmo quando apresentadas como espetáculo, os problemas do mundo capitalistas são veiculadas de modo que por elas perpassa a estrutura maior de um processo crítico e original de assimilação.

Essas imagens constroem, voltando ao artigo “Ideologia criminosa”, seus pontos de vista ao representar a sociedade (enigmática) e seu modo de provocar o poderio e demonstrar entender os fatos (“podridão social”), naquele momento. A universalidade da problemática é abstraída em torno das relações de poder, rico e pobre, dominante e dominado, além da oposição entre liberdade racional e submissão religiosa ou intelectual, e pela forma de subverter o poder, ou seja, pela linguagem.

---

¹²⁴ In: ANDRADE, Oswald. A Marcha das Utopias. In: _____, 1995, p. 209.

As representações realizadas pela imagem “brotará o comunismo”, dentre outras, representam instrumentos para agir. O discurso militante do jornal, ao lançar sua proposta transformadora, e definindo o que deve interessar ao leitor, problematiza o papel deste e orienta os efeitos da sua leitura¹²⁵ de mundo. Como base fundamental, não apenas quando usa o léxico crítico, a antropofagia constitui uma atitude de percurso. Nota-se que, no jornal, ela serve à sátira, a qual tem a função de revelar, do seu modo, os fatos, buscando atribuir a eles, em grande medida, o caráter cômico, apontando o ridículo e o absurdo da situação e, sobretudo fazendo com que seu ponto de vista sirva para construir o mesmo ângulo de visão no interlocutor, tirando-o do comodismo e apresentando como evidente o teor ridículo das mazelas que aponta.

Mário da Silva Brito, em *Ângulo e Horizonte*, explica de modo geral as conquistas gramaticais do Modernismo, destacando “a invenção verbal, o casamento inesperado de substantivos e adjetivos que parecem se repelir”¹²⁶. A determinação do articulista por meio do termo “podridão” dá substância à composição da alegoria do homem explorado pelo imperialismo, mas que prepara a revolução pela deglutição e assimilação das experiências mundiais. Semanticamente, a explicação inerente ao contexto que soluciona a contradição entre o substantivo “sociedade” e o

---

¹²⁵ Cf. COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

¹²⁶ BRITO, 1969, p. 69.

adjetivo “enfermiça” pode ser buscada num emprego irônico da noção de alteridade, a qual é explicada por Oswald de Andrade em 1950 como “sentimento do outro, isto é, de ver-se o outro em si, de constatar-se em si o desastre, a mortificação ou a alegria do outro”¹²⁷. Assim, as experiências são tomadas como matéria de interesse e crescimento, além do gosto da vingança, no caso, por serem desastrosas para o poder.

O seguinte trecho do editorial “As angustias de Piratininga”, na primeira página do sétimo número, é representativo do estilo, do humor e da crítica política, no ataque a esse que é um dos principais alvos do jornal, o Partido Democrático:

Precioso e ridículo, como literatura política, nullo de visão social, fechado no mais estreito e pifio provincianismo, vertendo apenas o puz que brota dos dois cancros de São Paulo – a Faculdade de Direito e o café – o manifesto do Partido Democratico fixa bem para os olhos ingenuos dos que acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a guela ambiciosa e hypocrita dos exploradores que depois de ter erguido palacios e fazendas, a chicote e a tronco de escravos – pretendem continuar a sugar o suôr dos que trabalham, a troco de represental-os na comedia dos cargos publicos .

Cynicos, comediantes sem treino, pois foi da mais deslavada, da mais clara exploração feudal que até hoje viveram do alto de suas cathedras de professores, de suas bancas de jornalistas e de suas mesas de jogo – eil-os que surgem ao embate da primeira crise séria, chamando a si o encargo de ser o traço de União entre o governo e o povo!

Traço de união entre o parasita e o explorado, entre o que come e o que é comido, entre o carrasco e a victima [...]

---

¹²⁷ ANDRADE, Oswald. Um Aspecto Antropofágico da Cultura Brasileira. In: _____, 1995, p. 157.

Oswald de Andrade aproxima por analogia o Partido Democrático a elementos do sistema capitalista e ao sistema feudal, cujas formas de produção e relações de trabalho são alvos da sua mordacidade (o “parasita” e o “explorado”). Os aspectos críticos das expressões “goela”, “o que come e o que é comido”, “sugar o suor”, juntamente com as expressões “ridículo”, “estreito”, “cínicos”, “comediantes sem treino”, “deslavada”, “pífio”, “comédia dos cargos públicos”, para não citar outras do artigo, não abarcadas pelo trecho, evidenciam a concatenação entre subversão e comicidade. De um lado, a linguagem subverte, ao ir contra os meios da gestão pública; de outro, perverte pelo do léxico que cria os sentidos jocosos em torno do centro de significação, ou seja, em torno da gestão pública, que ele entende por “comédia dos cargos públicos”. Ao dizer que o Partido Democrático “fixa bem para os olhos ingenuos dos que acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a goela ambiciosa e hypocrita dos exploradores”, aponta para a tendência do entendimento da deglutição no sentido perverso. A reminiscência da antropofagia ocorre em seu valor positivo ou é lembrada, como nesse caso, em oposição à “deglutição hipócrita” da goela burguesa, configurando-se como metáfora que se insinua nas representações de Oswald de Andrade no jornal. A dicotomia que se estabelece entre a antropofagia e o canibalismo burguês¹²⁸, ao polarizar as duas atitudes, promove a distinção entre o valor do ritual de comer o outro e a alienação da comilança mecânica; entre o interesse intelectual e a gula física; entre a ruminação e a deglutição; entre a reflexão e a alienação etc. Torna-se

---

¹²⁸ Cf. ANDRADE, Oswald. A Crise da Filosofia Messiânica. In: _____, 1995, p. 101-47.

antropofágico esse ângulo, com um certo ponto de vista em que o jornal se posiciona, exercendo de modo natural a tendência que ele acentua, por exemplo, em 1954, quando diz em entrevista: “Tendi e tendo cada vez mais para uma filosofia que chamo de filosofia da devoração. A vida é devoração pura”.¹²⁹ Sua sátira também procede de modo a devorar a doutrina comunista, que ele empunha para peitar a sociedade capitalista.

Pelos motivos expostos, no jornal *O Homem do Povo*, essa proposta de “devoração” do mundo pode encontrar sua mola propulsora na doutrina comunista, que Oswald de Andrade pincela com humor. As maldições à burguesia já forjam sua eliminação, e em seu centro ideal ergue o socialismo. Os sentidos que giram em torno dessa proposta de assimilação destacada no estudo, não obstante, constituem até hoje matéria inacabada pela sua própria natureza. Mas é indiscutível que no jornal há como que um acordo tácito para compreensão de seus sentidos, seja na metáfora positiva da antropofagia, de assimilação cultural, de posicionamento crítico, de interesse (apetite); seja na sua configuração de oposição ao canibalismo, à gula irracional, que vem à superfície volta e meia. Observam-se, nesse movimento, os pontos críticos que Oswald de Andrade amplia e aos quais fornece novos acréscimos a partir do movimento que originou a *antropofagia*, legitimada pelo “Manifesto Antropófago” de 1928¹³⁰.

---

¹²⁹ ANDRADE, Oswald de. Entrevista. Perdeu o apetite o terrível antropófago. In: _____. *Os dentes do Dragão: entrevistas*. 2.ed. Pesquisa, Organização, Introdução, Notas e Estabelecimento do texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade), p. 226.

¹³⁰ ANDRADE, 1975, p. 3, 7.

A plurivalência das brenhas antropófagas configura-se sob vários ângulos, sugestivos de estilo, de visão de mundo e de método, proposto e adotado pelo articulista, na medida em que se faz sentir na seleção lexical, na construção da alegoria da ruminação, na rebeldia contra o sistema, e no modo de conceber ideias e fatos. Como estilo, Benedito Nunes, na sua obra *Oswald Canibal*, dá a seguinte explicação sobre a antropofagia oswaldiana:

Oswald de Andrade conservaria, durante o período de militância político-partidária, como adepto do marxismo, o estilo de ação do movimento antropófago que ele abjurou no famoso *prefácio de Serafim Ponte Grande*. Nos seis [sic] números do jornal *O Homem do Povo* – aparecido em 31, e que já pertencem a esse período, ressurgem as frases-choque, as provocações zombeteiras, as cenas satíricas, que prolongam a violência verbal da extinta revista [de antropofagia]. A rebeldia do homem natural, mito forjado pelo movimento antropofágico é a linha de pregação revolucionária do escritor convertido em “casaca de ferro” do proletariado.¹³¹

Paralelo ao estilo de violência e zombaria no ataque verbal, o modo satírico de ver o mundo relaciona-se cooperativamente com o método antropofágico, e ocorre num plano proposicional de crítica diante dos fatos. A respeito disso, Oswald de Andrade retomaria a antropofagia sob o conceito de *weltanschauung* (visão de mundo), designação adotada em sua tese de 1945, *A Crise da Filosofia Messiânica*. Compondo as hipóteses sobre esses significados, percebe-se o diálogo com o ritual antropófago contra a alienação. É sugestivo o exemplo da entrevista intitulada “a desillusão das

---

¹³¹ NUNES, Benedito. O retorno da antropofagia. In: _____, 1979, p. 51-52.

victorias burguezas”, com subtítulo “fala ao ‘homem do povo’ um soldado revolucionário foragido de Itararé”. As aspas em “o homem do povo”, interlocutor do soldado, sugerem algo além da expressão, marcando o significado da sentença que oculta o próprio Oswald de Andrade. Na entrevista, um soldado anônimo teria demonstrado mudança e maturidade a partir da experiência como combatente na Revolução de 30. Denuncia a injustiça contra os mais fracos e a falta de reconhecimento dos “grandes”:

Eu agora não vou ser mais bucha de canhão para servir de degrau prá ninguém.

Contudo, exalta a figura de Luiz Carlos Prestes, o qual defende por entendê-lo como defensor dos pobres e contra os ricos. Enfim, a experiência teria despertado a consciência e a superação da alienação, conforme infere seu entrevistador, “o homem do povo”:

Elle já tinha consciência de que era um homem. E que a consciência dos outros homens como elle despertava, formando a consciência da sua classe.

O mundo, sob um certo ângulo, é representado em termos do possível, nos quais podem-se sentir as vozes da utopia da “harmonia planetária” que perpassa o protesto, paralelamente às chamadas para a revolução. Pressente-se o traçado da reflexão antropofágica a cada nova inferência, a cada novo fato anunciado, a cada pilhéria. Também se pode, num apanhado reflexivo, captar uma relação de causa e consequência pela qual a politização prepara para a revolução. Para implementar o preparo do homem do povo, num raciocínio silogístico, “Spartacus” prescreve a

militarização das massas, no artigo “Palavras ao exército”, na terceira página do primeiro número:

Está no exército a salvação nacional.

Não no domínio da casta militar, note-se bem. Mas, na aliança perfeita e inquebrantável do soldado com o homem do povo. Não no militarismo da farda, mas no militarismo da nação em armas.

A militarização do Brasil parece-nos indispensável. As massas devem militarizar-se, para apurar a sua pugnacidade e o seu ímpeto constructor. Esse será o primeiro grande passo. Dahi a nossa saudação ao Exército, symbolo dessa etapa inicial que marcará na historia o começo da libertação brasileira.

A propensão para o preparo político e armamentista militar, ao acrescentar as armas como ingredientes instrumentais do ativismo oswaldiano, constitui um dos diferenciais das demais manifestações da sua trajetória.

O ponto de vista crítico de Oswald de Andrade envereda por percursos que dialogam com tendências filosóficas, culturais e políticas do pensamento estrangeiro. Propõe a assimilação crítica do outro, como dito anteriormente, no âmbito da sua antropofagia, como a metaforizar o processo de escrita, leitura e assimilação do próprio jornal *O Homem do Povo*. Unindo-se à abordagem sobre a acepção do “fenômeno antropofágico”, em seu caráter rebelde e dionisíaco, está o seu opositor, o messianismo, do ponto de vista de Oswald de Andrade, e suas imputações, cujas implicações ideológicas e concepções religiosas ele explica em 1929:

O movimento que vitaliza o Brasil é o que chamei de Antropofagia. Em São Paulo encontrei duas forças extraordinárias que ao meu lado formaram na urgente obra de anticatetequese que vamos levando a efeito. São Raul Bopp e Oswaldo Costa.

O jesuíta deixou entre nós uma psique neurastênica e a justificativa moral dos movimentos do coração. É isso que faz, por exemplo, em Minas, o senhor Affonso de Guimarães Júnior continuar solidário em tudo com a bestice paterna.

É verdade que se trata ali de um atavismo pesado. Mas em geral são os umbigos sentimentais que urram contra a limpeza que vamos fazendo e que faremos, custe o que custar. “Uma questão de amizade.” Cretinos![...] ¹³²

Essa base de oposição ao messianismo alia-se à crítica à igreja católica, sobretudo aos padres, processada nos artigos. No ataque contra os padres subjaz a neurastenia dos jesuítas, e o percurso das suas elaborações no jornal produz sentidos para o embate relacionado a modos e tendências de libertação na sua expressão política. Esta parece dar o encaminhamento de modo a buscar a renovação social, política e econômica pelo operário, mas o faz por meio da libertação da seriedade que oprime. Nesse sentido, o riso, impulso constante em Oswald de Andrade, torna-se arma para desestabilizar.

Em *O Homem do Povo*, portanto, o funcionamento, a relação e os sentidos entre o espírito guiado pela via antropofágica, a subversão de Oswald de Andrade e o ingrediente do humor, que consiste em um procedimento também adotado pelos modernistas, tornam-se atributos do embate político. Com base na explicação de Mário da Silva Brito, em *Ângulo e Horizonte*, o humor torna-se instrumento de acesso pleno do homem à “liberdade do espírito e pode levá-lo a expandir-se de forma imprevisível, e, com isso, ilumina e desvenda o homem ao próprio homem. Torna-se uma

---

¹³² ANDRADE, Oswald. A Psicologia Antropofágica. In: ANDRADE, 1990, p. 50.

eficientíssima medida da infinita e infindável comédia humana”¹³³. No procedimento de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*, a vida representada como uma comédia é uma das formas de desestabilizar, pelo ângulo crítico, falsas estruturas. E a interação entre os três elementos destacados se dá de modo coerente, inclusive no que diz respeito ao caráter satírico. Para Raul Bopp, o movimento antropofágico pauta-se pelo espírito “jovem, independente, burlão, negativista. Com sátiras audaciosas, provocou uma derrubada de valores, de mera casca literária, sem cerne. Sacudiu hierarquias inconsistentes. Assinalou uma época”¹³⁴.

A imagem a que a Igreja católica é submetida pela crítica oswaldiana exemplifica no jornal tal propriedade. Sendo tão presente nas empreitadas e expressões dos modernistas, sobretudo em Oswald de Andrade, o humor da expressão ativista insere-se relacionado à sua natureza de esteta que, “com seu espírito buliçoso, agitava os diferentes grupos literários”¹³⁵. É bom lembrar, contudo, que, embora o humor seja auxiliar na derrubada da seriedade, incompatível com a natureza do modo de ver não apenas oswaldiano, mas nos anseios modernistas, é frequente e evidente a maneira de processá-lo por meio da veemência e, não raro, da violência na expressão de Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo*.

---

¹³³BRITO, 1969, p. 182-183.

¹³⁴BOPP, Raul. *Vida e Morte em Antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977, p. 37.

¹³⁵BOPP, 1977, p. 37.

Pelas considerações sobre os pontos fundamentais do jornal feitas até aqui, percebe-se a linha antropofágica entrelaçada à subversão e à comicidade no jornal, de modo a delimitar espaços e valores diferentes.

8 A LINGUAGEM IMAGÉTICA

No ensaio “Antropofagia e Utopia”¹³⁶ o crítico Benedito Nunes propõe a prevalência da cadeia de imagens e a consideração das elaborações oswaldianas como algo aquém de um sistema filosófico, mas além de uma simples criação literária. De fato, essa interseção que a linguagem oswaldiana promove dos valores em torno da relação entre política e estética diferencia o jornal *O Homem do Povo* de um programa de limites e natureza bem delimitados. Oswald de Andrade, mais que fazer jornalismo informativo, ou filosofia política por um discurso eloquente e revolucionário em prol da ideologia comunista, porta-se como um agitador febril. Contudo, o que se destaca em seu arrebatamento é o instrumento usado: a palavra espirituosa e imagética que traz à tona seu espírito crítico. Quando chama a atenção para o conteúdo político, atrai para o fato de, ao mesmo tempo em que protesta contra pompas e convenções sociais, transfigura-as pela linguagem.

Para Benedito Nunes, a busca interpretativa central visa à ligação entre imagens e conteúdo. No jornal *O Homem do Povo*, a profusão de imagens, ligando a intuição poética oswaldiana à sua conceituação política, convida a concordar que se, pela forma esquemática, sua exposição no jornal não chega a constituir um sistema; pela linguagem que satiriza também não se

---

¹³⁶ NUNES, Benedito. Prefácio. *A Antropofagia ao Alcance de todos*. In: ANDRADE, 1995.

limita a uma criação estética, desvinculada do teor crítico. Mas, sob o ângulo que entende sua escrita entre o protesto político e o jogo verbal, o jornal pode atrair mais pelo deleite da linguagem do que pela conscientização política. Talvez por isso sua pouca repercussão política, fato cujo peso é ajuizado neste estudo pela dimensão atribuída ao potencial metafórico e crítico. O elemento intuitivo aloja-se na expressão pela metáfora e pelos jogos verbais, propiciando a cooperação do elemento estético com o preceito político. O jogo e o manejo com as palavras imprimem importância ponderável ao valor do primeiro elemento da relação entre estética e política, entre o modo espirituoso de dizer e o significado do que se diz. Nesse âmbito, uma relação se cria entre o jogo de espírito e a criação poética.

Tratando dessa questão da identidade entre modo espirituoso de brincar com as palavras e a poesia, Mário de Andrade, no ensaio “A Poesia em Pânico”¹³⁷, explica que o trocadilho, a poesia e o “jogo-de-espírito são parentes por bastardia, derivando todos eles, junto com a ciência, de uma contemplatividade profundamente intuicionante e transformadora”¹³⁸. Dessa forma, no jornal *O Homem do Povo*, os recursos expressivos representam a subjetividade pelas muitas imagens. Seu elemento intuitivo percebe-se nos já citados jogos com as palavras, estabelecendo uma afinidade com o estilo de Oswald de Andrade.

---

¹³⁷ ANDRADE, Mário de. A Poesia em Pânico (1939). In:_____. ANDRADE, Mário de. O empalhador de passarinho. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002, p. 49-56.

¹³⁸ ANDRADE, M., 2002, p. 49.

Não se pretende com isso enquadrar no campo da criação artístico-literária a expressão oswaldiana em *O Homem do Povo*, situando-a no âmbito da poesia, mas perceber-lhe a linguagem da intuição, da imagem, dando destaque à sua maneira de perceber o real. Assim, embora o objetivo maior do jornal estudado pareça ser a revolução proletária, iniciando a conscientização do trabalhador pela esquematização de conceitos filosóficos marxistas, em sua oposição aos conceitos que regem o sistema capitalista, revela-se nele outra relação. Os sentidos dessa nova relação criam nuances que os avizinham, por exemplo, da explicação de Benedetto Croce, no *Breviário de Estética*¹³⁹, sobre a construção de textos filosóficos e científicos que recorrem a metáforas. Para este autor, as figuras metafóricas desses textos devem ser tratadas como aproximações, como para-conceitos, e não como conceitos que visem à exatidão ao colher seus referentes. Alfredo Bosi, no prefácio que escreve para a obra de Croce, sintetiza a relação entre construção imagética e conceitos, explicando preceitos estabelecidos por Croce para a leitura de determinados textos que fogem do rigor da conceituação racional e usam muitas imagens, propiciando uma aproximação entre a natureza da poesia e a do texto conceitual ou filosófico:

Caso as metáforas proliferem, o leitor pode suspeitar que o texto é antes retórico, no sentido de persuasivo, do que rigorosamente científico. De todo modo, resulta das análises crocianas a existência de uma zona de intersecção virtual que se estende entre a expressão poética e o trabalho

---

¹³⁹ CROCE, Benedetto. *Breviário de Estética: Aesthetica in nuce*. São Paulo: Ática, 1997.

filosófico: a imagem é o elemento eventualmente comum a todos.¹⁴⁰

Nessa linha de pensamento, no jornal também, antes de atingir qualquer meta de rigor racional, comum em manifestos políticos, aliado à demonstração informativa ou formativa, ressalta-se a metaforização, alguma vez retórica, e a comicidade que se alia à subversão, incluindo a grande metáfora que constrói os sentidos figurados da *atitude antropófaga*, ou seja, a linguagem que escreve o ato de digerir e assimilar as notícias do mundo por um processo de “ruminação”.

Esses provedores de sentido, em sua heterogeneidade, unificados em torno do sentido da ruptura com a norma jornalística, processada em *O Homem do Povo*, organizam-se na denúncia de um mundo cheio dos problemas, advindos da crise financeira global. Tanto no que diz respeito à relação entre nações, em que se ataca a exploração imperialista, quanto nas relações desiguais entre os homens, é por meio de metáforas que Oswald de Andrade denuncia o domínio dos poderosos capitalistas sobre os operários. Na designação “escravos de Mister Ford”, considera-se o árduo regime de trabalho e o salário miserável. Desse modo, ao buscar assumir o papel de baliza da revolução social, o editor-articulista do jornal *O Homem do Povo* procura desmascarar pela zombaria e ridicularizar pela pilhéria figuras e fatos da cena cotidiana e da política em geral, o que ocorre, às vezes, em *flashes* de ideias e informações dos acontecimentos do mundo a

---

¹⁴⁰ BOSI, Alfredo. A Estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. In: CROCE, 1997, p. 12-13.

ser “devorado”. O editorial A ordem da ferradura, por exemplo, transcende o conceito de mundo civilizado, pois o articulista metaforiza falas do príncipe por meio da imagem da ferradura, propondo que ele seja destituído da seriedade pelos dos homens do povo. A animalização do processo lembra a filosofia antropofágica com seu sentido pejorativo de civilização, que teria corrompido o homem.¹⁴¹ Colocando em xeque os conceitos do regime capitalista, brinca-se com as palavras criando um sentido metafórico global, sendo o jornal a fonte que conscientiza o homem do povo. Depreendem-se, de modo geral, a partir das imagens, várias configurações de ruptura: no posicionamento político subversivo, no dogma religioso católico dessacralizado, na demolição em prol da reconstrução da seriedade partidária, dentre outras.

Em torno da meta imposta no jornal, resumem-se problemas sobre o sistema capitalista, que Oswald de Andrade designa de “cabra cega”, referida metáfora com apoio numa brincadeira infantil, que ao mesmo tempo centraliza os significados do alogismo, problema já explicado como maior alvo de ataque pelo jornal. Nessa brincadeira, um dos participantes tem os olhos vendados e tenta agarrar algum outro participante, ao qual passará a venda, e assim sucessivamente. O termo “cabra-cega”, expresso desde o primeiro editorial, condensa a recusa e o modo considerado alienado com que os homens operam no sistema capitalista, representando o que seria uma cegueira, hipérbole usada com base na obtusidade de visão

---

¹⁴¹ Cf. ANDRADE, 1995, p. 101-47.

considerada por ele. A ridicularização dos seus indivíduos é a face ideológica do termo, uma vez que mostra o sentido de falta de consciência nas relações de trabalho, pois que os homens agiriam às escuras e à tontas, sem enxergar sua própria condição. Tal crítica evoca o ponto de vista marxista em que os trabalhadores e capitalistas mantêm os seus respectivos espaços à custa de muita exploração e pouca possibilidade de mudança. Mas, em vez da explicação conceitual, há a imagem que metaforiza tal alienação.

Ainda dentre os subentendidos na expressão “cabra-cega”, está a crítica ao discurso ideológico, segundo a qual o próprio sistema ou o discurso do poder, ou seja, do detentor do capital, camufla ou justifica de modo velado as diferenças e injustiças sociais. Isso reforça a consideração de que o sistema capitalista é sustentado pelo mascaramento ou naturalização da injustiça nas relações de trabalho. Os trabalhadores, sob o prisma oswaldiano, não teriam possibilidade de exercitar argumentos devido à falta de conhecimento, mesmo o de base da língua escrita pela alfabetização que permite acesso aos meios de comunicação, o que resultaria na visão turva. Os integrantes dessa “cabra-cega” são designados pelo articulista de “escravos” e “senhores”, pelos mesmos motivos expostos, criando um duplo efeito de falta de visão: o capitalista, por não ser conveniente enxergar; o trabalhador, por não lhe ser facultado enxergar.

Além do sistema econômico e político, as várias instituições sociais atacadas são representadas por uma linguagem figurativa, como a Igreja Católica, para a qual ele constrói a alegoria de “indústria da caftinagem”, associando um termo da modernidade a um tipo de exploração pertencente ao universo da prostituição, do cáften que negocia o corpo alheio por dinheiro. A metáfora da caftinagem se justifica, portanto, pelas subscrições da igreja, cuja arrecadação é considerada promíscua. De outra parte, a Faculdade de Direito de São Paulo, no seu entender, é o “cancro que mina o Estado” porque seus membros exerceriam, em seus escritórios, a função de “legalizar”, de vários modos, a exploração dos trabalhadores pela burguesia, sendo a entidade considerada, portanto, aparelho mantenedor do regime capitalista. Sob esse argumento, essa instituição é um dos principais alvos de ataque de Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. Maria Augusta Fonseca informa a circunstância do seu fechamento “marcado pela violência, quando estudantes da Faculdade de Direito do Largo do São Francisco empastelam o jornal”.¹⁴² Além dessas, todas as organizações, as pessoas e os fatos criticados nos artigos e editoriais do jornal são transfigurados pela expressão imaginativa oswaldiana. Fica assim estabelecido, no jornal, um maior peso para o efeito imaginário da organização expressiva do que para os significados da expressão.

---

¹⁴² FONSECA, 2007, p. 227.

9 IDENTIDADE E SÁTIRA

Decorre do compartilhamento do humor, das imagens, da subversão e da antropofagia várias possibilidades de associações identitárias nas representações de Oswald de Andrade no jornal. O conjunto dos atributos centrais e distintivos, articulados no jornal, funciona como um sistema de representação que ele cria para si próprio, para os outros articulistas, para leitores e para o país. Esses atributos incorporam traços da sua visão de mundo aos traços do jornal, e é esse conjunto de características nos usos da linguagem que faz com que a expressão oswaldiana seja reconhecível, permitindo a atribuição de sua autoria a artigos não assinados. Na linguagem desses artigos, as imagens constituem a forma de perceber o real e, a partir dessa percepção, de denunciar, de satirizar. Sua abordagem do país e do mundo envolve configurações de identidades cujos sentidos se constroem em cadeias pelo elemento verbal, expressivo e pelo ideológico. No percurso de produção da imagem pretendida do país em *O Homem do Povo* ressalta-se a associação em que o riso e o protesto se dão ao mesmo tempo. O lado negro e cômico do país que é possível descobrir é revelado nas notícias e artigos, demonstrando o interesse de que outros possam conhecer, aproveitar e, sobretudo, contrapor-se ao sistema a partir da visão e experiência que a cultura lhes oferece. Em vários segmentos, como em algumas construções selecionadas anteriormente, Oswald de Andrade enxerga o caráter burlesco de situações, sugerindo ângulos diferentes de

visão. Um dos exemplos dados foi sua definição da elite burguesa como “O rebotalho e a caricatura da “Comedia Humana” de Balzac, numa grotesca transposição colonial”. Sua denúncia se faz por perceber o ridículo de certas atitudes e propriedades da burguesia ou do poder político, tal como o alogismo citado inicialmente, a pretensão e a incoerência política. Nesse caso, configura-se um compartilhamento do riso, pois a elite torna-se protagonista da comédia a que os homens de bem assistem. Um exemplo da configuração de comédia é uma analogia que Oswald de Andrade faz no editorial “Os músicos do Titanic”, no terceiro número. A famosa estratégia usada pelo comando do navio Titanic, durante o naufrágio histórico, ao solicitar que os músicos tocassem para evitar o tumulto dos náufragos, é o fato que metaforiza as medidas da negociação do Brasil com os credores estrangeiros:

E dos elementos mais diversos, mais disparatados, mais imprevistos, uma orchestra nasce, viva, harmoniosa, cantante, no urro geral dos que naufragam.

*É o ultimo blefe. O blefe que a bordo do **TITANIC** filmado, poz talvez a nota mais chocante, mas audaz que a cinematographia de Dupont realizou ultimamente.*

*

Num paiz que vae a pique, tambem apparecem musicos. São os embaixadores que levam para o Exterior a harmonia falsa de um fox-trot sem sentido que não faz mais nenhum credor dansar.

Detentores de uma mentalidade postiça, habituada ao theorico, ao convencional e ao falso, elles são destacados para illudir com baixellas e bons modos, a pertubação immensa que se apodera de uma nau que faz agua e a cujo tragico S.O.S respondem, outros chamados de outros naufragios, num mar que não brinca, que não adia a catastrophe, que não perdoa e não recua deante de milagre algum.

A representação metonímica toma o navio pelo país e o naufrágio pela crise. As negociações são a orquestra, relacionadas ao blefe, ao objetivo de iludir; e a mentalidade dos embaixadores é caracterizada pelo alogismo, pela “mentalidade postiça”, na presunção de que a “farsa” seria convincente. Mais um exemplo em que a situação do país, nesse caso comparada ao drama da cena cinematográfica do filme sobre o naufrágio do navio Titanic, pelo estilo satírico, antes de chocar, provoca o riso. A abordagem sobre a atitude dos embaixadores relaciona-se a má gestão do Brasil, num contexto em se gasta o tempo, “que não para”, em ações patéticas, alógicas. Essa abordagem sobre a equipe econômica faz coro com a abordagem geral da burguesia brasileira, como já estudado. Há sempre um sentido negativo atribuído a essa classe, cuja pressuposição de seriedade é refutada e desmascarada, e suas atitudes definidas como alógicas, justificando a definição de fantoches ou a caracterização pela mentalidade postiça. Esse aspecto coletivo das características pelas quais o país é visto faz do Brasil uma nação cuja imagem é construída satiricamente pelo problema do alogismo dos seus gestores e das elites intelectuais e burguesas.

Essas elaborações oswaldianas, portadoras de uma crítica a práticas e pensamentos corrompidos pelo sistema e pela visão turva, esquematizam um impulso de teor progressista que pode ser contextualizado pela situação do período, na busca de uma identidade nacional, conforme comentário de Antonio Candido a respeito:

Nessa altura, isto é, o começo dos anos 30, nacionalismo foi principalmente lenha na fogueira da reação política. Mas também era, aos trancos e barrancos, uma grande aspiração de pesquisar e definir a identidade do país.

Sob esse aspecto o decênio de 1930 foi cheio de exemplos interessantes. O movimento revolucionário daquele ano marcou o amadurecimento do interesse dos brasileiros pelo Brasil, com extraordinário incremento dos estudos sobre a nossa história, organização política, problemas sociais e econômicos.¹⁴³

E o Brasil de 1931, no jornal *O Homem do Povo*, é apresentado, conforme a crítica oswaldiana, como uma nação em crise, cuja solução, no entender de Oswald de Andrade, pode ser alcançada pela revolução do trabalhador. Ao dar destaque ao homem comum, a valorização da nação se opõe aos ditames do nacionalismo autoritário conservador e valoriza o elemento marginalizado pelo nacionalismo ornamental, o qual é descrito por Candido¹⁴⁴:

O nacionalismo ornamental atinge aqui um dos seus limites implícitos, ao excluir tacitamente da nacionalidade o pobre, o negro, o mestiço, o chagásico, o maleitoso, o subnutrido, o escravizado, como se fossem acidentes, manchas secundárias no brasão das oligarquias, idealizadas numa espécie de leitura delirante da nossa história¹⁴⁵.

Evidenciando o papel fundamental desse elemento marginalizado, sobretudo o operário, Oswald de Andrade põe em xeque segmentos das classes privilegiadas. Outro exemplo disso está no artigo “Política das coisas”, na terceira página do primeiro número em que, sob o pseudônimo “Plebeu”, ele

---

¹⁴³ CANDIDO, Antonio. Uma palavra instável. In: _____ *Vários Escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995, p. 299.

¹⁴⁴ CANDIDO, 1995, p. 293-305.

¹⁴⁵ CANDIDO, 1995, p. 296.

comenta sobre a hesitação em torno das duas medidas financeiras, o empréstimo e o *funding*, sobre os quais ainda não havia acordo a respeito da melhor solução. Ao revelar o paradoxo advindo de dois fatos em torno do economista e do trabalhador, o articulista denuncia mais um problema que fornece atributos à composição da imagem excludente que faz do Brasil:

Quem está de fora é só o Homem do Povo. Elle não entra em nenhum desses negócios. No entanto, é o principal interessado, porque é quem paga.

Entende ele que o abandono e o descaso imperam, fato intensificado pelas consequências da crise de 29, que será mais bem detalhada no capítulo destinado ao contexto social. Os valores igualitários apresentados pelo articulista, sendo desprezados pela elite dominante, buscam trazer ao primeiro plano aquele que Oswald de Andrade aponta como o maior protagonista da nação, o proletário.

Um elemento inclui-se no jogo da expressão em que se perscrutam as questões da identidade construída por Oswald de Andrade no jornal: a referida conduta libertária. A liberdade configura-se como fator da aproximação entre artigos e editoriais de duas formas: pela grande recorrência da sua expressão, ou seja, Oswald de Andrade fala muito, direta ou indiretamente, em liberdade; e pela marca de valores ideológicos e expressivos inerente à própria atitude da sua expressão. Primeiro porque, pela linguagem, ele se posiciona politicamente; segundo, porque, pelo modo da linguagem satírica e metafórica, ele se contrapõe ao rigor expressivo, ou

ao padrão jornalístico informativo, supostamente neutro, mesmo pela própria natureza do periódico. No que tange à ideologia, a língua parece não estabelecer limites ao alvejar qualquer poder estabelecido, como o referido ataque que faz à igreja católica, representante da religião oficial do país, cuja imagem corrente, por conseguinte, é convencionalmente inviolável e sagrada. No jornal, seus integrantes tornam-se pedinchões de batina ou cáftens, empresários de prostíbulos. A alegoria da prostituição consiste na denúncia que Oswald de Andrade faz, por exemplo, ao dogma e aos sacramentos, expostos como peripécias que os padres utilizariam para acumular lucros. Aliás, o clero, como no exemplo da quinta página do sétimo número, é por ele, repetidas vezes, associado ironicamente ao capitalismo, sistema que, conforme visto, é trazido ao jornal como “cabra-cega”:

*Alia-se o clero, ao capitalismo, aquelle, teme o progresso, porque este da-nos a clarevidencia que necessitamos, teme o progresso porque o regimen papista não pode viver sem as mistificações infames!
Porque não pode viver sem o mistério!*

Nesse trecho do artigo “O paraíso norte-americano”, o articulista, adotando o nome “Montenegro”, defende o comunismo das mazelas capitalistas da América do Sul. A proposição do fragmento busca desmascarar o que seria o interesse da igreja em manter o atraso, sobretudo o intelectual, mostrando sua verdade, segundo a qual o clero manteria o indivíduo no atraso das “mistificações infames”. Quanto ao valor expressivo, a linguagem torna-se elemento de um processo verbal autônomo e original, refletindo, pela

rebeldia que dessacraliza, a radicalização política subversiva em que se empenha Oswald de Andrade.

O ato libertário da fala que ensaia o futuro livre do jugo contrapõe-se à corrupção financeira e moral apontadas como propriedades básicas da igreja católica, pensamento que abarca a sua origem, a sua justificativa e as suas atividades. O discurso religioso incutiria a culpa e o dever da servidão alienada, sentimentos vistos por ele como fator da opressão do povo. Nesse sentido, a crítica que Oswald de Andrade empreende sobre a igreja busca assumir valor de libertação dos sentimentos advindos da submissão e dos falsos conceitos. E, na composição dos argumentos, sua crítica associa as idéias aos relatos, o que lhe confere um efeito de concretude. Nos números 5 e 6 do jornal, por exemplo, apresenta-se em duas partes um relato intitulado “as odisséas da batina: depoimento de um padre indiscreto”, na primeira página dos referidos números. O texto, que teria sido enviado anonimamente ao redator do jornal, trata de um depoimento de um padre, também anônimo, o qual o remetente teria conhecido em uma viagem. Publicado no contexto da Semana Santa, o relato traz o seguinte intróito:

Sr. Redactor

Sabedor de que o Homem do Povo circularia sabbado apezar da santificação da sexta-feira, não me pude furtar o desejo immenso de aproveitá-lo para trazer ao conhecimento do Povo o que se passa atraz dos bastidores clericaes.

O que escrevo me foi contado por um authentico padre, iguaisinho a todos os outros que por ahi andam.

O remetente expõe o depoimento que teria ouvido de um padre. Esse relata seu ingresso, por castigo dos pais, no seminário. A devassidão vivenciada ali teria sido naturalmente aprendida por ele. Desde a infância, “menino travesso, perverso e libidinoso”, sua história sugere uma criação contraditória e cheia de desvios morais. Sobre a trajetória no seminário, revela a hipocrisia da instituição clerical e o ciclo de abusos ali praticados. O número seguinte do jornal traz a segunda parte, publicada como conclusão, em que ele conta a vida de padre e seus pecados, dentre os quais as relações sexuais com suas confidentes. Tais relações são justificadas por ele ao dizer que fazia isso para que seu julgamento como padre fosse mais eficiente, e completa: “(mas, eu era bom e sempre as absolvía)”. Constituindo argumento para a crítica à igreja católica, o relato demonstra desmascarar o que julga como depravação institucionalizada pela igreja, pressupondo na fala a legitimidade de quem viveu a realidade clerical, numa aterrorizante trajetória. Dentre várias outras confissões, o relato é arrematado com a seguinte fala:

O dinheiro é o nosso Papa e o Papa é o dinheiro. Sou padrinho de meus filhos e compadre da mãe deles. Como pedinte de esmolas, levei vantagens sobre todos os verdadeiros mendigos que conheci de vista. Nas kermesses roubei varias vezes na roleta e em outros jogos. Também fiquei rico e proprietário.

Mas “As odisséas da batina” assemelham-se a mais uma estratégia oswaldiana, em que ironia e ousadia articulam-se na sugestão de que as relações entre redator, padre e relator fazem parte do processo criativo da mesma mente que conduz os pseudônimos e as suas atuações na dinâmica

do jornal. O relato “indiscreto” se encaixa ao clima e objetivo do jornal que, nesse caso, demonstra desvendar os bastidores da classe clerical. A língua oswaldiana, rastreando as formulações marxistas, expõe o funcionamento ideológico da igreja na sociedade, sobretudo no que diz respeito ao povo. Pontuando sua crítica com exemplos ilustrativos como o do padre indiscreto, ele visa ao desmascaramento das aparências, revelando o interesse clerical em explorar, gerir e acumular riqueza. Para isso o clero agiria de modo a atuar nas opiniões, naturalizando e encobrendo contradições criadas pela sua conduta. A igreja católica é caracterizada tanto pelo capitalismo, que visa ao enriquecimento, quanto pela corrupção em seus valores e procedimentos. E sua imagem se associa à identidade do país, seu mantenedor, sendo que a comicidade da representação envolve o alogismo dos fiéis, abarcando toda a sociedade, mas, sobretudo a paulistana, da qual Oswald de Andrade fazia parte. A crítica ao clero se estende até o número 8, última impressão e publicação de *O Homem do Povo*, de 13 de abril, no artigo “Nada de confusões”, página 6, em que se intimam os trabalhadores a afastarem-se dos padres, justificando:

elles visam directamente o nosso sacrificio em proveito de sua bem organizada quadrilha cuja séde se encontra em Roma.

Os argumentos de caráter panfletário marcam um discurso acusatório, pelo uso de expressões que diferenciam o povo e o clero. De um lado, “nosso sacrificio”, de outro, a “bem organizada quadrilha”. Esse tipo de expressão implica os sentidos da crítica de ataque direto à Igreja Católica que o

articulista constrói no momento, mas transpondo-a para a práxis política empreendida pelo jornal, completa o sentido de alerta ao trabalhador. Este, submisso ao jugo do dogma cristão, estaria sendo manipulado pela engrenagem lucrativa da Igreja, por ser considerado instrumento limitado ideologicamente.

Outros aspectos recorrentes da expressão do jornal, que permeiam as construções e dispõem as imagens, também são auxiliares na organização que projeta sentidos identitários, refletindo o diálogo com as conquistas de liberdades do Modernismo com relação à linguagem, atacando a polidez forçada, o rigor gramatical e o conservadorismo. Considerando o contexto do jornal e as pressões sociais que o país sofre no início da década de 30, advindas da crise de 29, refletida em todo o mundo com a queda da bolsa de Nova Iorque, ressalta-se um elemento identitário determinante, distintivo e prevalente em relação às tendências gerais do momento: o humor que produz a sátira de fatos da vida pública, tais como a vinda do príncipe de Gales ao Brasil; de instituições, tais como a Faculdade de Direito; e de empresários, tais como os Matarazzo, além de vários representantes da política e da burguesia brasileira. Essa sátira, reafirma-se, não se dá por meio da explicação conceitual, mas se dá muito sob o signo da metáfora. Assim, o jornal torna-se de certo modo a projeção de Oswald de Andrade, no seu papel de força central que seleciona quem vai dizer, além de apontar o que e como deve ser dito. É por esse caminho já preparado por seu editor que o riso satírico configura a associação identitária da liberdade como

objetivo e práxis da expressão, reforçando que a satirização dos fatos abordados no jornal constitui parte integrante dessa valoração libertária.

Com relação ao funcionamento da sátira, Oswald de Andrade diz, na conferência “A sátira na literatura brasileira”¹⁴⁶, concedida anos mais tarde, em 1945, que, imbuída da função de fazer rir, a sátira é caracterizada por ser social, ou seja, voltada para o outro. Sua eficácia “está em fazer os outros rirem de alguém, de alguma instituição, acontecimento ou coisa”.¹⁴⁷ Considera, ainda, que o riso é provocado pela inadequação nas mais variadas manifestações, e acrescenta: “Transponha isso para o terreno da crítica, da ressonância e da linguagem social e está aí a sátira. Nela o oprimido se sente justiçador. É a revanche, a descarga, a vindita”¹⁴⁸. Desse modo, no seu entender, pela sátira haveria a liberação do jugo. Sob esse prisma, ele se vale da sua veia cômica para animar seu protesto e, sem dúvida, provocar reações e incomodar o poderio de instituições e pessoas, fornecendo ao estudo do jornal mais uma forma da feição libertadora do riso, a da vindita pela sátira. Também a seguinte explicação de Henri Bergson sugere um modo de se entender a função punitiva do ingrediente essencial da sátira, o riso:

Toda pequena sociedade que se forma no seio da grande é levada assim, por um vago instinto, a inventar um modo de correção e de abrandamento da rigidez dos hábitos contraídos alhures, que precisarão ser modificados. A sociedade propriamente dita não procede de outra maneira.

---

¹⁴⁶ ANDRADE, Oswald, A Sátira na Literatura Brasileira, In: _____, 1992, p. 69-85.

¹⁴⁷ ANDRADE, 1992, p. 69.

¹⁴⁸ ANDRADE, 1992, p. 70.

É preciso que cada um de seus membros fique atento para o que o cerca, [...]. Por isso ela faz pairar, sobre cada um, senão a ameaça de correção, pelo menos a perspectiva de uma humilhação que, mesmo sendo leve, não deixa de ser temida. Essa deve ser a função do riso. Sempre um pouco humilhante para quem é seu objeto, o riso é de fato uma espécie de trote social.¹⁴⁹

Até este ponto, fica evidente o estabelecimento de uma inter-relação entre a fase ideológica e a modernista do ativista Oswald de Andrade. As propriedades libertárias e demolidoras que impulsionaram os escritores no embate estético dialogam com as propriedades em torno do embate de enfoque social e político, que ele trava no jornal. Em ambos, também nota-se o interesse pela discussão em torno de uma possível identidade nacional no pensamento do modernista, e o jornal torna-se, sob esse prisma, seu veículo e instrumento. A maior diferença desse enfoque talvez esteja no objeto que esse diz defender, o homem do povo, e no cenário que utiliza para seu ponto de partida: o tema das ideias comunistas. A produção do protesto por meio do elemento cômico, ao representar o país (com destaque para as elites dominantes) como comédia, se dá por meio dos fatos noticiados e artigos que muitas vezes apresentam os fatos como se fossem cenas teatrais ou, mesmo, espetáculo. Pode-se destacar como exemplo inicial um trecho do artigo “A vida é dura”, na primeira página do segundo número, em que se inicia o texto usando uma irônica imagem de cena espetacular assistida pelo burguês:

São Paulo assiste com desvelo especial e agrado todo particular o facto de todo dia das cheias do Tamanduatehy e do Tietê. Constitue mesmo uma

---

¹⁴⁹ BERGSON, 2001, p. 101.

scena de especial agrado para as classes desoccupadas, para os meninos ricos e para as meninas cinemeiras, ir contemplar o que passa com as populações proletárias dos bairros inundados. Porque não deixam de ser pitorescas as scenas dos operarios com as casas invadidas pelas aguas, e os trastes paupérrimos boiando ao léo. A burguesia, do alto dos seus automoveis caros e dos seus palacetes do estilo arrevesado, goza o espetáculo [...]

Também no artigo “Política das coisas”, na terceira página do terceiro número, a política paulista é descrita recorrendo-se à metáfora de teatro:

S. Paulo tem sido até agora o theatro de um jogo de influencias mais ou menos contraditórias entre as quaes balança o interventor. [...] E o coronel João Alberto, que não era bem de um nem de outro, a dançar entre todos e mais entre todas as outras correntes.

O artigo “Resurrexit”, presente na terceira página do sexto número do jornal, faz pilhéria com as celebrações da Semana Santa:

*Mais algumas horas e teremos mudança de scena.
Resurrexit!...
Alleluia!...
Hontem jejuns, lagrimas amarguradas pelo soffrimento do Salvador.
Hoje bailes á fantasia, pagodeiros desenfreados*

E mais adiante, no mesmo texto:

Si Christo ainda existisse, condenaria horrorizado essa pantomina religiosa que Roma encena e as igrejas representam.

Também nota-se a referência satírica a espetáculo ou teatro em títulos como no já referido depoimento “As odisséas da batina”, na primeira página do quinto número, sobre o depoimento de um padre ou em expressões como

“Cynicos, comediantes sem treino”, em referência a intelectuais paulistas, presente no editorial intitulado “As angustias de Piratininga”, do sétimo número. A representação de burgueses como fantoches, títeres, já mencionada, também constrói a imagem de encenações por personagens ficcionais.

A configuração metafórica da antropofagia no jornal também se relaciona satiricamente a essa teatralização, tornando-se uma fórmula a ser seguida pelo leitor, uma vez que este, transformado em espectador do mundo em revolução, antes de ser admitido como leitor passivo, deve se aproveitar dos fatos representados, para, tendo-os como exemplo, interferir no curso dos acontecimentos do Brasil. Nesse processo, reitera-se a hipérbole como ingrediente da revanche, que se ensaia enquanto se empreende o trajeto apontado. A representação da sociedade enfermiça e da podridão do mundo torna-se hiperbólica no sentido de que o mundo é generalizado pela situação. O articulista, no teor febril do seu protesto, liga-se por analogia ao cataclismo com que retrata o mundo. Lembre-se que as apresentações dos heróis, como Lênin, ou formações imaginárias como o pseudônimo “Spartacus”, por exemplo, não se dão por meio da teatralização cômica com crítica ao alogismo ou outro defeito, a não ser ironicamente, como no caso do nome “João Bagunça”. A sátira teatral ligada a personagens, ora fantoches, ora palhaços, ora comediantes sem treino, conforme já citado, representa a elite privilegiada dos vários segmentos sociais. Tais fatos, propostos por Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo* como fonte

de aprimoramento vital, incluem-se como foco de atenção e crítica no “processo antropofágico” orientado por ele, cujas bases são explicadas por Candido:

O Modernismo foi um momento crucial no processo de constituição da cultura brasileira, afirmando o particular do país em termos tomados aos países adiantados. Mais do que ninguém, os modernistas fizeram sentir a verdade segundo a qual só o particular se universaliza, [...]. Oswald de Andrade exprimiu brilhantemente na teoria da Antropofagia todo esse movimento, ao sugerir que a nossa maneira de fazer cultura era devorar a européia, a fim de transformá-la em carne e sangue nossos.¹⁵⁰

Traços dos movimentos revolucionários encabeçados por Oswald de Andrade em sua trajetória, como o da Semana de Arte Moderna, o andamento que deu à Antropofagia e agora a irrupção comunista, pontuada no jornal *O Homem do Povo*, relacionam-se por meio de atributos e ideias de natureza estética, filosófica e política. O olhar oswaldiano que se multiplica, os chistes que a linguagem cria, o pensamento rápido e as pilhérias que denunciam as atitudes das elites, tidas por ele como alógicas, são peças que vão constituir o seu protesto, materializando uma face da sua consciência crítica sobre o Brasil.

Nesse sentido, há uma esquematização de projeto social na sátira com que Oswald de Andrade expõe o mundo, o que revela um plano geral de derrocada, na medida em que os países capitalistas, com ênfase para os poderosos, entendidos como que ao apodrecer, transformam-se em cenário

---

¹⁵⁰ CANDIDO, 1995, p. 299.

para atuação de homens de maus costumes, a saber, os burgueses, os clérigos, os imperialistas, os economistas, os membros do Partido Democrático etc. Todos representados por meio do humor e da crítica, sobretudo no Brasil, enfatizado como uma sociedade pautada pelas injustiças sociais. Assim, a maioria dos artigos, pelo tom jocoso, torna-se um exemplo dessa tendência de satirizar os acontecimentos do regime capitalista, tomando-o como um mundo em combustão, que se torna o antecedente da revolução. A compreensão de sátira neste estudo, espelha-se também na definição de Vladimir Propp¹⁵¹ que, embora não explicita um conceito em um ponto certo, reflete algumas noções sobre a expressão satírica, e fornece a ideia de que “todo o vasto campo da sátira baseia-se no riso de zombaria”¹⁵², além de estar relacionado à denúncia de aspectos negativos da vida e dos costumes dos homens.

A inter-relação oswaldiana entre estética e ideologia inclui o fato de que *humour* e subversão estética e política configuram-se como elementos constitutivos do engajamento e da ruptura processada pelo Modernismo brasileiro. A expressão modernista, segundo Mário da Silva Brito, em *Ângulo e Horizonte*,¹⁵³ apossa-se de múltiplos recursos expressivos da modernidade, desfrutando da síntese, da maleabilidade do idioma, com o qual brinca e folga, cultuando “o humor e a graça”¹⁵⁴. Aliada da polêmica e do paradoxo, essa expressão desestabiliza a lógica do conservadorismo

---

¹⁵¹ PROPP, 1992.

¹⁵² PROPP, 1992, p. 28.

¹⁵³ BRITO, 1969.

¹⁵⁴ BRITO, 1969, p. 70

estético parnasiano, conquistando, “enfim, todas as suspiradas liberdades”.¹⁵⁵ A linguagem do jornal pode ser vista como herdeira dessa tendência, como ao produzir imagens insólitas e ousadas, por meio de recursos, vários já referidos: as hipérboles (como “o mundo em combustão”, ou sobre a igreja católica, “quadrilha, cuja sede se encontra em Roma”); os trocadilhos (como em “tenhamos fé como temos café” ou no nome “Chato-briand”); a ironia (como em “pobrezinhos estrangeiros”); o exagero grotesco que cria as caricaturas (como sobre o príncipe, “pau-d’água emérito”, ou sobre gente de “beijos no chão”, ou, ainda, reduzindo Chateaubriand a “Capitão meio-metro”), dentre outros recursos expressivos. A atuação satírica de Oswald de Andrade pode ser apreciada também a partir da seguinte observação de Mário da Silva Brito sobre o humorista, em *Ângulo e Horizonte*:

Muitos são os seus truques: apresenta o cômico gravemente e o absurdo com respeito; assume ar sisudo para tratar de coisas jocosas e jocosamente considera as coisas sérias; o fútil passa a grave e o grave a sem importância. O humorista também se dá ao luxo de rir de si mesmo. Realça e sublinha as mil e uma contradições humanas, e, através da candura, da malícia, da observação rara, do cinismo levado à lucidez, do raciocínio impresentido, e de outros recursos e até subterfúgios, revela a incongruência e a tragicidade da vida.¹⁵⁶

A definição de Brito pode-se aplicar aos artigos e editoriais de Oswald de Andrade no jornal, sobretudo na sequência do trecho em que acrescenta que o humorista “interpreta as coisas de um ângulo pessoal e promove a

---

¹⁵⁵ BRITO, 1969, p. 70.

¹⁵⁶ BRITO, 1969, p. 182.

falência do pensamento lógico, compromete as regras de conduta convencionais e derruba valores éticos pré-estabelecidos”¹⁵⁷, revelando pontos da postura subversiva e bem-humorada de Oswald de Andrade contra a ordem social, buscando apresentar a sociedade pelo seu lado ridículo e negro, que precisa ser superado. É o que ocorre no artigo “Política das coisas”, já citado na parte destinada à explicação do paradoxo na terceira página do primeiro número, em que “Plebeu” diz que “No Brasil so ha duas realidades econômicas: Londres e Nova Yorque”, ressaltando assim a presença do humor que, nesse caso, é usado para criticar o que considera falta de identidade e de autonomia e a confusão econômica provocada pelo jugo do Brasil aos países desenvolvidos. Ou ainda quando “Lima Trilhos” diz que “a Igreja não tem crise na sua industria de casamentos, missas, baptisados e outros contos do vigário”, na terceira página do terceiro número, no artigo “Cathedral e porteiras do Braz”, assim entendendo que, num país em crise, a igreja se mantém inabalável por cobrar subscrições e receber pelos seus sacramentos, considerados procedimentos de fachada. Ambas as críticas se dão por meio do humor.

No jornal a linguagem oswaldiana, às vezes, torna-se ambivalente, no sentido de que, mesmo entendendo para o jornal o caráter libertário, ocorrem campos de tensão, resultantes da concatenação do teor jocoso, que descontraí, e a gravidade dos fatos, que, em contraponto, gera a tensão. Esse é um aspecto da abordagem jocosa de Oswald em relação às

---

¹⁵⁷ BRITO, 1969, p. 182.

injustiças sociais do capitalismo sofridas pelo povo, em que o sentido do humor, muitas vezes, apresenta-se no jogo irônico das palavras que escrevem o riso ridicularizador das elites.

Outro tipo de tensão em torno da atitude do humor relaciona-se com uma abordagem anterior sobre o quesito do distanciamento emocional entre o ridente e o seu alvo. Essa tensão diz respeito à corrupção que se subentende quando Oswald de Andrade refere-se ao desfrute de privilégios da elite burguesa. Assim, se o assunto é o capitalista que goza de determinada regalia, sempre se associa o riso à noção de excesso, usando a hipérbole satírica. O festejo burguês torna-se vil, insensato, e as instituições burguesas são representadas como peças ideológicas do sistema capitalista, como no seguinte trecho do segundo editorial:

Infinitamente mais tragico é o caso do homem de picareta e officina que precisa e quer trabalhar para dar de comer a seus filhos e encontra os “meios de produção” – terra, maquina e dinheiro – encerrados para sempre no uso e gozo da panellinha que hereditariamente se diverte atirando saccos de notas nas bancas do Automovel Club, do Club Commercial e outras sociedades chics.

A representação das referidas classes sociais faz coro com outras construções que se caracterizam pelo modo de transferir o elemento cômico para o outro, no caso o antagonista burguês, no sentido de desnudar-lhe a arrogância. Esse trecho revela a gravidade da injustiça social naturalizada pelo sistema capitalista, e recebe o olhar crítico que busca ridicularizar, evidenciado, por exemplo, na expressão “uso e gozo da panellinha”. A

expressão figurativa “Panelinha”, que condensa os significados de grupo reunido em proveito próprio e que atua por meio do conluio, alia-se nesse texto de Oswald de Andrade ao verbo “divertir-se”, configurando os limites do torpe, pois a diversão seria fruto da associação entre o que falta para os trabalhadores e o que sobra para os capitalistas. Atribui-se o riso de deboche a estes últimos, na intenção de revelar ações abjetas por um humor mórbido, ou seja, a partir do desperdício e da insensibilidade. Isso é representado pelo ato que se configura hiperbólico, vale dizer, exagerado, de se atirar sacos de notas nas bancas dos clubes, às custas do “infinitamente trágico caso do homem de picareta e oficina”, ou seja, do operário sem perspectiva de futuro, explorado por aqueles que desperdiçam dinheiro no jogo. Nessa convivência entre o sério e o cômico reside a tensão em torno das mesmas temáticas e alvos. E o gozo, seja o desfrutado por Oswald de Andrade ou o criticado por ele, serve para mostrar os fatos com a objetividade assegurada de seu ponto de vista crítico e sustentada pela observação do mesmo problema por ângulos diferentes. Isso é auxiliar aos significados que se constroem em torno da associação entre estética (no modo de dizer) e política, nas propriedades dos artigos e editoriais. Esse é mais um dos aspectos análogos ao contexto, cujo lastro fora criado em torno da poética modernista, a qual é explicada por Mário da Silva Brito:

Ao poeta, na verdade, não importa o belo e o feio, mas, acima de tudo, a sinceridade, e, assim, não recua ante a crueza dos temas. Procura assuntos familiares, concretos, arrancados da vida cotidiana, numa tentativa de descobrir e revelar a magia do mundo que o cerca, ou de analisá-lo em termos de invectiva e sátira, inclusive sátira social e política,

pois que é inconformista. O burguês – como condição social e como símbolo de atitudes, idéias e comportamentos – seria crivado pelo ridículo, representante que era do conservantismo.¹⁵⁸

Assim, o riso pode se prestar também para revelar certas verdades sobre abusos de classe pelo desmascaramento da ideologia da elite dominante no país.

---

¹⁵⁸BRITO, 1969, p. 69.

10 BURGUÊS OU PLEBEU: A RELAÇÃO INDIVÍDUO / PERSONAGEM

Observa-se que as notícias e os artigos escritos por Oswald de Andrade, no jornal *O Homem do Povo*, conferem ao periódico certa unidade editorial. As propriedades da linguagem em seus textos e, mesmo no jornal de modo geral, mostram uma uniformidade quanto à seleção da matéria, às tendências do seu pensamento, à atitude e ao modo de expressar. Entretanto, um conflito se instala na própria gênese do novo personagem, homem do povo e líder da revolução proletária, que Oswald de Andrade cria e demonstra assumir. E a relação estabelecida entre Oswald de Andrade e o homem do povo se torna uma questão que pondera a linha de organicidade do jornal.

Inicialmente, uma das manifestações orgânicas de unidade do jornal é constituída pelos pseudônimos. Ao criar pseudônimos para si mesmo, Oswald de Andrade atua no fortalecimento das relações que se estabelecem, criando também personagens com seus respectivos papéis análogos, sugeridos nos próprios epítetos, como os de liderar, insurgir e sufocar (“Spartacus”, “Zumbi”, “Gaz Asfixiante”) etc. Outras vezes, joga com termos indicadores de qualidades negativas, zombando dos seus opositores, como nas alcunhas “João Bagunça” e “Estalinho”, que atribui a si mesmo. As projeções desses nomes, tanto aquela que diz respeito aos reflexos sociais, quanto à circunscrita à coerência e organicidade da expressão, ao criar os

papéis para os articulistas cognominados, funcionam como qualificativos desses articulistas. A acepção de “papéis” pode ser, nesse caso, relacionada à noção dos personagens ficcionais da literatura, mesmo porque no jornal eles são entidades fundadas a partir dos pseudônimos criados pela imaginação. Tais papéis implicam sentidos funcionais, textuais e contextuais. A dualidade que reside nessa criação dos respectivos “papéis” de Oswald de Andrade, sobretudo na relação entre pessoa e personagem, faz com que, entre Oswald de Andrade e seus pseudônimos, haja uma interação entre o dinamismo da multiplicidade e a tensão dos contraditos.

De antemão, ressalta-se por princípio a natureza matricial da identidade que ele determina para si mesmo, a de um homem do povo. Em torno desse eixo, são gerados todos os outros personagens, cujos atributos sugeridos confluem na sua relação interna como homens iguais, unidos pela opressão social, mas os distinguem dos homens comuns por traços diferenciais. Um exemplo disso é o pseudônimo “Spartacus”, que representa a aliança entre uma condição social comum e uma atitude incomum. Ao projetar, ao mesmo tempo, a pessoa Oswald de Andrade e o personagem da história, o uso da figura do escravo proporciona, por meio dos significados de liderança e resistência, a sua associação com o papel que Oswald de Andrade busca imprimir na proposta do jornal, de protesto e liderança contra o poder opressor e em prol do povo. Portanto, há, no jornal, uma representação simbólica que reflete os aspectos sociais e busca essa associação no âmbito contextual.

Mas, buscando entender a dualidade indicada, nota-se que os pseudônimos também, sobretudo a expressão com que Oswald de Andrade se autodenomina “o homem do povo”, e ainda o pseudônimo “Plebeu”, produzem uma problemática envolvendo o novo papel assumido. A descoberta da teoria marxista e a inquietação, fermentadas pela crise pessoal e financeira do mundo, o impelem a sair do seu espaço legitimado pela sociedade burguesa, e assumir outro, que o impulsiona na invenção do homem do povo e criação de seus pseudônimos. Assim, nesse ângulo, Oswald de Andrade comporta-se como um ator numa representação ficcional, a cujos personagens propicia a função de interpretar figuras representativas de qualidades do povo. Nos nomes que ele dá a esses personagens, percebe-se a busca do espelhamento de si mesmo. Daí, o motivo de, por exemplo, intercalar nos oito editoriais a sua assinatura real com o epíteto “o homem do povo”, misturando os papéis e as instâncias da pessoa criadora e do personagem criado. Com isso, realiza, ao mesmo tempo, o afastamento da realidade e a construção de um espaço simbólico.

Numa perspectiva semelhante, a distinção entre pessoa e personagem, na criação ficcional da literatura - do romance, por exemplo - pode ser aproximada do procedimento de Oswald de Andrade, no jornal *O Homem do Povo*, pelo modo como ele cria os personagens articulistas para suas investidas. No estudo “Literatura e Personagem”, Anatol Rosenfeld diz:

A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude da sua condição, e em que se torna transparente a si mesmo; lugar em que, transformando-se imaginariamente [sic] no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação.¹⁵⁹

Ao transportar-se do seu contexto e situar-se entre o povo, Oswald de Andrade empresta ao novo papel sua criatividade, suas experiências culturais e seu estilo, servindo-se dessas experiências, vividas na fase de opulência, para favorecer a eficácia dos argumentos no novo propósito. Assim, por exemplo, no ataque contra o jornalista Assis Chateaubriand atribuída a “Spartacus”, criam-se referências a vivências reais, porém transformadas pela imaginação. Oswald de Andrade procede do mesmo modo, ao criar “Plebeu”, espécie de *alterego*. Portanto, aliada à função interna dos pseudônimos na estrutura do jornal, há o desempenho de outra função: a de espelhar seu próprio criador e, de certo modo, promover-lhe a catarse do desabafo.

Vários são os prismas da dualidade existente na relação pessoa/personagem, criada por Oswald de Andrade em *O Homem do Povo*. A pessoa atua como a mão que escreve e cria o espaço simbólico; também é a mente criadora, aquela que encontra estratégias para fortalecer a importância do jornal: distribui os papéis, monta as cenas, condensa os atributos dos pseudônimos, como os de líder (Spartacus), de homem do

---

¹⁵⁹ ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio et al. *A Personagem de ficção*, São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 48.

povo (Plebeu), de estorvo (Gaz asfixiante) etc. Além disso, brinca com essa dualidade, desdobrando-se em outros espaços, como parece ser o caso do artigo “Manifesto”, na quarta página do terceiro número, na seção “Esportes no mundo e na ponte grande”. Sob o pseudônimo “Visconde de Xiririca”, o artigo começa dizendo:

Na qualidade de suplente do 15º redator esportivo deste jornal, usando dos direitos que me conferem a ausência dos demais redatores, que por estarem muito longe, hão de ir chegando de conformidade com as circunstâncias do momento, vou me manifestando através do presente.

Nesse caso, é bem possível que ele ironize, brincando com o número e a representatividade dos redatores esportivos do jornal. “Visconde de Xiririca” é um desses pseudônimos que se portam como se estivessem jogando e, na forma de entidades ficcionais autônomas, condensam as metáforas que Oswald de Andrade cria. Tomando como base o entendimento que Maria Augusta Fonseca expõe no seu estudo *Palhaço da Burguesia*¹⁶⁰, esse procedimento de Oswald de Andrade, no jornal, assemelha-se ao papel do curinga, explicado por ela. Ao analisar a narrativa de *Serafim Ponte Grande*, obra que Oswald de Andrade publica em 1933, há um ponto em que a autora explica configurações do foco narrativo e da apresentação do protagonista. Segundo Fonseca, Serafim Ponte Grande, ao assumir os papéis de personagem e narrador, atua como o curinga em um jogo, articulando essas entidades em seu próprio interior, decidindo

---

¹⁶⁰ FONSECA, Maria Augusta. *Palhaço da burguesia* - Serafim Ponte Grande e o universo circense. São Paulo: Livraria e Editora Polis, 1979.

quando se apresentará em um, em outro ou em ambos; neste último caso, como personagem narrador. Esse personagem múltiplo, segundo ela, torna-se peça chave na dinâmica da obra, associado, pela sua versatilidade e imagem pândega, ao curinga, figura que personifica “uma pessoa esperta, aproveitadora de situações, jogador que pode exercer a função de qualquer parceiro no jogo”¹⁶¹. Do mesmo modo, os pseudônimos do jornal também integram essa estratégia em que a dinâmica dos papéis se assemelha à polivalência e à onipresença do curinga. Entre ficção e realidade, os pseudônimos de Oswald de Andrade também refletem a versatilidade e o espírito pândego do seu criador, cujo personagem central, ou seja, o homem do povo, refrata-se neles.

Assim, o nascimento do pseudônimo “homem do povo” e dos outros, seus derivados, confluem como que dando ao jornal a organicidade e a força, ao menos simbólicas. Seu personagem central envolve-se numa aliança de cumplicidade que busca apagar as diferenças entre a identidade assumida e a situação recentemente invertida pela crise econômica. E essa construção de um novo “eu” empreendida pelo jornal é, não propriamente a perda, mas uma empreitada de redefinição de identidade e o ensaio de um novo modo de tratar a si mesmo, a própria sociedade e o sistema. Esse espaço simbólico criado propicia as novas identidades, reforçando a sátira que o jornal constrói por meio do teor crítico na criação dos personagens e suas idéias. E percebe-se que, da mesma forma que usa a comicidade para

---

¹⁶¹ FONSECA, 1979, p. 76.

defender, de certo modo, o homem do povo, Oswald de Andrade incorpora o sofrimento dele. O mesmo acontece com os colaboradores, os quais em vários pontos imprimem grande comoção e solidariedade com a causa do oprimido. É o que ocorre no artigo intitulado “O nosso programa”, na segunda página do primeiro número, em que “Hélio Negro” metaforiza o homem do campo, utilizando o personagem rural, pejorativamente representado por Monteiro Lobato, em *Urupês* (1918):

“O nosso combate principal será em prol do Jeca-Tatu – o filho mais útil do [sic] “Mãe Patria” e também o mais desprezado por essa senhora, que até parece madrasta de certos filhos.”

A linguagem mostra-se comovida diante da rejeição que o homem marginalizado sofre. O repúdio com que representa o Brasil, “essa senhora, que até parece madrasta de certos filhos”, é de alteridade, lembrando as maldades que os órfãos de mãe sofrem, praticadas por suas madrastas, principalmente nas ficções literárias, evocando também a visão oswaldiana a respeito do Brasil em vários pontos do seu pensamento.

Oswald de Andrade, ao introjetar o sofrimento do oprimido, estabelece a relação múltipla entre pessoa/personagem, abarcando a dor do oprimido e trazendo à tona as implicações contextuais, em que a causa socialista congrega-se na relação entre ele, Oswald, e o povo. Suas emoções, às vezes, se desdobram em enlevo e dores, pilhéria e angústia, misturando sentimentos, impulsos e riso, como quando relata, no artigo “a vida é dura”, uma manifestação do povo na Praça da Sé, na primeira página do número 2:

oitenta mil boccas comovidas numa manifestação ao misero aumento de 5% nos salários rachiticos dos que realmente trabalham, realmente produzem, realmente merecem uma equitativa destribuição social.

A intenção que se estabelece entre alteridade e identidade movimenta-se no ato de sentir, reinventar e superar. E, aos seus leitores, àqueles que tiverem a oportunidade de trilhar os caminhos da sua passagem pelo jornal, felizmente, ainda resta o deleite da sua linguagem engenhosa, para que possam, mais do que se sentir bem na dor lida, compartilhar da sua palavra, transfigurada na tentativa de transposição dos espaços e das dores, que ele empreende pelo jogo de espírito da sua linguagem.

11 OS NOVOS TEMPOS: FATOS, TEORIAS E TENDÊNCIAS

Neste ponto, buscam-se os principais fatores contextuais sugeridos como parte do jogo da expressão de Oswald de Andrade nos artigos e editoriais de *O Homem do Povo*, relacionando-os aos significados e motivações da sua escrita. Na ocasião de circulação do jornal, primeiros meses do governo de Getúlio Vargas, que durou de 1930 a 1954, o contexto socioeconômico vivido por Oswald de Andrade está marcado pela crise mundial de particular importância para ele, por ter sido a causa da sua decadência financeira, uma vez que atingiu fortemente a classe dos cafeicultores, da qual o modernista também fazia parte. Alguns pontos desse momento, acrescidos de teorias e tendências ideológicas de então, serão aqui pincelados, na tentativa de compor uma visão panorâmica e associativa entre articulista, texto e contexto.

Um dos principais alvos atacados por Oswald de Andrade é o sistema capitalista e o imperialismo, sobretudo na figura do então presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, e do príncipe inglês, Eduardo de Windsor, alvejando também o empréstimo então cogitado pelo país. Nesse tempo, em 1931, o Brasil encontra-se inserido no ciclo da técnica, na pauta do progresso e na engrenagem econômica e financeira mundial. Segundo Mário da Silva Brito, "o capitalismo estrangeiro se firma em nossas terras e, com o seu robustecimento, ou melhor, com o imperialismo, a América ingressa,

plenamente, na corrente capitalista universal".¹⁶² A partir desse fato, são fundadas as bases que os anos 30 herdariam:

O capitalismo e a política do liberalismo econômico, apoiados no individualismo e no princípio da livre concorrência, entram em estado de choque, e, em breve, sofrerão os seus primeiros reveses, bem como buscarão, em adaptações e superações, os meios de subsistirem à sua crise. Em 1919, Mussolini já redigira a plataforma preparatória do fascismo, cujas origens estão no Manifesto futurista, de Marinetti, ao qual, aliás, o líder político italiano apôs sua assinatura.¹⁶³

Nesse contexto, com o desenvolvimento industrial, ou seja, antes mesmo da crise que foi deflagrada em 1929, conforme atesta Bóris Fausto¹⁶⁴, já se modifica a realidade social brasileira, sobretudo na região Sudeste. Em São Paulo, desde o final do século XIX, concentra-se a maior parte das indústrias, que mantêm um grande número de operários, na sua maior parte constituído por imigrantes, principalmente as que se valiam de mão de obra especializada. Esses tempos áureos, de fartura e opulência na maior parte da vida de Oswald de Andrade, encontravam sua importância econômica na agricultura brasileira. Segundo Mário da Silva Brito, na *História do Modernismo Brasileiro*, a economia agrícola no país, até início do século XX, desenvolve-se baseada principalmente no café (com uma safra de 82,5 % da produção cafeeira mundial), no cacau e no açúcar, o que resulta na formação de uma oligarquia rural brasileira. Mas se, por um lado, as

---

¹⁶² BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*. Antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 24-25.

¹⁶³ BRITO, 1978. p. 26-27.

¹⁶⁴ FAUSTO, Bóris. *História do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 1994.

condições econômicas enriqueciam os patrões, por outro, os empregados, tratados subumanamente, enfrentavam os problemas da pobreza. As condições precárias, acrescenta Brito, fermentadas pela difusão da ideologia marxista no Brasil, fazem com que os trabalhadores comecem a fazer constantes reivindicações. E em 1917, setenta mil operários em São Paulo promovem a primeira greve geral no país, o que incomoda o estado e atinge a aristocracia rural: “Dentro em pouco, a lavoura perderia a direção política. Estávamos na era industrial e em função dela os problemas se proporião. A greve era um sinal da nova conjuntura social, política e econômica.”¹⁶⁵. Brito atribui a motivação desses fatos à repercussão da Revolução Russa, em torno da qual teria surgido, inclusive, a orientação socialista de muitos intelectuais brasileiros, pois as conquistas da revolução que resultou na implantação do socialismo na União Soviética são difundidas, gerando uma ideia positiva de repercussão mundial.

Lembre-se de um evento que certamente inspirou Oswald de Andrade, e consta entre os dados que favoreceram a Revolução Russa. Trata-se do papel instrutor da imprensa ao qual se ligam os seguintes fatos relatados por Brito:

De então por diante a insatisfação cresce, as greves se sucedem, a influência bolchevista no seio da classe operária progride, e disso é sintoma o êxito espetacular do lançamento de seu órgão político – *O Pravda*. Lênine, do exílio, é o lutador incansável e com Trotski, que participara do movimento de 1905, e Stalin, seis vezes exilado, dirigirá a revolução vitoriosa de 1917, que derrubaria o Czar e, mais

---

¹⁶⁵ BRITO, 1978, p. 103.

do que isto, derrubaria todo um sistema econômico e político, pondo em ação uma nova ideologia.¹⁶⁶

Influenciada pela Revolução Russa, a resistência do proletariado brasileiro é impulsionada por acontecimentos como a própria fundação do Partido Comunista no Brasil em 1922, e o trabalhador chega ao decênio de 30 com um histórico de manifestos e greves. O governo Vargas, diante da disposição revolucionária, cerca-se de garantias, sendo que os militantes, em suas inclinações esquerdistas, sofrem perseguições e têm que recorrer a pseudônimos e à clandestinidade. A proibição autoritária e punitiva centra-se em pontos fundamentais, arrolados na obra *Livros Proibidos, Idéias Malditas*, pela autora Maria Luiza Tucci Carneiro. Em um fragmento da obra, ela relata: “A trilogia *comunismo, editoras e gráficas* era sempre comprometedora, principalmente quando o tema URSS entrava em pauta. A Polícia Política nem precisava de muitas palavras para registrar o delito” [grifos da autora]¹⁶⁷.

Na origem desses fatos, observa-se que a base econômica, até o final da década de 20, era a exportação de produtos primários, e a atividade cafeeira, mesmo com as sucessivas crises, ainda prosperava até o último ano daquela década, conforme explicam Ferreira e Pinto:

Do ponto de vista econômico, a década de 1920 foi marcada por altos e baixos. Se nos primeiros anos o declínio dos

---

¹⁶⁶ BRITO, 1978, p. 97.

¹⁶⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001, p. 59.

preços internacionais do café gerou efeitos graves sobre o conjunto da economia brasileira, como a alta da inflação e uma crise fiscal sem precedentes, por outro também se verificou uma significativa expansão do setor cafeeiro e das atividades a ele vinculadas.¹⁶⁸

Mas a economia movida em torno do café brasileiro é atingida pela crise iniciada com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque em 1929. Seu grande impacto no início da década de 30 é seguido pelo fato econômico denominado *Grande Depressão*, crise e desordem financeira global¹⁶⁹. E é nesse contexto em que os reflexos do *crack* da bolsa de Nova Iorque desestruturam a economia mundial, inclusive a brasileira, que surge O *Homem do Povo*. Os problemas da crise são evocados e criticados por Oswald de Andrade no jornal, sobretudo por meio do ataque ao então presidente americano, Herbert Hoover (1874 - 1964), que governou aquele país de 1929 a 1933. A crise mundial provoca uma grande queda no padrão de vida da aristocracia cafeeira do Brasil, redundando na miséria da população em geral, o que passa a ser a maior consequência dos seus efeitos na sociedade brasileira. O comércio do café, fracassando com a queda do preço internacional, gera a superprodução do produto, o que resultaria em sua queima em junho desse mesmo ano de 1931. Nesse período Oswald de Andrade assiste à paralisação de fábricas, ao rompimento nas relações de comércio, ao fechamento de bancos e ao aumento de desempregados. O Brasil em crise precisa recorrer ao

---

¹⁶⁸ FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: *O Brasil republicano*. Org. Jorge Ferreira e Lucília A. Neves Delgadas. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006. p. 389.

¹⁶⁹, IORIO, Ubiratan. *Economia e Liberdade: A Escola Austríaca e a Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

empréstimo financeiro¹⁷⁰, e o interesse do Estado volta-se para o capital estrangeiro, sobretudo para os recursos das duas principais grandes potências - Estados Unidos da América e Inglaterra.

Voltando às tendências políticas, sabe-se que o sistema capitalista, a direita conservadora e a classe burguesa contrapõem-se ao ideal marxista. A burguesia torna-se alvo central do jornal, cujo ataque justifica-se no entendimento de que ela defende a autoridade do Estado, o conservadorismo, o fortalecimento militar e, sobretudo, a propriedade. Consideram-se despóticas, no jornal, as elaborações da direita, convergentes com o espírito nazifascista. Critica-se sua conduta, como propagadora do anticomunismo e perseguidora dos adeptos do ideal fundado por Marx. Ressalta-se a figura de Luís Carlos Prestes, em sua trajetória militante comunista, projetado no ideal oswaldiano. Segundo Anita Leocádia Prestes, em sua obra *Tenentismo Pós-30*¹⁷¹, o então presidente Getúlio Vargas era apoiado pelos tenentes, exceto por aquele que representava a ruptura com o poder estabelecido, o secretário do Partido Comunista, Luís Carlos Prestes. Como líder do contingente conhecido como Coluna Prestes, ele reunira cerca de 1.500 rebeldes percorrendo o interior do Brasil contra as forças do governo. Segundo a autora, Prestes rompeu “com seus antigos companheiros, os ‘tenentes’, em maio de 1930.”¹⁷² Aos ideais socialistas desse revolucionário alia-se Oswald de Andrade, antes

---

¹⁷⁰ IORIO, 1997.

¹⁷¹ PRESTES, Anita Leocádia. *Tenentismo Pós-30: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

¹⁷² PRESTES, 1999, p. 87.

mesmo de se conhecerem pessoalmente, conforme já explicado. Na obra *Paixão Pagu*: a autobiografia precoce de Patrícia Galvão, Pagu revela seu percurso comunista e, dentre tantos outros fatos referentes à união com Oswald de Andrade e o posicionamento ideológico de ambos, menciona o jornal e a viagem em que conheceram Prestes:

[...] Fechado o *Homem do Povo*, embarcamos juntos [ela e Oswald de Andrade] para Montevidéu.

Fomos um pouco a passeio, um pouco para fugir das complicações do processo que moviam pelos ferimentos que me atribuíam contra estudantes que quiseram empastelar o jornal. No dia seguinte à nossa chegada, fomos procurados por um homem de aparência medíocre. Eu estava só e quase despedi o nosso visitante que era Luís Carlos Prestes¹⁷³.

Oswald de Andrade menciona, na entrevista indicada na introdução deste estudo, o episódio do encontro com Prestes, demarcando o evento em 1930, mas após o fechamento do jornal *O Homem do Povo*:

Em 1930 [sic] eu também havia perdido tudo. Um pequeno jornal que fundara na Praça da Sé, depois de provocar diversos tumultos, fora fechado pela polícia. [...]

Prestes ficara só em Montevidéu, ganhando a vida como engenheiro e esperando. Fui vê-lo. Para isso tinha o endereço. Encontrei-o em companhia de Silo Meireles.¹⁷⁴

---

¹⁷³ GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu*: A Autobiografia Precoce de Patrícia Galvão. Geraldo Galvão (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 75.

¹⁷⁴ ANDRADE, Oswald. Luiz Carlos Prestes. Como acaba de vê-lo Oswald de Andrade (10-04-1945). In: _____, 1990, p. 93.

Nesse ponto, torna-se fundamental a cooperação do Astrogildo Pereira, parceiro importante no jornal. O crítico literário, além de fundador, foi o primeiro secretário-geral do Partido Comunista Brasileiro. Astrogildo, que atuou na militância comunista desde a década anterior, nos anos 20, além de ter publicado vários periódicos e livros acerca da doutrina comunista e em defesa da Rússia, “procurou romper o círculo entre o movimento político organizado, o sindicalismo organizado e os trabalhadores”.¹⁷⁵

Assim, certamente fortalecida por seus colaboradores, e aqui se destaca de modo especial Astrogildo Pereira, a proposta oswaldiana evidencia-se comunista e expõe aspectos do socialismo que então se pregava da União Soviética. No editorial de abertura, o jornal protesta:

Contra os grandes trusts parasitarios que vivem do nosso banho turco de povo lavrador. Queremos a revolução technica e portanto a eficiencia americana. Admiramos a Russia actual, pois desordenados ainda, temos que respeitar as casas com escripta. Combateremos pois ao lado da racionalização economica e contra a cabra-cega da produção capitalista. Ordem economica, progresso technico e social. Em 1923, a Rússia tinha um déficit de perto de 6 milhões de rublos na sua metalurgia, enquanto prosperavam espantosamente as brasseries e os pequenos bars. [...]

É essa a situação do Brasil, onde O HOMEM DO POVO se situ´a para dizer o que soffre, o que pensa e o que quer.

A crença no sucesso do novo regime soviético e a evocação marxista nas referências metafóricas (por exemplo, em “cabra-cega”) com que Oswald de Andrade critica o capitalismo, fazem parte das referidas tendências da época em que muitos outros intelectuais posicionaram-se a favor do comunismo. A

---

¹⁷⁵ FEIJÓ, 2001, p. 23.

força dessa doutrina no Brasil, segundo Bóris Fausto, se justifica por ela ‘ter atrás de si o aparelho internacional montado pela União Soviética e por contar com um discurso como o marxismo, detentor da “chave da história”’¹⁷⁶. Esse historicista diz, ainda, que a opção de muitos intelectuais pelo comunismo redundou na convicção de que o partido era portador da consciência do proletário e capaz de realizar a tarefa de implantação do socialismo. Acrescenta ele:

[A opção pelo comunismo] Redundou também na crença de que essa tarefa vinha sendo efetivada, desde 1917, na União Soviética. Mais ainda, redundou na glorificação de Stálin - guia genial dos povos - e na entronização dos líderes nacionais dos partidos comunistas, no altar-mor do stalinismo. O ícone brasileiro, quase não seria preciso dizer, foi Luiz Carlos Prestes.

Com base nesses fatos, Oswald de Andrade centra o comunismo, sobretudo, na figura do líder da Revolução Russa, “Lênin” (que ele grafa Lenine), ao designar a Rússia como “Pátria de Lênin”. Embora a morte deste em 1924 tivesse propiciado a Stalin a subida ao poder, as mudanças sociais, políticas e econômicas, instaladas a partir da revolução, haviam sido concretizadas sob a liderança do primeiro, baseando-se no ideal marxista. E sete anos após a morte de Lênin, e a Rússia sendo ainda um “país visto, então, como laboratório de grandes mudanças sociais”¹⁷⁷ (ainda à época em que Oswald de Andrade editava *O Homem do Povo*), salienta-se no jornal o papel do líder revolucionário.

---

¹⁷⁶ FAUSTO, Boris. Os intelectuais e a crise. *Folha de S. Paulo*, Seção Tendeências/ debates (06/09/2005), p. A3.

¹⁷⁷ FERREIRA, Antônio Celso. *Um Eldorado Errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*. São Paulo: UNESP, 1996, p. 14.

Em qualquer paiz capitalista, orientado pelas forças cegas do mercado e pela ganancia anarquica da offerta e da procura os bars teriam prosperado como o café aqui sob a operosa vigilância dos srs. Lazard Brothers e teria perecido a metalurgia.

Mas na Patria de Lenine deu-se o contrario. [...]

Revela-se, como se nota, a natureza dessacralizante da unidade editorial do jornal. Nessa direção, o primeiro editorial já aponta para a negação ao sistema capitalista, ao clero, ao militarismo. Esses assuntos também são centrais no contexto do jornal. O artigo “da industria da caridade ao regime dos empréstimos”, ataca os beneditinos¹⁷⁸ na primeira página do primeiro número, fazendo coro com a proposta crítica do primeiro editorial, ao satirizar a religião católica, cujo mote constitui-se a partir da referência a um empréstimo que a Ordem Beneditina¹⁷⁹ teria feito no exterior. Esse não é fato isolado no jornal. A instituição religiosa católica é generalizada como uma infestação mercenária que se alastra promiscuamente:

Percorra-se o Brasil de Norte a Sul. Não há cidade, villa, arraial, povoado que escape aos pedinchões de batina. A organização dessa gente é uma cousa feroz. Domina o paiz. É a “Standard oil” da pedincharia. (...) a padrecada distribui os seus agentes por toda parte, ensinando-lhes o revirar de olhos commovente, o tom de voz pungitivo, a passividade que vence os corações mais endurecidos.

Por vezes, a caridade para essa gente se transforma em nova forma de caftinagem.

---

¹⁷⁸ A congregação dos beneditinos, membros da Ordem de São Bento (OSB), associa monges e leigos, cuja regra de vida é pautada nos preceitos de São Bento. Suas atividades incluem a educação, o estudo, o serviço paroquial e o trabalho missionário. Lembre-se que o Bispo Sardinha, referido no “Manifesto Antropófago” pertencia a essa congregação.

¹⁷⁹ Maria Augusta Fonseca, na sua *Biografia*, relata que Oswald de Andrade “ingressa no recém-inaugurado Colégio de São Bento”, em São Paulo, no qual, segundo ela, cursa todo o ciclo escolar e torna-se bacharel em Humanidades. Cf. FONSECA, 2007, p. 47.

A crítica à religião, no jornal, expõe aspectos convergentes com a formulação marxista sobre a religião institucionalizada: “A miséria religiosa é, de um lado, a expressão da miséria real, e de outro, o protesto contra ela. A religião é o soluço da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, o espírito de uma situação carente de espírito. É o ópio do povo.”

¹⁸⁰ Segundo Marx, o homem só seria emancipado quando a religião fosse abolida das relações sociais: “A religião é apenas um sol fictício que se desloca em torno do homem enquanto este não se move em torno de si mesmo”¹⁸¹. Diz, ainda, que o indivíduo somente teria consciência do seu ser social, agindo autonomamente na sociedade em que vive, se não estivesse de “olhos vendados” pelas crenças e dogmas do mundo cristão. Estando ele, desde o nascimento, sob o domínio ideológico das normas sociais, não perceberia que elas mascaram a exploração do homem pelo próprio homem. Tais normas o impossibilitariam de enxergar a verdadeira causa das diferenças de classes, resultando no desconhecimento de si mesmo e de seu valor social, o que o jogariam na situação a que se dá o nome de “alienação”. Nesse domínio, a religião, na teoria de Marx, mascara o seu real caráter capitalista e alienante.

Diante disso, os escritos de Oswald de Andrade, no jornal, ao refletir a crítica marxista, tanto o faz explicitamente como por meio de ideias e expressões como “pedinchões”, “essa gente”, “padrecada”, depreciando a imagem

---

¹⁸⁰ MARX, Karl. *A questão judaica*. Tradução de Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002, p. 86.

¹⁸¹ MARX, 2002, p. 86.

eclesiástica pela ridicularização, recorrente nos seus procedimentos. Esses deflagram sentidos críticos e vulneráveis de aspectos da igreja, reafirmando, sobretudo, que não há questão intocável, espaço sagrado, inviolável. O clero, que é visto e difundido pelos agentes, autoridades eclesiásticas e pelos fiéis (seguidores religiosos), como uma entidade sublime, recebe crítica virulenta no jornal, a ponto de ser como que destronado verbalmente por Oswald de Andrade como uma praga, justificada por atos de interesse, pela atitude de chantagem com apelação emocional (“revirar de olhos comovente”, “tom de voz pungitivo”). No seu ataque verbal, Oswald de Andrade procura traduzir o que seria a corrupção de uma empresa (como entende ser a Igreja Católica de seu tempo) cujo instrumento seria a fé e a comoção dos outros, e cuja atividade, “lucrativa”, estaria baseada na exploração de seus fiéis, pelos clérigos, que por sua vez são usados como pedintes.

Outros pontos contextuais giram em torno dos personagens atacados no jornal e suas ideias. No combate ao posicionamento político-ideológico da elite paulista e ao sistema, um dos alvos de ataque do jornal, conforme citado várias vezes, é Plínio Salgado, considerado clandestino no grupo de modernistas, e cuja atitude seria explicada mais tarde por Oswald de Andrade como aquela que “encabeça a reação e prepara o fascismo nacional”¹⁸². Nesse ano do jornal, a preparação do integralismo baseia-se na oposição ao comunismo. Plínio Salgado, motivado pela inspiração fascista,

---

¹⁸² ANDRADE, Oswald. As Subdivisões do Modernismo, In:_____, 1992, p. 100.

posiciona-se na direita radical. Contra a extrema esquerda, de base popular nacionalista, segundo Bóris Fausto, o integralismo estabeleceria em 1932 seu ideal hierárquico sob o lema “Deus, Pátria e Família”¹⁸³. O lema, em defesa do controle do país por um partido tradicionalista, sem liberdades democráticas, enfrentaria a luta de classes explicada pela doutrina do comunismo; doutrina essa que combate o imperialismo, o poder do Estado, a religião etc.

Em meio a esses fatos, está Oswald de Andrade, fazendo parte de uma nítida dicotomia consolidada da situação: para os anticomunistas, foi fácil alcançar o encantamento da classe média, diante da consideração da ameaça comunista contra a propriedade; já para os comunistas, a identificação com a União Soviética, considerada a nação onde reinavam os valores libertários e igualitários, foi fator preponderante. Isso porque, do ponto de vista da economia, ainda no ano de publicação d’*O Homem do Povo*, 1931, era favorável a repercussão econômica do governo stalinista, por desconhecimento da truculência que imperava no estado soviético sob a égide de Stálin. Este, a partir de 1928, implanta os planos quinquenais de desenvolvimento, e introduz o planejamento econômico na gestão pública. Oswald de Andrade vislumbra o êxito das medidas, usadas por ele como argumento de ataque, já no primeiro editorial do jornal, percebendo seus

---

¹⁸³Cf. FAUSTO, Bóris. Integralismo: Teoria e práxis política nos anos 30. In: _____. *História Geral da Civilização Brasileira*, Vol. 3, São Paulo, 1981, p. 297-336.

efeitos na economia daquele país, uma vez que, conforme relata Arruda, esses “planos aceleraram o desenvolvimento soviético”¹⁸⁴.

Planos quinquenais, liberdade, igualdade, equilíbrio econômico soviético, em oposição às propriedades do capitalismo tornam-se pontos nucleares com respeito à temática em *O Homem do Povo*, também por serem referências, até então “exitosas”, do sistema idealizado pelo jornal.

A contraposição ao regime da propriedade, entendida como mantenedora do sistema capitalista, é uma das principais bandeiras empunhadas por Oswald de Andrade, que, juntamente com outros intelectuais, trava embate nos discursos que proferem em defesa de suas respectivas posições. Sobre a contenda da época, João Luiz Lafetá, em sua obra *1930: A Crítica e o Modernismo*, destaca o discurso ideológico de 1930 como reprodutor da tradição e da ordem estabelecida. Um ponto importante da sua crítica para este estudo abarca a ordem imposta pela conduta religiosa como, por exemplo, nas elaborações que Tristão de Ataíde faz sobre as tendências marxistas no Brasil. Se, para grande parte da esquerda, o materialismo opressor pode ser obliterado pelo comunismo, para alguns direitistas, a espiritualidade, como a conduta religiosa, seria a melhor solução para o problema abominável do materialismo. No trecho a seguir, há um exemplo do direcionamento religioso em 1930, em que Lafetá define o condicionamento ideológico de Tristão de Ataíde. Segundo Lafetá, Amoroso Lima, representante de um grupo pautado pelo conservadorismo, critica o

---

¹⁸⁴ ARRUDA, 1982, p. 292.

liberalismo e adverte que o comunismo é a consequência para a sociedade capitalista, caso essa não se liberte do materialismo:

O liberalismo é criticado por representar um aspecto do materialismo que tanto abomina. A sociedade capitalista, afastando todos os valores espirituais, todo o finalismo, dessacralizando-se e aniquilando o “laço” entre as classes que é a religião, condena-se à própria destruição. Da Revolução Francesa à Revolução Russa, Tristão vê um caminho lógico e inevitável.¹⁸⁵

Entende-se pelo trecho citado que Tristão de Ataíde, por volta de 1931, considera o papel social da religião no Brasil como elemento vital da própria estrutura social, força de união entre classes, sem a qual a sociedade destruiria a si mesma. Tais ideias estariam concatenadas a outros fundamentos ideológicos e motivações de variada natureza, incluindo a dicotomia entre os interesses comunistas e anticomunistas descritos logo atrás, e orientariam os intelectuais da direita. Esses significados se apresentam volta e meia, de modo explícito ou subjacente às elaborações em *O Homem do Povo*. Uma ideia que resume causas e consequências ideológicas da época reside na seguinte análise encontrada mais adiante na mesma obra 1930:

Com uma confusa ideologia, aparentemente contrária ao grande capital, o fascismo atrai a classe média amedrontada pelo perigo comunista. O pequeno-burguês acredita ter encontrado quem o defenda do esmagamento pela alta burguesia ou pelo proletariado, e atira-se nos braços da direita mais retrógrada. É depois, naturalmente, simples massa de manobra para o capital monopolista, mas satisfaz assim mesmo seus anseios de nacionalismo e de

---

¹⁸⁵ LAFETÁ, João Luiz. 1930: A Crítica e o Modernismo. São Paulo: Duas Cidades, 2000, p. 107-108.

participação política. De resto – e isso é importante na implantação do fascismo – seu medo do perigo comunista fica afastado.¹⁸⁶

Tais relações entre motivações ideológicas reprodutoras do sistema dominante e o posicionamento político de direitistas como Plínio Salgado ou Tristão de Ataíde, esse último recém-convertido ao catolicismo, revelam o vínculo entre os campos individual e social nas ações políticas e posicionamentos partidários. Tristão de Ataíde, manifestando tendências conservadoras, torna-se exemplo da classe atacada por Oswald de Andrade; constitui, assim, um protótipo do posicionamento fascista, simpatizante que foi de Hitler e, sobretudo de Mussolini, conforme se demonstra na referida obra de João Luiz Lafetá.

É inegável que, nesse ponto, com relação ao pensamento de Oswald de Andrade no jornal, deve-se admitir o cruzamento de fatos que insinuam uma relação dual. O jornal abraça a causa popular; entretanto, o discurso do editor, editorialista e articulista do jornal, conforme explicado anteriormente, não está livre da relativização provocada pela fusão da anterior situação ligada ao sistema latifundiário de café com a então construção de uma imagem de homem do povo, defensor do operário. Por conseguinte, o discurso libertário construído no jornal torna-se entrevisto inevitavelmente como impregnado da “ascendência nobre apreciada e alardeada por

---

¹⁸⁶ LAFETÁ, 2000, p. 109-110.

Oswald, grande cultivador do *modus vivendi* da fidalguia¹⁸⁷, descrita por Boaventura. O discurso configura-se, desse modo, como voz que polemiza e critica, mas que também favorece a polêmica de base ideológica marxista como ingrediente subjacente a si mesma.

Karl Marx, na sua Introdução à *Crítica da Economia Política* (1857-1858) define as “categorias que constituem a relação interna da sociedade burguesa e sobre as quais assentam as classes fundamentais. Capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária”¹⁸⁸. Referindo-se à oposição *capital x trabalho* como burguesia e povo, respectivamente, Oswald de Andrade, abraçando a causa do povo, define espaços e papéis sociais, ora inserindo, ora excluindo figuras das elites capitalistas. Seguindo a linha de pensamento que a sátira percorre no jornal, portanto, é inevitável a percepção da base marxista, mesmo quando implícita nos pontos em que, em termos gerais, Oswald de Andrade critica o sistema da propriedade; também quando critica a religião, entendida por Marx como “ópio do povo”¹⁸⁹. Conforme a frase, a religião seria um produto do próprio homem, ilusão de felicidade e instrumento de dominação, por desviar o indivíduo da consciência, da racionalidade, o que facilitaria a livre ação do poder dominante. Também quando critica o sistema de lucro do capitalismo ou quando critica os falsos valores que fazem crer na inferioridade de um homem com relação a outro. Ainda nos pontos em que denuncia a forma

---

¹⁸⁷ BOAVENTURA, Maria Eugênia. *O Salão e a Selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ex Libris, 1995, p. 13.

¹⁸⁸ MARX, Karl. Introdução à Crítica da Economia Política. In: _____. *Os pensadores: Marx*. São Paulo: Nova Cultural, 1999, p. 46.

¹⁸⁹ MARX, Karl. *A Questão Judaica*. São Paulo: Centauro, 2000, p. 86.

alienante da relação patrão/empregado e a exploração cruel do empregado pelo patrão, que menospreza o valor da força produtiva. As oposições que faz geralmente evocam essas elaborações do ideal marxista, que norteia *O Homem do Povo*. Acreditando-se que essas bases tenham sido materializadas com êxito pela Revolução Soviética, tornam-se sugestivas na tentativa oswaldiana de transpor seu protesto do campo abstrato para, de certo modo, a sua práxis política.

Com relação à sociedade paulista e seus políticos, percebe-se que Oswald de Andrade impõe, desde o discurso fundador do jornal, determinados posicionamentos e tendências, com respeito a partidos, sistemas e ao poder advindo da Revolução de 30, que tinha como eixo uma “concepção de viés militarista, autoritário e centralizador, voltada para resolver os problemas do país por meio da intervenção do Exército na vida nacional.”¹⁹⁰. No tocante à “corrente separatista”, o fato é que na época São Paulo tinha como interventor o militar João Alberto Lins de Barros¹⁹¹, membro do Partido Democrático, que participara do movimento tenentista e da Coluna Prestes. Acresce-se o fato de que o coronel João Alberto estava passando por conflitos com o Partido democrático, cujo líder, o civil Francisco Morato, esperava ter sido indicado por Getúlio para interventor paulista. Em abril dá-se o rompimento de Lins de Barros com o PD, conforme manifesto do

---

¹⁹⁰PRESTES, Anita Leocádia, 1999, p. 20.

¹⁹¹PRESTES, 1999, p. 20.

próprio partido em 24 de março de 1931, exposto por Edgar Carone¹⁹². Este historiador informa que na época “o Partido Democrático quer dominar João Alberto e, depois rompe publicamente com ele”¹⁹³. Lembre-se que o Partido Democrático apoiava a então ideia de “São Paulo para os paulistas” e, dentre os escritores modernistas, “Mário de Andrade é figura eminente, como um dos fundadores do Partido Democrático”¹⁹⁴. Oswald de Andrade configura-se entre os esquerdistas radicais e opõe-se às ideias defendidas por Mário de Andrade, na referida “corrente separatista”, as quais desencadeariam a Revolução Constitucionalista de 1932. Essa seria enfocada posteriormente por Oswald de Andrade na sua obra *Marco Zero*.

Sobre a crítica contra a ocupação estrangeira no jornal, é sabido que o grande número de imigrantes que vinham procurar trabalho em terra brasileira agravava a situação do trabalhador no Brasil. O governo começa então a definir a regulamentação de sindicatos, o que na verdade visava, segundo Boris Fausto¹⁹⁵, não a melhoria para o operário, mas sim a anulação das influências anarquistas comunistas nascentes, “transformando os sindicatos em organismos oficializados, numericamente restritos, apolíticos e voltados exclusivamente para as reivindicações

---

¹⁹² CARONE, Edgar. A primeira ofensiva oligárquica: o Partido Democrático rompe com João Alberto. In: *A Segunda República: 1930 – 1937*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1978, p. 21-37.

¹⁹³ CARONE, 1978, p.21.

¹⁹⁴ CANDIDO; CASTELLO, 1981, p.64.

¹⁹⁵ FAUSTO, Bóris. A Revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme (Org.). *Brasil em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 227-255.

profissionais”¹⁹⁶. Como exemplos de ações voltadas para o trabalhador, o autor cita discursos de Vargas e Lindolfo Collor, então Ministro do Trabalho, proferidos em dezembro de 1930, voltados para a ordenação do fluxo de trabalhadores imigrantes em favor do trabalhador brasileiro.

Mencionados esses fatos, ficou sugerido *grosso modo* o contexto do discurso oswaldiano no seu caráter predominantemente político, fermentado pelas notícias de sucesso soviético e fracassos mundiais das potências capitalistas. O teor satírico, anteriormente estabelecido, embora possa relativizar a seriedade inerente ao discurso político, torna-se a busca por desestruturar valores tradicionalistas, promovendo a polêmica libertária, intuicionante e risonha. Ata-se o fator contextual ao modo cômico e antropofágico como ingrediente que, junto aos outros, também inflama o discurso do protesto oswaldiano em *O Homem do Povo*. E assim, avança-se um pouco mais na investigação do jornal, delimitando a situação em que Oswald de Andrade arrebatava a causa do povo.

---

¹⁹⁶ FAUSTO, 1995, p. 253.

12 O CAMPO DO SÉRIO-CÔMICO

A partir dos elementos orgânicos do periódico, percebe-se como resultado um contorno diferente na questão relativa ao gênero do jornal, transfigurado pelas propriedades do jornalismo oswaldiano. *O Homem do Povo* torna-se uma mescla de traços variados que se articulam, atribuindo ao seu conjunto natureza especial. Sua produção conta com todo o processo da grande imprensa, em que há redatores, repórteres, fotógrafos, editores, diretor, secretários, articulistas. Sua estrutura também, conforme visto, segue o padrão da grande imprensa, sendo dividida em seções e colunas, abarcando entrevistas, reportagens, notícias, anúncios, comentários e artigos. Suas tiragens periódicas apresentam-se em folhas duplas, soltas e encasadas. Mas, por tudo o que o jornal apresenta, do qual se buscou enfatizar traços importantes, evidencia-se sua diferença em relação ao jornalismo padrão. O Homem do Povo, antes de informar e perseguir a seriedade nos artigos, busca pelo verbo a inversão dos papéis sociais, provocando a elite e defendendo o povo. Para aquela desenha seu destronamento; para esse, esboça a ascensão social. Iniciando a tentativa de entender o funcionamento dos atributos que caracterizam o gênero do jornalismo oswaldiano em *O Homem do Povo*, observa-se que a insistência no convencimento do leitor pelo combate político e social, em sua natureza subversiva, sugere a face panfletária, combativa e veemente, a qual se

aproxima da acepção de Honoré de Balzac¹⁹⁷, para quem panfleto é “a razão com a crítica fazendo fogo como um mosquete e matando ou ferindo um abuso, uma questão política ou um governo”¹⁹⁸. Estão implicadas nesse conceito balzaquiano as características da crítica feroz. A metáfora usada pelo autor francês representa bem a atitude central do jornal, que busca alvejar e destruir valores instituídos, como os já mencionados, em torno da política, do governo, da religião, da cultura, da justiça institucionalizada.

Tratando de *O Homem do Povo*, em “O canibal e o capital”, Vinicius Dantas faz uma análise semelhante, ao explicar que “Seu jornalismo panfletário fundava-se na provocação (direcionada a elite jurídica e empresarial de São Paulo e à igreja) e jogava o leitor diante da contradição econômica e social”¹⁹⁹. Essa provocação muitas vezes, conforme visto, apresenta ataques veementes e acerbos, construindo o caráter da diatribe. Mas se, por um lado, essas propriedades panfletárias, incitativas e críticas, instalam-se no jornal, por outro, a leitura de *O Homem do Povo* propicia várias possibilidades no ângulo que investiga a natureza múltipla do seu jornalismo. As possibilidades de compreensão quanto ao seu gênero e aos atributos que o jornal apresenta ultrapassam esses limites. E fazendo jus à configuração essencial do cômico do jornal, volta-se à acepção de Balzac, para o aprofundamento do que parece ser um dos aspectos mais

---

¹⁹⁷ BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Trad. de João Domenech. São Paulo, Ediouro, 2004.

¹⁹⁸ BALZAC, 2004, p. 71.

¹⁹⁹ DANTAS, Vinicius. O Canibal e o Capital: a Arte do “Telefonema” de Oswald de Andrade. In: ABDALA JR, Benjamin; CARA, Salete de Almeida. (Orgs.). *Moderno de nasença: figuras do Brasil*. São Paulo: Boitempo editorial, 2006, p. 150-177.

significativos do periódico. Trata-se do ponto em que o autor francês diz que “o panfleto é o sarcasmo em estado de bala de canhão”²⁰⁰. Ressalta-se, com isso, a sua natureza satírica, abordada diversas vezes no decorrer desta análise, mas que agora se justifica como ingrediente fundamental na tentativa de entender atributos que tocam as linhas do gênero do jornal. Antecipa-se, nesse ponto, aspectos da teoria de Bakhtin, principalmente na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski*, sobre os gêneros dotados de caracteres especiais, que ele abarca como “campo do sério-cômico”. As produções desse gênero, segundo ele, fazem oposição a gêneros sérios como a tragédia, a epopéia, a história, a retórica clássica, etc. Inicialmente, o autor explica:

No caso da Antigüidade Clássica e, posteriormente, na época do Helenismo, formam-se e desenvolvem-se inúmeros gêneros, bastante diversos exteriormente mas interiormente cognatos, constituindo, por isso, um campo especial na literatura que os próprios antigos denominaram muito expressivamente: (caracteres especiais), ou seja, campo do sério-cômico.²⁰¹

Adotando o raciocínio que liga a crítica ferina ao sarcasmo descrito por Balzac, o que se tem em vista, ao buscar apoio em Bakhtin, será desenvolvido a partir do fato de que, ao mesmo tempo em que parece expor suas verdades “austeras”, o articulista principal de *O Homem do Povo*, Oswald de Andrade, imbuído da sua capacidade satírica, produz uma mistura de revanche, panfleto e sátira social, numa mistura de ingredientes que refletem o campo descrito pelo estudo bakhtiniano. Começando pela

---

²⁰⁰ BALZAC, 2004, p. 73.

²⁰¹ BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002, p. 106.

face grave, de certo modo séria, do jornal, observa-se que sua feição panfletária reside na natureza subversiva, na função ideológica de um instrumento de conscientização e mudança social, e na situação de crise financeira, que fortalece o ânimo de rebeldia, de não conformismo. Os constructos de que o articulista se vale não poupam ninguém, intercalando, como exemplo, os xingamentos, as denúncias e a incitação. Com respeito ao xingamento, seleciona-se um exemplo, extraído do conjunto de pequenos blocos de ideias, intitulado “protestemos”, na terceira página do oitavo número, assinado por “Corypheu”:

[os intelectuais] *Safadamente, explorando tudo que lhes possa alimentar o cabotinismo mórbido, vivem agachados aos pés dos poderosos. [...] Cretinos.*

Exemplo de denúncia encontra-se no artigo “O paraíso norte-americano”, na quinta página do sétimo número, em que, criticando o clero, além de nomeá-lo “uma quadrilha com sede em Roma”, diz:

[o clero] *teme o progresso porque o regimen papista não pode viver sem as mistificações infames!*

Quanto à incitação, um exemplo em que ocorre de forma explícita reside em outro fragmento do artigo “protestemos”, na terceira página do oitavo número:

Soldados e marinheiros, homens das fabricas e dos campos, protestemos contra essa safada “manifestação cívica”. Ella, como os circos romanos, só servirá para divertir os bem vestidos e alimentados e distrahir o povo que soffre, desviando-o da verdadeira lucta. Protestemos.

Além desses exemplos, de marcada oposição à manipulação de um grupo, a própria temática sociopolítica, apresentada por meio da instigação revolucionária, evidencia a face panfletária, que busca instigar no leitor à autocrítica e a reação. *O Homem do Povo* também revela a sua própria natureza polêmica. A propósito, lembra-se que no artigo “comentários de um homem do povo”, na terceira página do primeiro número, o jornal *Estado de S. Paulo* é apresentado como “defensor da indústria e do capital financeiro”. Mais adiante, lê-se no mesmo artigo:

O “Estado”, a exemplo do que fazem, hoje, por toda a parte, os grandes orgams reaccionarios, mantidos e pagos por todas as forças que, num paiz, trituram a carne e os ossos do povo, não se peja e não sente o menor embaraço em fazer, de vez em quando, o seu bocado de demagogia.

O jornal *Estado de S. Paulo*, como se observa, constitui mais um dos alvos de ataque do jornal, entendido como reproduutor da ideologia dominante e opressora, o que reforça a distinção entre a grande imprensa, sobretudo *O Estado*, a que ele sempre se refere como “venerando”, e o panfleto, veiculado pela imprensa miúda.

Os fragmentos acima, exemplificativos de características panfletárias, de certo modo, já exemplificam a construção de sátira em essência; mas só com o teor cômico, em que a percepção do ridículo se mostra com mais profundidade, é que os objetivos satíricos, enquanto crítica política e de costumes, se tornam mais evidentes. Nesse sentido, tomando como base a definição de Bakhtin, volta-se ao sentido do sério-cômico, apropriado ao

jornal. E embora o objeto da análise bakhtiniana seja o romance - no caso, o romance de Dostoievski - na distinção dos gêneros sérios, ele classifica vários outros gêneros pertencentes ao campo do sério-cômico:

Neste, os antigos incluíam os mimos de Sófron, o “diálogo de Sócrates” (como gênero específico), a vasta literatura dos simpósios (também gênero específico), a primeira Memorialística (íon de Quio, Crítias), os panfletos, toda a poesia bucólica, a “sátira menipéia” (como gênero específico) e alguns outros gêneros. Dificilmente poderíamos situar os limites precisos e estáveis desse campo do sério-cômico.²⁰²

Dentre os gêneros sério-cômicos, o panfleto, percorrendo o caminho satírico, alia aos procedimentos de xingamento e incitação o riso oswaldiano. Neste estudo, contudo, a pertinência no campo do sério-cômico é identificada para além da simples definição, contando especialmente com as três peculiaridades que, a partir de Bakhtin, possibilita ligar *O Homem do Povo* ao referido campo sério-cômico. A primeira reflete a própria natureza do jornal:

A primeira peculiaridade de todos os gêneros do sério-cômico é o novo tratamento que eles dão à realidade. A *actualidade* viva, inclusive o dia-a-dia, é o objeto ou, o que é ainda mais importante, o ponto de partida da interpretação, apreciação e formalização da realidade.²⁰³

Ainda que o autor se refira aos gêneros antigos, há uma analogia perfeitamente associável ao jornal. No gênero antigo, essa peculiaridade diz respeito à proximidade com a realidade de então, ao contrário dos escritores “sérios”, que evocavam mitos e lendas, impossibilitando um contato familiar

²⁰² BAKHTIN, 2002, p. 106-107.

²⁰³ MIKHAIL, 2002, p. 107-108.

com a representação. Do mesmo modo, evidencia-se no jornal, não propriamente o retrato, mas a representação dos fatos da realidade de então, o que também envolve as experiências oswaldianas pessoais²⁰⁴, como as referências anteriores sobre a crise, a iniciação comunista, o conhecimento e interesse por Luiz Carlos Prestes, a descoberta e iniciação na abordagem marxista, o anti-imperialismo, sua própria apologia a Lênin (que panfletou na Rússia) e ao modelo econômico e político soviético abordado no jornal. Incluem-se também os pensamentos sintonizados com as novas tendências políticas e relatos dos acontecimentos, conforme esses chegavam ao país. Na análise de Bakhtin a pertinência da comparação entre literatura séria e os gêneros do campo sério-cômico centra-se na zona de contato com a atualidade do gênero sério-cômico que se opõe ao distanciamento lendário e mítico dos gêneros sérios. A abordagem de tal peculiaridade possibilita atar sem maiores problemas a teoria bakhtiniana à análise do jornal, pois, de modo semelhante, a abordagem dos fatos, a temática e os pensamentos de Oswald de Andrade na sua contemporaneidade tornam sua escrita, de certo modo, familiar e evidentemente refletem os fatos do momento.

Voltando à Bakhtin, prossegue-se a explicação. Considerando-se a complementaridade com relação à primeira característica citada, ele aponta a segunda peculiaridade dos gêneros do sério-cômico:

---

²⁰⁴ Cf. FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade: Biografia*, 2007.

Baseiam-se *conscientemente na experiência* (se bem que ainda insuficientemente madura) e na *fantasia livre*; na maioria dos casos seu tratamento da lenda é profundamente crítico, sendo, às vezes, cínico-desmascarador.²⁰⁵ [grifos do autor].

Tal propriedade também se evidencia no jornal, sobretudo pelo referido caráter “cínico-desmascarador”, presente na denúncia dos vícios atacados por Oswald de Andrade. Torna-se significativo o desmascaramento de atitudes e pensamentos de grupos e pessoas, em cujas elaborações ele desnuda falsidade e presunção. Seu ponto de vista expõe ao ridículo principalmente a seriedade das elites, sobre a qual demonstra revelar inconsistência. Exemplo disso encontra-se no artigo “Nada de confusões”, sexta página do oitavo e último número:

Todos esses mocinhos bonitos e limpinhos de barrigas cheias e bolsos recheiados, quando gritam às massas os seus discursos decorados, estão antegozando as vantagens que possam usufruir.

Tendo como centro as expressões “discursos decorados” e “antegozando as vantagens que possam usufruir”, ele desmascara as intenções dos oradores que, mais adiante, define como “perrepistas, democráticos ou legionários”. O cinismo reside na relação geral de zombaria estabelecida, mas é marcado explicitamente por diminutivos como nos termos “mocinhos” e “limpinhos”.

---

²⁰⁵ BAKHTIN, 2002, p. 107.

O uso crítico de formações lendárias e míticas também não está ausente do jornal, produzindo o sentido crítico de derrubada do poder reinante, em que o povo é tomado como herói, antagonizando o poderoso e desmascarando o falso valor das elites. E como no campo do sério-cômico, a diferença é que os heróis do jornal são o avesso dos heróis das lendas, incluindo qualquer homem do povo, mesmo aqueles que roubam e assaltam, ações pressupostas como determinadas socialmente. É o caso do artigo “Certeza”, na terceira página do terceiro número, em que ele prenuncia:

E pelo Brasil afora, a imensa multidão dos quasi famintos, dos incultos que se tornam quasi bárbaros...

Essa imensa multidão de homens que são as vezes premiados ao roubo e ao assalto porque lhes é negado tudo o que lhes pertence...

De homens cuja revolta, porém, se vae acentuando sempre num crescendo feroz – E que, qualquer dia, como num só corpo, uma só vontade, uma só voz, - exigirão o que por Direito Natural lhes pertence.

Então, FORTES, INDÔMITOS, TERRÍVEIS, num ultimo gesto de barbárie, num primeiro gesto de civilização, quase selvagem, saberão conquistar esse BRASIL, producto do seu trabalho, que, entretanto, não lhes pertence ainda. [grifos do autor]

Observa-se a expressividade de forte teor dramático na idealização que toma o país pelo povo. Nesse caso, o sofrimento torna-se a justificação para a profecia da catarse. A representação da vida trágica dos oprimidos, “quase famintos”, provoca uma ferocidade cujo resultado é forjado como inevitável: em consequência do sofrimento, o povo, que é tomado pela metonímia do crescendo e da expressão “um só corpo, uma só vontade, uma só voz”, atingiria os limites do insuportável, arrebatando seu espaço, o que, de certo modo, aproxima-se da propriedade da tragédia descrita na *Poética* de

Aristóteles²⁰⁶, para quem esse gênero, “despertando a piedade e o temor, tem por efeito a catarse dessas emoções”.²⁰⁷ Além disso, ressalta-se na expressão de Oswald de Andrade a expressividade com que ele prevê a virada revolucionária do povo. Ao dizer que os homens do povo “saberão conquistar esse BRASIL, producto do seu trabalho, que, entretanto, não lhes pertence ainda”, ele denuncia aquilo que considera como a contraditória injustiça social do capitalismo. Mostra-se, então, cognato ao sério-cômico em sua crítica. Percebe-se seu caráter heterogêneo, e os atributos da ordenação, da magnitude e da dramaticidade esboçados, como em “FORTES, INDÔMITOS, TERRÍVEIS, num ultimo gesto de barbárie”, promovem um prazer notavelmente estético, possibilitando uma experiência associada ao belo, apontado por Aristóteles, no seu estudo da tragédia:

Ademais, o belo, seja num ser vivente, seja em qualquer coisa composta de partes, precisa ter ordenadas essas partes, as quais igualmente devem ter uma certa magnitude, não uma qualquer. A beleza reside na magnitude e na ordem,²⁰⁸

Mas, ainda que utilizando traços dos gêneros “sérios” como modelo, como a magnitude na elevação do povo, o faz por meio da referida crítica. Nesse sentido, o heroísmo que caracteriza esse “último gesto de barbárie”, mas “primeiro de civilização”, descrito por Oswald de Andrade, propicia a construção de um paradoxo, ao associar a barbárie à civilização e à grandeza da vitória conquistada pelo povo. E a trágica existência dos

---

²⁰⁶ ARISTÓTELES. Poética. In: *Os Pensadores*: Aristóteles. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

²⁰⁷ ARISTÓTELES, 1999, p. 43.

²⁰⁸ ARISTÓTELES, 1999, p. 46.

oprimidos, representada pela selvageria, torna-se a etapa que antecede a catarse. Essa aliança entre o sublime e o vulgar também é ilustrativa da próxima propriedade explicada por Bakhtin, que talvez seja a que melhor possibilite tocar a expressão oswaldiana como sério-cômica. Também torna oportuno complementar os exemplos de xingamento e incitação do panfleto e da diatribe, pois para ilustrá-la são selecionados os fragmentos que se caracterizam, sobretudo, pela zombaria.

A terceira peculiaridade renuncia ao rigor da unicidade estilística e diz respeito à multiplicidade de estilos, à abundância de vozes de todos os gêneros. Para a análise bakhtiniana, essa particularidade incorpora qualidades que dão tratamento radicalmente novo aos gêneros, e as características do sério-cômico são identificadas pelo autor:

Caracterizam-se pela politonalidade da narração, pela fusão do sublime e do vulgar, do sério e do cômico, empregam amplamente os gêneros intercalados: cartas, manuscritos encontrados, diálogos relatados, paródias dos gêneros elevados, citações recriadas em paródia, etc. Em alguns deles observam-se a fusão do discurso da prosa e do verso, inserem dialetos e jargões vivos (e até o bilingüismo direto na etapa romana), surgem diferentes disfarces de autor. Concomitantemente com o discurso de representação, surge o discurso *representado*.²⁰⁹ [grifo do autor]

Muitos exemplos já citados, extraídos do jornal, ilustram tais propriedades. E o último exemplo, que trata da ascensão heróica do povo mostra a fusão do sublime e do vulgar. Essa peculiaridade do sério- cômico encontra no jornal,

---

²⁰⁹ MIKHAIL, Bakhtin. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 2002. P. 108.

por exemplo, no que se refere às citações recriadas em paródias, no tratamento que ele dá ao já referido adágio “Tudo nesse mundo é passageiro”, com que brinca e o qual define como “filosofia elétrica”, presente no artigo “Circo sem pão”, na quinta página do sexto número do jornal. O próprio título “Circo sem pão” coopera com a ilustração da terceira peculiaridade descrita por Bakhtin, pois consiste numa citação paródica da expressão “Pão e circo”. A expressão recriada, que remete ao regime da Roma antiga, torna-se duplamente cômica, pois originalmente já designa a irônica estratégia romana de controle social e perpetuação do poder das elites. O comportamento paródico oswaldiano, nesse caso, fortalece a expressividade, uma vez que, dos dois elementos (pão e circo) que implicam em alimento e distração, retirando-se o pão do povo, a ironia original converte-se em sarcasmo. A recriação paródica promove uma progressão no teor cômico, uma vez que subentende que, na Roma antiga, *pelo menos*, havia o pão.

Com relação à paródia do gênero, que é um dos procedimentos da terceira peculiaridade do sério-cômico, pode-se citar a notícia e o editorial. Muitos textos que Oswald de Andrade escreve no jornal manifestam o gênero da notícia jornalística como modelo, mas na grande maioria dos casos seu caráter, por assim dizer, sério, é transformado em blague. Do mesmo modo com relação ao editorial. O editorial “Os músicos do Titanic”, por exemplo, a situação da economia e da política brasileiras são representadas por meio de uma grande metáfora. O país se transforma no famoso navio e os

economistas e políticos nos músicos que distraíam o povo durante a tragédia do navio.

Também na construção global do jornal observa-se, por parte dos colaboradores, a mesma parodização de gêneros. Na quinta página do sétimo número, sob a assinatura “A.C.” (de “Aurelinio Corvo”), Astrojildo Pereira joga com ficção e realidade, com o lirismo harmônico e a luta militar. Há um exemplo de procedimento particularmente paródico, pois ele escarnece o episódio da Revolta da Madeira²¹⁰. Isso ocorre desde o título da notícia, em que é tomado o nome da ilha portuguesa pelo nome da ilha cantada por Camões em *Os Lusíadas*:

a ilha dos amores

Golpe militar na Ilha da Madeira. O tenente Camões, à frente das armas e dos varões assignalados da Ilha dos Amores, rebellou-se contra o general Carmona.

A referência explícita ao famoso verso da epopéia (“As armas e os barões assignalados”), na representação da revolução ocorrida na Ilha da Madeira em 1931, é feita pelo trocadilho e pela ironia. O procedimento evoca a figura do poeta Luís Vaz de Camões, brincando com a coincidência no sobrenome do tenente português, Manuel de Camões, incluindo no clima o então presidente de Portugal, Antonio Oscar de Fragoso Carmona (1928-1951). A crítica às autoridades portuguesas procede uma inversão de valores pela

---

²¹⁰Cf. PINTO, António Costa. *O Salazarismo e o Fascismo Europeu*. Lisboa: Estampa, 1992.

ironia com que se refere a essas personagens históricas. Centrado na expressão do título “ilha dos amores”, além do referido verso, o recurso irônico estabelece o tom de zombaria, pela sua definição “dos amores”, definição essa contrária às figuras políticas em pauta e à situação conflituosa que elas provocam na referida ilha. Mais adiante, após explicar os preparativos bélicos do governo português para “esmagar a rebelião”, a “notícia” conclui:

Para assistir a briga em perspectiva, o cruzador inglês London, que estava em Gibraltar, seguiu em direcção á Madeira.

Por outro lado, e em acordo com o estudo de Bakhtin, exemplos como esse no jornal manifestam o propósito de desentronização social, ligado ao gênero sério-cômico. Esse processo torna-se um ângulo e uma atitude geral do jornal e, ao mesmo tempo, se particulariza em vários pontos. É o caso do tratamento aos líderes da Revolução de 30, entendendo que eles nunca visaram libertar coisa nenhuma, mas seus próprios interesses, ou sobre Eduardo de Windsor que, significativamente, como príncipe inglês, representa o papel de herdeiro do trono da dinastia inglesa. Sobre os primeiros, em vários pontos busca-se desmascarar as más intenções, como no artigo “a desillusão das victórias burguezas”, sexta página do número 4, que diz:

Para que ainda ter esperança em chefes quando todos os factos historicos (nossos e alheios) só têm trazido desilusões.

No artigo “Ainda o príncipe”, por exemplo, na quinta página do número 5 do jornal, “Coripheu”, escarnece:

Partiu o Grande Vagabundo.

Nesse mesmo artigo, outras expressões fazem troça com a figura do príncipe e sua estada no Brasil, a começar pelos epítetos com que se referem à majestade: “os patrões”, “O malandro de sangue azul”, “o tal”, o “Príncipe Encantado” (encantado com a recepção e hospitalidade do Brasil). Esse destronamento também ocorre no ataque ao preconceito e à discriminação contra o povo. Representativo das propriedades do campo do sério-cômico, o seguinte exemplo põe o príncipe em xeque por meio do escárnio oswaldiano, que considera contraditório o fato de serem tratados como heróis os indivíduos errados (no caso, o príncipe Eduardo) e de não se reconhecer o verdadeiro herói (o povo):

O malandro de sangue azul saíu encantado com a “hospitalidade e recepção do povo paulista” (diz outro). Safados! O povo paulista não viu o príncipe. Primeiro porque faminto e doente como anda, manda às favas todos os príncipes do mundo. Segundo: no dia da chegada do tal o povo paulista, como herói de verdade defendia-se das enchentes, salvando-os poucos móveis das águas que invadiam as suas casas. Quanto a hospitalidade, foi feita com seu dinheiro.

A confluência de elaborações como essa globaliza no jornal o destronamento social, que se estende a toda elite privilegiada, cujo papel é entendido como que indevidamente sublimado pelo capital. Reinventando os papéis sociais, Oswald de Andrade age como no processo de

carnavalização do mundo, sobre o qual Bakhtin diz: “A ação carnavalesca principal é a coroação bufa e o posterior destronamento do rei do carnaval.”²¹¹ Para explicar sua simbologia, o carnaval é tomado por ele em seu caráter antropológico e cultural, partindo da sua natureza de festa popular. Na coroação e destronamento do rei, ou seja, no ápice da festa carnavalesca, uma pessoa qualquer, que na verdade, era o oposto da majestade real - um escravo, por exemplo - assumia o papel de rei. Simbolizando o avesso do que ocorria na sociedade, o procedimento faz com que o povo conquiste simbolicamente o lugar inconcebível na hierarquia social. Tal evento, segundo o estudo bakhtiniano, joga com os significados de nascimento e morte. Morte de convenções e, por conseguinte, o renascimento de novas convenções, em que o avesso das normas e valores passa a ser o natural. Essa é a cosmovisão carnavalesca, na qual, segundo Bakhtin, as diferenças que distanciam os homens se anulam no contato familiar da praça pública durante os festejos do carnaval. Nos artigos torna-se possível uma aproximação com os procedimentos evidenciados por Bakhtin em outro gênero sério-cômico: a sátira menipéia, na qual ele destaca a referida ação carnavalizante:

A coroação-destronamento é um ritual ambivalente biunívoco, que expressa a inevitabilidade e, simultaneamente, a criatividade da mudança-renovação, a *alegre relatividade* de qualquer regime ou ordem social, de qualquer poder e qualquer posição (hierárquica). Na coroação já está contida a idéia do futuro destronamento; ela é ambivalente desde o começo. Coroa-se o antípoda do verdadeiro rei – o escravo ou o bobo, como que

---

²¹¹ BAKHTIN, 2002, p. 124.

inaugurando-se e consagrando-se o mundo carnavalesco às avessas.²¹² [grifo do autor]

Oswald de Andrade no jornal, analogamente, produz uma escrita que busca destronar os detentores do poder e elevar ao cume o povo, considerado por ele o maior merecedor das honras sociais. E com relação aos fragmentos do jornal usados aqui, observa-se essa ação socialmente carnavalizante, pois que, por meio da palavra, ele põe em questão as posições cristalizadas na sociedade e, de certo modo, arrebatando o espírito do oprimido, constrói a referida desentronização social. Nessa busca em desbancar, alveja não só o príncipe de Gales, como quaisquer representantes do imperialismo; ainda a burguesia, a elite política e jurídica, o clero, a arquitetura. Obliterados todos esses alvos, então vislumbra em contrapartida a “coroação” do povo, no inverso que constrói a imagem do mundo “às avessas” do jornal. E essa carnavalização pode ser vista também como o lado *alegre* da anarquia, pois a via que busca incomodar o poder é a da sátira.

O primeiro e já referido editorial, “Ordem e Progresso”, coaduna elementos da teoria bakhtiniana, o que é reforçado por Vera Maria Chalmers:

A inteligência que percebe o pensamento da oposição como uma ironia ingênua é a da sátira, sempre pronta a identificar uma incongruência, toda vez que aparece. Até mesmo o pensamento programático não escapa à ambigüidade sério-cômica. Tal é o caso do programa do jornal político *O Homem do Povo*, explicitado no manifesto “Ordem e Progresso” [...].²¹³

---

²¹² BAKHTIN, 2002, p. 124.

²¹³ CHALMERS, 1976, p. 119.

Retomando considerações gerais, a construção deste editorial é estruturada numa oposição entre o poder e a crítica a ele. Desta crítica emerge o seu oposto, a apologia ao povo. A escrita coloca-o dentro do quadro social e situa o jornal e seu papel em função desse povo. E para abarcar o conjunto do quadro brasileiro selecionam-se lugares ou fragmentos de fatos, ideias e circunstâncias. Embora relativizado pelo humor, pode-se dizer que o interesse do jornal desloca-se no movimento desses pontos para convergir no ponto que a escrita diz objetivar: o projeto de revolução. A determinação de posicionamento, na sua busca subversiva, ataca qualquer poder julgado como instrumento de alienação. Isso reforça a natureza das elaborações com respeito à religião, ao estado, à propriedade privada, os quais, segundo as posições do jornal, estão interpostos como freios entre o indivíduo e sua liberdade.

Mas, voltando à terceira peculiaridade apontada pelo autor no campo do sério-cômico, lembre-se que, no fragmento recortado, ele acrescenta como propriedades o disfarce do autor e o surgimento do discurso *representado*, concomitante com o discurso de representação. Entendidas em cooperação e complementaridade mútua, essas propriedades podem ser associadas aos pseudônimos que Oswald de Andrade inventa. Ao funcionar como disfarces que Oswald de Andrade cria para si mesmo, seus pseudônimos atuam de modo que as falas constituem “representações” do discurso oswaldiano e, não, o discurso oswaldiano propriamente dito. Os

codinomes, conforme explicação anterior neste estudo, funcionam como personagens que, no entanto, usam a voz oswaldiana. Percebe-se essa voz, reconhecem-lhe os tons peculiares, o pensamento, o jogo de espírito, os procedimentos expressivos, a ideologia; contudo, tudo isso é emitido por personagens mascarados. Portanto, seu discurso é *representado*, embora assim o seja devido ao mascaramento da sua própria voz emprestada. Todos possuem atributos comuns, que revelam quem constrói a representação, mas são distintos em alguns detalhes, pelo heroísmo, pela bagunça, pela pouca representatividade social (essa em “Estalinho”, “Plebeu”), etc. E o elemento retórico, como em todo gênero do sério cômico, “muda essencialmente no clima de *alegre relatividade* da cosmovisão carnavalesca: debilitam-se a sua seriedade retórica unilateral, a racionalidade, a univocidade e o dogmatismo”²¹⁴. Bakhtin estabelece a relação entre o sério-cômico e a carnavalização:

Em que consistem as particularidades características dos gêneros do sério-cômico?

A despeito de toda a sua policromia exterior, esses gêneros estão conjugados por uma profunda relação com o *folclore carnavalesco*. Variando de grau, todos eles estão impregnados de uma *cosmovisão carnavalesca* específica²¹⁵

Em outras palavras, essa relação entre a carnavalização e os caracteres especiais fica clara quando ele define, conforme desenvolvido aqui, as referidas “peculiaridades exteriores de gênero do campo do sério-cômico, que já são o resultado da influência transformadora da cosmovisão

---

²¹⁴ BAKHTIN, 2002, p. 107.

²¹⁵ BAKHTIN, 2002, p. 107

carnavalesca”. Assim, justifica-se a identificação de traços tangenciais entre *O Homem do Povo*, em sua cosmovisão aproximada à *carnavalização* bakhtiniana, e gêneros do campo do sério-cômico, ainda que numa sensação de se ter exposto apenas a “ponta do iceberg” dessa relação.

14 ORDEM E DESORDEM

O jornal, proponente de uma nova ordem, torna-se a denúncia e, de certo modo, a imagem satírica da desordem, pela busca em desbancar verbalmente, pela ridicularização, o poder. Lembrando a carnavalização proposta pela análise bakhtiniana, a ordem e a desordem se dão de forma a inverter relações entre os homens, numa oposição à hierarquia social, que concede soberania a uns, mas exclui outros. Contra a ordem estabelecida, a crítica do jornal representa a carnavalização social, como referido neste estudo. O mundo carnavalizado passa a ter uma nova ordem; aquela que, para as convenções tradicionais, seria vista como desordem. A nova ordem provocaria, segundo Bakhtin, por um lado, a morte do tradicional, do sério, do convencional; por outro lado, o renascimento da igualdade a partir do riso, que profana, ridiculariza e mostra as contradições. Do mesmo modo, no jornal, o que predomina na crítica oswaldiana é uma distinção crítica de posicionamento perante fatos, instituições e pessoas para os quais tece elogios ou aos quais dirige seu escárnio.

Assim, toma-se como modelo, neste ponto, a seleção de alguns elementos explicados por Antonio Candido no artigo “Dialética da malandragem”²¹⁶,

---

²¹⁶ CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In:_____. *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993, pp. 19-54.

sobre a obra *Memórias de um sargento de milícias*. Tornam-se foco de análise, a partir da representação do mundo em *O Homem do Povo*, a valoração de bem e mal, os estratos particular e universal do jornal e, em maior grau, a dialética entre ordem e desordem. O caráter original, com relação à visão de bem ou de mal define, de modo geral, o elemento louvável como o que aglutina os valores populares, humanistas e libertários, ou seja, o homem do povo, representado vez por outra como um “estômago saudável”, pronto para assimilar os fatos. O poder instituído, visto pela face da sua função opressora, seria o outro pólo: o mal, a burguesia, o capitalismo e suas mazelas, representadas pela “carniça gostosa”.

Fazendo uma comparação entre o entendimento de Candido com relação à obra e o que se observa no jornal, percebem-se configurações diferentes. O bem e o mal nas *Memórias* são relativizados. Segundo o crítico, na obra há uma nulidade moral e certa permissão risonha da natureza do homem imperfeito, como ele é, sem atribuição significativa de juízos. No jornal, ao contrário, bem e mal são nitidamente definidos na dupla orientação de defender o povo e acusar as elites privilegiadas. Diferente também é a forma como configuram a ordem e a desordem no jornal, instalando nesse, muitas vezes, o avesso da relação identificada por Candido na obra. No romance, a ordem e a desordem estão estabelecidas nas esferas sociais, respectivamente, superior e inferior. Em *O Homem do Povo*, o estabelecimento da ordem e da desordem varia conforme o ângulo adotado, não correspondendo a bem e mal, necessariamente. A ordem ora se insinua

como valor pejorativo, como coerção rígida advinda do poder, ora como solução para os problemas sociais. Sua definição, de modo central, se bifurca. Já no primeiro editorial, encontram-se exemplos ilustrativos dessa distinção. Ordem torna-se o objetivo do programa do jornal, delimitando-se pelo sentido positivo de “ordem técnica” em prol da harmonia planetária, por exemplo. Ou, de outra forma, funciona como insubordinação às leis, como em “ordem e progresso: milagre das ideias chamadas subversivas”. A desordem, do mesmo modo, às vezes configura-se como a expressão do seu ponto de vista sobre a situação do mundo, traduzindo a ebulição, a conjuntura extrema e intolerável do sistema capitalista, a “cabra cega”. Outras vezes, a desordem é o efeito do protesto satírico, que, aplicado a uma atitude de revolver os problemas, prenuncia a mudança e aponta para uma solução, pressuposta na revolução. Um dos procedimentos promotores da desordem no jornal é o destronamento. Ainda que ordem e desordem se alternem em configuração e em valoração positiva ou negativa, prevalece a visão do dominado como a personalização do bem; e do dominador, como a personalização do mal. O bem será sempre o bem, e o mal sempre o mal, pelos parâmetros que Oswald de Andrade usa para distinguir um do outro. Assim, quando a ordem configura um estado harmônico de uma sociedade igualitária e utópica, é análoga ao bem, e o jornal posiciona-se favoravelmente na sua defensiva. Mas quando a ordem, na expressão do jornal, reflete os valores da classe dominante opressora, procura-se desestruturá-la pela sátira. Um exemplo disso ocorre com o próprio sentido do termo “ordem” em “Ordem e progresso”, título e expressão-chave do

referido editorial que inaugura o jornal e lança o seu manifesto. A ordem, tomada do lema da bandeira do Brasil, não “movimenta-se entre”, mas rompe com os sentidos que a tomam por um termo “vazio e irônico” para assumir o valor de “milagre [das ideias chamadas subversivas]”. Não há, portanto, uma relativização do seu sentido, mas o que ocorre é a mudança do seu valor, instituído no âmbito da ideologia política dominante. Pela denúncia eivada da expressão satírica, mostra-se o paradoxo do lema inscrito na bandeira. E dessa perspectiva o jornal define o que é o bem (aquilo que é do e para o povo) e o que é o mal (aquilo que é do e para o sistema capitalista, ou seja, voltado contra o povo).

Mas um ponto comum entre o jornal e o romance, foco do artigo “Dialética da malandragem”, além dessa própria questão em torno dos significados de ordem e desordem, bem e mal, é que haveria, na dinâmica entre ambas, a união de dois estratos universais de cultura. O primeiro destes estratos remete a um vasto ciclo de uma cultura universal, da qual fazem parte personagens como Eduardo de Windsor, Mussolini, etc. O segundo estrato seria composto pelo campo mais particularizado, o brasileiro. Ambos, constituídos pela ambivalência entre ordem e desordem, tornam-se componentes dessa dialética que perpassa a própria estrutura da expressão verbal. Passa a ser um ponto de vista, um modo específico de perceber a sociedade. Essa posição estratégica vislumbra um mundo em ordem a partir do mundo em desordem, em crise. A afinidade entre o texto e o contexto em que foi produzido *O Homem do Povo* estaria no fato de que os processos

sociais podem ser pensados a partir da orientação pela ordem ou pela desordem. Em suma, os extremos “ordem” e “desordem” se alternam em configuração, valor e posicionamento. Mas na sua estrutura, os próprios textos de Oswald de Andrade no jornal provocam, de certo modo, a ordem e a desordem. Exemplo de ordem é a organização e a conjunção de ideias conexas que estabelecem uma diretriz e uma certa unidade rumo a um objetivo e promovem igualmente uma unidade editorial de teor comunista e traços do anarquismo. Faz parte da ordem a linha antropofágica; já a desordem é o fruto da sátira, do discurso carnavalizante.

Essa sátira que carnavaliza produz os mais hilários fatos no jornal. Por exemplo, o próprio nome de Oswald de Andrade configura-se como um dos cidadãos votados no concurso “Qual é o maior bandido vivo do Brasil?”, iniciado no segundo número, de 28 de março, que busca um “vencedor”. O resultado, ao incluir o do próprio Oswald de Andrade, pode ser visto também como uma troça, referindo-se à imagem negativa que dele os fascistas faziam. No oitavo número do jornal, em 13 de abril, a situação da votação apresenta com o maior número de votos o político Francisco Morato, um dos organizadores do Partido Democrático em 1926. Entre os mais votados estão o jornalista Assis Chateaubriand, o político Julio Prestes, o Padre Valois de Castro, representantes da ideologia burguesa de então e pertencentes à cúpula da imprensa, da política e da igreja, respectivamente.

Com relação aos valores defendidos, observa-se mais um fato interessante. Se por um lado, há uma forte crítica, por exemplo, ao clero; por outro, a relativização moral e a ruptura com a opinião geral encontram opiniões que naturalizam o que para a justiça comum é crime, invertendo o instituído e promovendo a polêmica. Isso ocorre, por exemplo, no segundo número, de 28 de março, numa notinha de primeira página intitulada “o Lampeão de Chicago”. Referindo-se a Al Capone, diz a nota que o mafioso:

representa apenas o roubo contra o roubo, o assalto contra o assalto, na civilização que agoniza na America millionaria, sob o signo puritano de Christo.

Al Capone que, na época da “Lei Seca” nos Estados Unidos da América, foi um dos chefes da máfia italiana naquele país, comercializou ilegalmente bebidas alcoólicas. Contudo, foi preso por sonegar imposto, após muito empenho da polícia. Subentendendo-se que, numa terra de ladrões e de corruptos, a lei só se aplica de acordo com os interesses dos poderosos do momento, o italiano recebe, no ponto de vista de *O Homem do Povo*, uma relativização que pondera a gravidade dos seus crimes com a gravidade dos crimes americanos, amenizando a primeira e ampliando os limites do anti-imperialismo, recorrente em várias abordagens no jornal, além das já citadas. O comentário a partir do fato real da lei seca nos Estados Unidos aponta para propriedades inerentes à formação do povo americano. Baseado em obras literárias que refletem essa realidade, Antonio Candido faz uma elaboração que dialoga com o ponto de vista do jornal. O autor explica que, nos Estados Unidos, a lei civil e religiosa sempre determinou um

comportamento moral rígido, graças à força punitiva do castigo e ao sentimento de culpa, e com base na noção de pecado. A repressão punitiva, segundo Candido, promove a força de identidade e resistência americana, mas se torna desumana com outros indivíduos. O julgamento duro contra quem não participa das normas, sobretudo o estrangeiro, seria marcado pela alienação:

A alienação torna-se ao mesmo tempo marca de reprovação e castigo do réprobo; o duro modelo bíblico do povo eleito, justificando a sua brutalidade com os não-eleitos, os *outros*, reaparece nessas comunidades de leitores quotidianos da Bíblia. Ordem e liberdade - isto é, policiamentos internos e externos, direito de arbítrio e de ação violenta sobre o estranho -, são formulações desse estado de coisas.²¹⁷

Essa análise dá suporte teórico ao entendimento das implicações do referido artigo sobre Al Capone, uma vez que revolve questões originárias dos fatos sociais, apoiando a crítica ao autoritarismo americano e orientando a compreensão dos argumentos de Oswald de Andrade no jornal.

Ainda, perseguindo no texto de *O Homem do Povo* a demolição verbal de autoridades capitalistas, a situação sócio-econômica de elite, imediatamente anterior de Oswald de Andrade, e a causa que ele naquele momento abraça, nota-se no oitavo número de *O Homem do Povo* as orientações voltadas para o universo de um “proletário”, com Oswald de Andrade procurando um

---

²¹⁷ CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: _____, *O discurso e a Cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993, p. 50.

novo papel social. Dirigindo-se aos trabalhadores, após explicar que a primeira necessidade do operário é “combater o governo absoluto do patrão”, Oswald escreve, sob o pseudônimo “Sombra”, o artigo “nada de confusões”. Nele o articulista orienta seus “companheiros” a não se conformarem com o abuso de “mandos e privilégios”. E assim se posiciona contra o uso de cadáveres de pobres para estudo da medicina, e ainda contra oradores, “metingueiros de praças e theatros”, os perrepistas, democratas, legionários, chefes militares. Sua crítica aos políticos não poupa nomes nem cargos importantes. Ao contrário, coloca-os progressivamente no centro dos ataques. Com relação ao funcionamento e força dos ataques empreendidos, esse último número do jornal propicia uma consideração parcial que talvez sintetize bem o que se disse até aqui, em termos gerais do jornal: ao atribuir ao Partido Democrático o caráter ao mesmo tempo anedótico e burguês, o periódico *O Homem do Povo* leva ao máximo da invectiva seu protesto contra a burguesia, tomando a ordem estabelecida pela desordem desejada.

A publicação de *O Homem do Povo* termina no oitavo número, em 13 de abril de 1931, pois em sua “proposta de luta operária”, a crítica aos estudantes de direito da Faculdade de São Francisco, em São Paulo, teria provocado, por parte destes, seu empastelamento e, por parte da polícia, sua proibição.

De um modo geral, mais que constituir simples discurso, o jornal evidencia a vitalidade satírica no seu modo de dizer/agir. De fato, como homem de ação

que foi, ao exprimir suas ideias em tempos de perseguição ideológica, deveria prever uma repressão violenta, não só verbalmente, como revide de ideias pelas mesmas armas, mas também pela truculência física.

15 A REINVENÇÃO

O jornal *O Homem do Povo*, em sua breve permanência - março/abril de 1931 - deixou mais um registro do espírito crítico de Oswald de Andrade. Ao deflagrar sua atuação subversiva de ideal marxista, ele reinventa e apresenta no espaço do jornal um novo papel para si mesmo: o de “homem do povo”. Reinventa também nova configuração para seu jornalismo, para a sua cosmovisão e para seu pensamento. Esse marco, embora sem grande repercussão que reflita concretamente nos dias de hoje, provocou grande inquietação no tempo em que circulou o periódico, o que resultou no seu empastelamento pelos estudantes da Faculdade de Direito de São Paulo e no seu fechamento pela polícia.

No estilo adotado pela escrita jornalística, fica patente a relação que sua crítica estabelece entre o ideal comunista, pelo qual então luta, e o modo de expressar esse ideal. Arrebatando o papel de povo e vestindo a camisa do trabalhador, empresta a este sua linguagem espirituosa, cujo posicionamento crítico parte do próprio ato de escrever, uma vez que apresenta as idéias por meio da ironia; do trocadilho; do paradoxo; da criação caricatural, variação do exagero cômico, entre muitas expressões de teor hiperbólico e grotesco. A comicidade é o combustível para a paródia da sociedade capitalista e das atitudes e papéis de seus sujeitos. Nesse

procedimento representa a *carnavalização* em que propõe o avesso dos papéis legitimados na sociedade para o povo e para o burguês.

O Homem do Povo se distingue pelo fato de implantar um ponto de mudança na expressão do modernista, configurando o âmbito de ativismo político, e escolhendo um veículo de comunicação impresso, ou seja, o jornal. Oswald de Andrade, colocando em dúvida verdades instituídas de antemão, problematiza, por meio de seus argumentos e dos referidos recursos expressivos, a seriedade e a objetividade do discurso político oficial, que persegue seus contestadores. Nesse sentido, o elemento histórico se une ao individual, numa relação dupla, e considera-se o conjunto de sua expressão, no jornal *O Homem do Povo*, como um organismo, em que o teor crítico está envolvido estruturalmente na organização expressiva. Entende-se, assim, que Oswald de Andrade alia peculiaridades como a linguagem imagética e a comicidade à atitude subversiva para publicar seu protesto. E, reconhecendo em si a possibilidade para desenvolver o novo papel, engendra a utopia e fragmenta a si mesmo, esboçando um outro Oswald de Andrade, baliza da revolução do povo. Contudo, o escritor não é um caso isolado de esperança na salvação do país pelo socialismo. Ele constrói uma escrita que reflete o equívoco geral da época, cuja motivação advém da crença no êxito da Revolução Russa, que muitos intelectuais e artistas brasileiros nutriam nos anos 30²¹⁸. Muitas vezes idealizando o que se passava pela Rússia Soviética, sob o regime de Stálin, eles cultuam, nessa época, a

---

²¹⁸Cf. FAUSTO, Boris. Os intelectuais e a crise. *Folha de S. Paulo*, 06/09/2005, p. A3.

fé na doutrina marxista como instrumento de implantação do socialismo e de salvação do trabalhador.

A escrita de Oswald de Andrade no jornal *O Homem do Povo* é vista neste estudo pela sua ambivalência que se define como novo enfoque crítico e como uma nova possibilidade estética, uma vez que ele transfigura, pela linguagem imagética, a sociedade burguesa e recria seu espaço e papel. Ao definir, como identidade de si mesmo, o homem do povo, insere-se no grupo desfavorecido e se exclui da burguesia. Essa definição do escritor produz um duplo efeito: uma intenção, que se impõe como prescrição, em que a nova figura, o homem do povo, deve ser entendida no próprio lugar em que é colocada; e um efeito dual, em que o modernista, de origem burguesa, se apresenta em um outro, “casaca de ferro da revolução proletária”²¹⁹, que então o coabita. Em ambos, o escritor modernista se desnuda como origem criadora, na linguagem crítica e no jogo de espírito. Sua atitude constitui a exposição e determinação de vícios, satirizando a classe burguesa, o sistema capitalista e várias instituições, como a Igreja Católica, a Faculdade de Direito, o Partido Democrático e tantas entidades e pessoas apresentadas por ele como representantes e agentes das elites privilegiadas. Essa sátira preconiza o destronamento social, invertendo os papéis na hierarquia consagrada pelo sistema vigente, o que implica na invenção da nova ordem.

---

²¹⁹ ANDRADE, 2005, p. 39.

Um procedimento usado por ele é a criação de pseudônimos, o que incorre no nascimento de *alteregos*, pois os codinomes incidem exatamente naquele que os cria – Oswald de Andrade. O atributo que se ressalta em sua criação é a pilhéria que se evidencia como ingrediente do ato criador. Um desses cognomes, “Estalinho”, tem a função de apresentar ao povo oprimido a distinção dos interesses do poderio imperialista, anunciando os problemas e infortúnios do primeiro mundo nas notícias e artigos do jornal. E, revelando a podridão do capitalismo, subentende nela o prelúdio do mundo renovado. Por isso, aponta para a assimilação desses fatos, traduzindo-os como “sociedade enfermiça”, em ruínas, e “nascimento do comunismo” iminente.

Passa, então, com relação aos colaboradores, a ser *maître* e conviva do banquete, junto com o proletário, convidado e companheiro principal na conscientização dos fatos. A situação social transfigurada pela imaginação oswaldiana delineia o destronamento burguês e a entronização do homem oprimido. Passando longe dos limites da ponderação, sua ousadia consiste em realizar a transgressão do real, perfazendo nova verdade para si e vislumbrando um espaço para uma identidade simbólica de plebeu, até mesmo para sua própria vida. Sua escrita torna-se espaço de desnudamento dessa nova configuração que ele impõe, e possibilita, pelo modo e comportamento expressos na linguagem, atar sentidos textuais e contextuais.

Entre tudo que foi observado no decorrer deste estudo, não se pode incorrer no engano de pensar *O Homem do Povo* como uma fragilidade oswaldiana que poderia ser evitada. Não se concebe, inclusive, desvalorizá-lo, subestimando a expressão, nem contudo, supervalorizá-lo em termos de presunção de técnica primorosa ou racionalidade apurada. Trata-se de chegar a um ponto no qual se percebe que, realmente, o melhor e inevitável caminho na leitura do jornal *O Homem do Povo* é desfrutar seus constructos e investigar o valor crítico, estético e hedonístico da sua expressão. E, sobretudo, buscar entender mais alguns passos da trajetória de Oswald de Andrade, cuja voz se pressente em cada ponto da leitura. Sua agilidade múltipla mistura o jogo de espírito, a derrisão, o heroísmo, a subversão e a sua antropofagia, articulando-os na escrita dotada do mesmo vigor dos seus tempos de embate estético. Sua expressão incita reações das mais dinâmicas, que variam do estouro de uma risada, deflagrada diante das tiradas jocosas, ao enternecimento do espírito, sensibilizado diante das dores lidas. Entre uma e outro, de vez em quando, ocorre a perplexidade diante do superlativo das pejorações ousadas, que diretas ou indiretas, são sempre certeiras.

O benefício de se ter investigado mais detalhadamente esse *corpus* deve-se ao fato de tratar-se de uma compilação que não chamou a atenção de muitos estudiosos da produção oswaldiana, salvo as exceções mencionadas no estudo. O trabalho, portanto, além de procurar conhecer melhor a trajetória e a produção de Oswald de Andrade, torna-se uma tentativa de

alargar a fonte de consulta sobre sua expressão em *O Homem do Povo*, empreendida sob o signo da militância política, numa fase em que também se revertia drasticamente a sua vida financeira. A tese ressalta o fato de que, recriando-se, ele empresta ao jornal *O Homem do Povo* o jogo de espírito do *blaguer*, a coragem e o arrebatamento do agitador e a voz crítica do antropófago. Por meio desses atributos, transpõe a ordem estabelecida e busca ridicularizar os espaços consagrados pelo sistema capitalista. Esses fatos fundamentam a proposta que *carnavaliza* o mundo. Seus procedimentos verbais veiculam as idéias e tornam-se espaço e instrumento dessa carnavalização. Nesse sentido seu jornalismo também se transfigura. Evidencia, contudo, a atitude de manter seu alinhamento crítico “antropofágico”, alimentando-se sempre, ao contrário da ruminação proposta por Astrojildo Pereira, da mais fina iguaria. E o próprio Oswald de Andrade, que busca no povo e em sua própria vida novos rumos para refletir e reinventar-se, procura inscrever uma nova etapa e uma nova perspectiva para si e para o país.

15 ANEXOS

I - Editoriais (conjunto dos 8 textos)

II - Artigo “A carniça está gostosa”

ordem e progresso

Não temos generaes nem prophetas. Somos a opinião livre mas bem informada.

Sabemos nos collocar no espaço-tempo.

Sabemos que existe em S. Paulo uma corrente separatista que prefere a occupação estrangeira á evolução do Brasil na direcção do estouro do mundo pela guerra e pela revolução social.

Sabemos que nas fronteiras do sul existe um grande chefe capaz de crear uma aventura de character romantico popular.

Sabemos que o partido communista, auxiliado pelos factos, prepara as massas das oficinas e dos campos, emquanto a resistencia Kulak se forma na dissolvencia natural dos latifundios. Nesse sector o determinismo historico se biparte e defronta.

Sabemos que há mysticos estomagos vasio no Nordeste, cavadores ao Sul, indifferentes a Oeste, canhões imperialistas no nosso mar.

Sabemos que existe a ala canhota no mundo e aqui. Nella se encartam os que acreditando ser da esquerda, não passam de direitistas confusos.

Entre uns e outros nos collocamos com uma immensa e clara sympathia pelas reivindicações da nossa gente explorada.

Nosso programma é simples – basta entrarmos na nossa bandeira. Dar vida, força e sentido a um lemma que até hontem parecia vasio e irônico – ORDEM E PROGRESSO. Milagre das idéias chamadas subversivas!

Queremos a revolução nacional como etapa da harmonia planetária que nos promete a era da maquina.

Contra os grandes trusts parasitarios que vivem do nosso banho turco de povo lavrador. Queremos a revolução technica e portanto a efficiencia americana. Admiramos a Russia actual, pois desordenados ainda, temos que respeitar as casas com escripta. Combateremos pois ao lado da racionalisação economica e contra a cabra-cega da produção capitalista. Ordem econômica, progresso tecnico e social. Em 1923, a Russia tinha um deficit de perto de 6 milhões de rublos na sua metalurgia, emquanto prosperavam espantosamente as brasseries e os pequenos bars. Em qualquer paiz capitalista, orientado pelas forças cegas

do mercado e pela ganancia anarquica da offerta e da procura, os bars teriam prosperado como o café aqui sob a operosa vigilancia dos srs. Lazard Brothers e teria perecido a metalurgia.

Mas na Pátria de Lenine deu-se o contrario. Nunca houve super-produção de casas de pasto e a metalurgia que a princípio foi subsidiada, centraliza hoje os maravilhosos resultados do plano quinquenal.

Aqui, os capitaes estrangeiros deformaram extranhamente a nossa economia.

Dum paiz que possui a maior reserva de ferro e o mais alto potencial hydraulico, fizeram um paiz de sobremesa. Café, assucar, fumo, bananas.

Que nos sobrem ao menos as bananas!

Os capitaes estrangeiros compraram as nossas quedas d'agua e crearam um sordido e meigo urbanismo colonial que passou a ser o que elles queriam – um dos melhores mercados para os seus productos e chocalhos.

Sendo assim, o ouro entra pelo café e sahe pelo escapamento dos automóveis. Gastamos trezentos mil contos por anno em pneumaticos, gasolina ou coisa parecida. E a Amazonia da borracha e a baixada do alcool-motor perecem.

A nossa capacidade interna de consumo para o café (40 milhões de habitantes) seria normalmente de 5 milhões de saccas por anno. Mas quem foi que disse que o paulista ou qualquer outro litoraneo rico jamais se encommodou sinão lyricamente com as populações esfomeadas do Nordeste ou com os escravos recentes de Mister Ford? Protegemos o sal da Hespanha contra a produção das salinas do Rio Grande do Norte. Comemos maçã da California, bacalhau e sardinha mas mantemos no mais aviltante dos niveis baixos o productor das melhores fructas do mundo e o pescador do farto peixe dos nossos rios e do nosso mar. Se não compramos nada dos outros Estados, é mais que logico que estejamos engasgados com 22 milhões de saccas de café, inclusive a pedra!

No bonde em que entramos, no cinema onde vamos, no pão que comemos, pomos sorrindo o obulo generoso de mais de 50 % para os pobrezinhos estrangeiros que ajudaram a crear a nossa grandeza.

É essa a situação do Brasil, onde o O HOMEM DO POVO se situ'a para dizer o que soffre, o que pensa e o que quer.

oswald de andrade

[27de março de1931]

Ovo de Marx

O arquitecto Flavio de Carvalho é o melhor calculista de São Paulo possui uma alta competencia profissional e tem talento e imaginação, mas não pode construir porque os “meios sociaes de produção” se acham fechados nas mãos avarentas de uma falsa elite, cretinizada e intratavel. A independencia de Flavio não permite conchavos, nem com essa falsa aristocracia de produção, nem com o cliente que é bestificado por ella. Chama-se a isto o regimen capitalista. Por exemplo, o gamella Christiano das Neves representa a falsa elite. Se um cliente novo rico chegar para elle e disser que quer uma casa, o seu primeiro gesto é fazer desfilar os lulu’s do seu canil arquitetónico. Luiz, 16, 14, 28. Tudo isso é besteira.

Nem existe! Mas o engenheiro sabe que a ignorancia do cliente só póde chegar até o conhecimento do Lulu’ e o deslumbamento por tudo quanto for encaroçado de enfeites. Se por accaso o cliente enfezar por patriotismo o detentor dos meios de produção – operarios, materiaes de construção, credito terreno, etc. – vira para o lado colonial e sugere as copias horrorosas que o sr. Marianno Filho jura que são a unica coisa viavel em nosso terra. Dahi, S.Paulo e o Rio continuarem a levantar as mais empetecadas casas do globo e construir em cidades cuja monstruosidade urbanistica e arquitetónica só tem uma solução – o bombardeio aereo.

*

O coronel João Alberto com a sua fria mentalidade de campanha, cahiu como uma bomba no meio desse estado de coisas, generalizado por todas as populações das fabricas e fazendas de S. Paulo, muito mais gravemente do que no dramazinho de Flavio de Carvalho. Infinitamente mais tragico é o caso do homem de picareta e officina que precisa e quer trabalhar para dar de comer a seus filhos e encontra os “meios de produção” – terra, maquina e dinheiro – encerrados para sempre no uso e goso da panellinha

que hereditariamente se diverte atirando saccos de notas nas bancas do Automovel Club, do Club Commercial e outras sociedades chics.

Para manter isso existem a policia e a opinião burgueza.

Mas quem é essa ELITE, em cujas mãos se monopolizam os “meios de produção”? Imbecis de toda especie, moços que não tem um dedo de conhecimento da vida, sucia de coroneis inviris e de mulheres feias, vasias e recalçadas. O rebotalho e a caricatura da “Comedia Humana” de Balzac, numa grotesca transposição colonial, peor que a alta sociedade mestiça das terras africanas de Lourenço Marques.

*

O Coronel João Alberto foi coberto de mimos e de risos por essa ralé encasacada e levada de cadeirinha para os fofos divans onde engorda essa monstruosa injustiça social, afim de estudar e resolver os problemas justamente dos “meios de produção, quando nos seus ouvidos cantava ainda a immensa cobra humana que, noites antes desfilava na Praça da Sé – oitenta mil boccas comovidas numa manifestação ao misero aumento de 5 % nos salarios rachiticos dos que realmente trabalham, realmente produzem, realmente merecem uma equitativa destribuição social.

O Coronel João Alberto que viveu exilado e achincalhado pela plutocracia brasileira, deve hesitar hoje mais do que nunca ante esses titeres do Jockey Club, duvidando quem sabe da saude mental desses terriveis e bambos usufructuarios da fortuna social. Elles pretendem somente isto: continuar a apartar da collectividade activa e sadia, os meios de produção social – a terra, o dinheiro, o poder.

Eis o que se deduz para o caso de São Paulo, dos profundos e simples ensinamentos do philosopho allemão Karl Marx, que por signal não é russo.

oswald de andrade

[28 de março de 1931]

Os musicos do T i t a n i c

Qualquer naufragio revela melhor que um sal de prata, as manchas escondidas no negativo das almas humanas.

Na barafunda do alarme que desperta e enlouquece um transatlantico em perigo, os timidos se inutilizam, os ascetas bebem, os hypocritas ficam violentos ou covardes, as mulheres mais lindas se tornam horrendas, e ha calmos, heroicos, abnegados fatalistas que na vespera pareciam expoentes do peor egoismo.

Ha tambem musicos. Principalmente nos navios que se julgam civilizados. Talvez uma irreprimivel vocação de soprar, transposta longos annos pelo mecanismo freudiano, é ante o trauma, o que desafora um capitalista nedio num trombone de vara, arranca da apathia musical em que vivia um burocrata molle, improvisa uma batuta no arco hysterico de um violino.

E dos elementos mais diversos, mais disparados, mais imprevistos, uma orchestra nasce, viva, harmoniosa, cantante, no urro geral dos que naufragam.

*É o ultimo blefe. O blefe que a bordo do **TITANIC** filmado, poz talvez a nota mais chocante, mas audaz que a cinematographia de Dupont realizou ultimamente.*

*

Num paiz que vae a pique, tambem apparecem musicos. São os embaixadores que levam para o Exterior a harmonia falsa de um fox-trot sem sentido que não faz mais nenhum credor dansar.

Detentores de uma mentalidade postiza, habituada ao theorico, ao convencional e ao falso, elles são destacados para illudir com baixellas e bons modos, a pertubação immensa que se apodera de uma nau que faz agua e a cujo tragico S.O.S respondem, outros chamados de outros naufragios, num mar que não brinca, que não adia a catastrophe, que não perdoa e não recua deante de milagre algum.

Antes que o gemido das sereias sinistras de uma época inteira que naufraga, estabeleça o diapasão final da derrota capitalista – que a nossa orchestrinha roceira teve para os ouvidos estrangeiros o choro malandro de um samba, por exemplo o DEXA ESSA MULHE' CHORA'...

o s w a l d d e a n d r a d e

[31 de março de 1931]

a ordem da ferradura

-----o-----

Diversos marmanjos do Ministerio do Exterior ficaram de beijo no chão porque o Principe de Galles não lhes distribuiu nem beijos nem commendas nem crachás. A' ordem do Banho, á ordem da jarreteira, á ordem de Christo, a todas as ordens do mundo de que dispõem os canhões imperialistas para fardar os seus lacaios mais sorridentes. – juntou-se, no entanto, nesta sumptuosa e triste visita do Principe, a criação da Ordem da Ferradura.

É verdade. O Brasil foi mimoseado com diversos pares de coices principescos por S. A. Eduardo de Windsor, pau d' água emerito, cujo fim se espera seja, mais dia menos dia, o de um grão duque bebado da Russia Tzarista.

Antes, porém, que a Inglaterra se espedace e esfarelle e fique reduzida a um pharol de carvão sobre o Mancha e desapareça-a sua canalha aristocracica – cujas ladies já agora, conforme affirma Paul Morand, só se contentam com pretos e cujos lords ambiguos são doces e burros como o herdeiro que nos visita – o Brasil teve a gloria de ouvir as mais anti-diplomaticas grosserias que um cerebro capitalista da Decadencia podia gerar.

Para S. A. o Brasil é um banco de trem onde põe as nadegas quem quer ou antes quem é mais forte.

Foi o que disse o Principe de Galles num espirituoso discurso, glosado effusivamente pela imprensa local. S. A. contou que era uma vez um viajante que precisou fazer uma necessidade e deixou a mala no lugar que occupava. Chegou outro que devia ser boxeur no minimo, jogou a mala fóra e sentou-se. Quando

voltou o primeiro, o bouxeur devia ter dito aquella besteira com que a gente se diverte em creança.

- Quem foi a Portugal, perdeu o lugar!

E ficou!

Vejam bem. Proseguindo na principesca parabola, para S.A. não deve haver chefes de trens nem regulamentos que assegurem a tranquillidade collectiva. O mais bruto, o mais forte, o mais cavallo – que no caso vem a ser o Commercio Britannico – é que põe e dispõe. Mentalidade de anarquista de c.o ordem, a do principe! E depois, nós, da esquerda, é que somos os desordeiros!

O Brasil ficou pois agraciado pela real ferradura de S.A. como um pobre banco de Estrada de Ferro, onde deve sentar-se o mais forte – a Inglaterra. Maravilhosa elucidação dos nossos problemas economicos, sociaes, politicos e militares!

o s w a l d d e a n d r a d e

[2 de abril de 1931]

t a r e f a p a r a o s t r i p u l a n t e s

Não compreendemos o alcance do silencio, do desvio de assumpto, das privações da liberdade de pensamento, no instante de inilludível gravidade que passamos.

Ha responsáveis a frente de governos, como num naufragio ha officiaes e marinheiros dirigindo o salvamento de corpos e de bens.

Supponhamos que tragica jocosidade não seria se algum capitão de navio, no momento de orientar o desembarque em alto mar, se lembrasse de prohibir aos marinheiros encarregados de distribuir salva-vidas, que elles dissessem a verdade, ordenando-lhes, por exemplo, que explicassem, aquelle tumulto como de preparativos para um baile a phantasia.

Senhores o que o povo precisa é de tarefa. Mas para isso, a verdade não póde e não deve ser dissimulada.

Todo trabalhador a quem confiam um serviço, tem como condição essencial o conhecimento do campo onde pisa, dos instrumentos de que dispõe, do trabalho que lhe compete e do resultado que visa obter.

O povo brasileiro está cançado de esperar aragens ficticias que nem a visita do mais lindo dos principes consegue produzir no fiel da nossa estragada balança cambial. Generaes, coroneis, libertadores de cartola ou não – precisamos de tarefa!

Nós queremos é saber!

o h o m e m d o p o v o
[4 de abril de 1931]

conspirações de boa roda

Quando um conspirador distincto, dois, três são pegadas com a bocca na botija, maior que o alvoroço publico é o escandalo clandestino que persegue os vigilantes cumpridores de ordens que ousaram descobrir a maroteira.

Por toda parte onde os festejados e queridos intencionistas planejaram um novo estado de coisas ou divagaram escondido sobre politica, a indignação é espumante.

- Que absurdo! Fulano! Cicrano! O marido de D. Virginia! O filho de dr. Pedraca! Quem é que vae acreditar nessas invenções? Perseguição infame e mais nada! Calunia, inveja e odio pessoal!

De toda parte, os alliados da hora incerta se movimentam, grandes balaustres e gavetões da finança de cima de seu contorno de bonzos, estremecem as caras glabras, as caras cynicas, numa desaprovação purgativa, immensa, oracular.

E o simples acto de precaução que presidiu a uma averiguação de conspirata, enfia-se como viola desafinada no sacco dos objectos perdidos para sempre.

Quando o homem do povo conspira, a coisa é outra!

Quem já viu se contrahirem musculos faciaes de um homem sem amigos, que vae ser preso, que vae ser perseguido, liquidado talvez pela conjuração publica das classes oppressoras, as quaes têm dinheiro, jornaes e cadeias, quem já viu a pallidez

de alguém que vae fugir acoissado por uma matilha impune de atiradores e esbirros, quem já viu um homem que ignora tragicamente o seu

dia de amanhã e minuto a minuto espera a tortura de uma geladeira rheumatica ou um exilio entre febres, bichos e broncos carrascos – deixando creancinhas sem comida num lar sem defeza, uma companheira magra e sem forças sinão as das lagrimas silenciosas, uma mãe pobre que vae morrer – quem já viu o revoltado consciente e mudo que espera corajoso o golpe de graça que lhe promette a si e aos seus a organização monstruosa do Estado burguez, comprehende a grandeza da lucta que borra ferozmente de sangue a hora presente.

De facto, quem não é homem do povo não póde conspirar.

Entre mutuários do mesmo interesse, accionistas da mesma massa fallida, compadres do mesmo farrancho, só póde haver briguinhas por dedicação de querer occupar glorias espinhosas com ordenança e subsidio, assumir rendosas responsabilidades, chamar a si com lucro todas as iniciativas da gymnastica respiratoria destinada ao salvamento e restauração do cadaver nacional. Só por isso é que se briga em bôa roda.

Por mais que impassível e frio, espere o fim diluviano desse velho mundo de iniquidades e traficancias – simples barometro da tempestade que se annuncia – o terrivel modelador de desgraças sociaes, o conspirador, o petroleiro, o criminoso é sempre

o h o m e m d o p o v o
[7 de abril de 1931]

as angustias de piratininga

Precioso e ridiculo, como literatura politica, nullo de visão social, fechado no mais estreito e pifio provincianismo, vertendo apenas o puz que brota dos dois cancros de São Paulo – a Faculdade de Direito e o café – o manifesto do Partido Democratico fixa bem para os olhos ingenuos dos que acreditam nas meias-revoluções, de que tamanho é a guela ambiciosa e hypocrita dos exploradores que depois de ter erguido palacios e fazendas, a chicote e a tronco de escravos – pretendem continuar a sugar o suor dos que trabalham, a troco de represental-os na comedia dos cargos publicos .

Cynicos, comediantes sem treino, pois foi mais deslavada, da mais clara exploração feudal que até hoje viveram do alto de suas cathedras de professores, de suas bancas de jornalistas e de suas mesas de jogo – eil-os que surgem ao embate da primeira crise séria, chamando a si o encargo de ser o traço de União entre o governo e o povo!

Traço de união entre o parasita e o explorado, entre o que come e o que é comido, entre o carrasco e a victima, elles mesmo confessam que são a forca lenta onde esperneia o trabalhador da cidade e dos campos, batido, humilhado, morto de miseria e de desesperança, mas que num ultimo espasmo ha de se despegar dos que o esganam, para leval-os por sua vez ao patibulo definitivo que pleiteiam e merecem.

Felizmente, a degradingolada já os attingiu e as angustias de Piratininga são simplesmente feitas do odio covarde dos que sempre se viram na farra facil da Edade Media que o café produzia e a Faculdade abençoava em nome do

Direito Burguez, e agora se vêem forçados a subir os elevadores dos que imponentemente emprestam a 5% ao mez, para implorar as reformas já obtidas nos Bancos da grande fuzarca.

Vencidos pelo phenomeno da agonia capitalista, a sua cégueira ideologica attribue intenções communistas a sinceros consolidadores da Ordem Burgueza, como francamente são o Coronel João Alberto e o General Miguel Costa, com toda a razão mais de uma vez apontados ao odio das massas exploradas pelo altofalante de Luiz Carlos Prestes.

Consolidadores fascistas, a sua bôa vontade esbarra na inconcertabilidade da maquina onde inutilmente querem andar. Que entreguem essa lata velha, esse forde furado sem radiador nem gasolina, ao ganancioso grupo de fazendeiros e professores que ambiciona os ultimos lucros do ferro miúdo.

O dr. Julio Prestes gastava trezentos contos em palacio, o Coronel João Alberto gasta seiscentos, o dr. Morato gastará novecentos.

Que o governo dos tenentes se demitta e entregue ao Partido Democratico a maquina podre do Estado Burguez que esganou a economia paulista – para que perante as massas elucidadas, seja essa a ultima tragica experiencia de desastre, - é o que deseja e pede

o h o m e m d o p o v o

[9 de abril de 1931]

ISTO AQUI É COIMBRA?

A grande manifestação de pensamento que produziu até hoje a Faculdade de Direito foi o trote.

A proposito do menor incidente, como seja a chegada de um calouro, a deposição de um homem publico, o concurso de um candidato á cathedra onde disse arneiras o Brotero ou o dr. Dino Bueno, os estudantes se ligam numa alegria de pasto, para berrar, para gritar, para descompor. Elegem immediatamente uma virtima ou duas, e parecendo não saber que é feio abusar de superioridade numerica, despejam tudo que é contrario á educação de que se dizem detentores, á civilização de que se proclamam guardas, ao Direito e á justiça, que vão precisamente beber sob as arcadas – na organização de bandos bulhentos, destinados a alarmar a pacatez do triangulo commercial, onde gente deshonesta talvez, mas pelo menos activa, passa na lufa-lufa dos bancos e dos negócios.

***

Meninos, eu vos conheço! Também passei pelas arcadas! E fui até numa enorme turma, o primeiro orador do Centro Academco Onze de Agosto!! Ser-me-ia facil proseguir nessa brilhante ascensão e hoje em vez de estar sendo agredido pelos vossos pelotões, talvez pudesse como o meu collega de gymnasio Gabriel de Rezende Filho, vos estar mentindo e blefando do alto de uma carunchosa cathedra de professor, e recolhendo a troco disso ás vossas innocentes aclamações. Mentindo e blefando, porque eu vos estaria incutindo noções

inteiramente falsas e vencidas, num mundo renovado pelo mais poderoso sopro revolucionario do planeta. E eu não tenho nenhuma má vontade para com vocês.

Eu não desejaria a vossa desgraça, como desejam os que vos encaminham para a carnificina que será fatal um dia, collocando-vos como

inimigos do homem do povo batido, humilhado, explorado, no seu salario miseravel, para vos dar os collarinhos engommados que vestis, as casas luxuosas em que viveis, e os bengalorios catitas com que agredis os seus defensores.

O vosso mal é um mal coimbrão, um mal portuguez agravado pela nossa situação de colonia-mental. A nossa velha Faculdade, é como a de Recife, apenas um pedaço de projecto escolar, que não foi avante no Primeiro Imperio e assim reprezou o pensamento brasileiro na bacharelise – lamentavel herança intellectual das Universidades religiosas e leguléas da Peninsula Ihérica, particularmente Coimbra e Salamanca, os dois arcaicos reductos do pensamento jezuitico e medieval. O feudalismo juridico se refugiou ahi, depois de varrido pelo Humanismo e pela Reforma de todos os grandes centros intellectuaes da Europa. Nós ficamos com a herança de Coimbra! E vocês querem prolongar Coimbra!

Talvez um unico lente dos que fazem fila na vossa galeria de retratos, foi contrario ao pensamento coimbrão – o doutor Pedro Lessa, campeão atrasado, equivocado talvez, das modas reinvidicações proletárias, que empolgam o mundo mecanizado do

hoje e vos quer manter na admiração e pela unidade psíquica das cidades provincianas com os seus estudantes.

Reflectam o vejam que absurdo vocês são os únicos seres que continuam a acreditar no Tamanduatehy, na Ilha dos Amores e na grandeza das arcadas conventuais. Isso numa cidade que conta com trezentos mil proletários mais ou menos passando fome, de olho arregalado para a Rússia, onde uma humanidade nova se organiza, sem as contradições que estertoram nos vossos livros de Direito Burguez – o Direito Burguez que o próprio mestre reaccionário Mussolini pretende liquidar, substituindo as Faculdades de Direito pelas escolas técnicas.

***

Não me iludo. Sei que a scena de dustria e da finança, os exploradores de toda ordem, os padres de qualquer seita parasitaria, os patrões, os usurários e os fazendeiros feudais. São os seus filhos. E assumem com a sua franca hostilidade para com o Homem do Povo, uma attitude que será esclarecida no futuro das trincheiras sociais.

pelos porres românticos da bohemia ida
Falo serio e penso em ti homem do povo! No dia em que saires dos teus tugúrios sujos, das tuas usinas

encarvoadas, dos teus quarteis, com o peito offegante de justiça, os musculos retezados de odio santo, pois quem é para vingar as massas exploradas, onde as pobres creanças não tem medico nem pão, e as mulheres são dobradas pelo peso da vida escrava – alegremente subiremos para conversar, aos ricos salões e ás casas futeis da pequena burguezia, de onde eles saíram agora para agredir em batalhão uma mulher e um homem do povo.

o s w a l d d e a n d r a d e

[13 de abril de 1931]

a carniça está gostosa

Só o burguez ocioso ou indivíduo chumbado pela gotta a uma cadeira de balanço, e capaz de ler, pode ler, tem tempo de ler as columnas kilometricas de telegrammas que entulham os grandes órgãos de imprensa, como e o caso, por exemplo, do venerando <<O Estado>>. O homem do povo, que trabalha, que sai cedo de casa para a fabrica, a officina, o escriptório, o armazém, só dispõem para tanto dos poucos minutos da viagem de bonde, e o que lhe importa são as notícias rapidas, concisas, concretas. É o que este novo Jornal, que além de novo é pequeno e não pretende chegar a vennerando, vai fazer, nesta página, sumariando em quatro linhas os acontecimentos mundiaes da vespera.

Bem entendido, não como papel carbono, resumindo servilmente o noticiario telegraphico em geral. O nosso serviço do exterior será comprimido, denso, tamisado, não só quantitativamente mas sobretudo qualitativamente. Serviço substancioso. O succo dos telegrammas.

Os santissimos espirros do Papa, ou mais uma quéda de cavallo do Principe de Galles, ou o sorriso basbaque de M. Doumegue não nos interessam, absolutamente, nem podem interessar a quem tem o que fazer na vida. O que a todos nos interessa, ao nosso Jornal, e aos nossos leitores, são as notícias sérias, de natureza economicca, política e social. As encrencas todas, as tremendas encrencas do mundo, na hora presente. As conferências pacifistas para augmento dos armamentos. Mussolini prestes a bancar o Julio Prestes (no minimo). Nove milhões de operarios sem trabalho nos Estados Unidos (com licença do agora chefe Oswald: Hip hip, Hoover!). Os communistas de Thaelmann surrando os <<nazi>> de Hitler. Gréves na Hespanha. Mais de sitio em Cuba. Tremedeira de Sanchez Certo Trezentos mil soldados vermelhos da China soviética (30.000.000 de habitantes) batendo, palmo a palmo, os bandidos imperialistas. O plano quinquenal sendo realizado em 4 annos. A casa de Trotsky negando fogo. O general Uriburu que a imprensa brasileira teima em chamar de Uriburú, enterrando a antiga propriedade Argentina. Etc. Etc Etc. O mundo em convulsão. Combustão. Vulcão Revolução.

Taes noticias é que vale a pena a gente ler, reflectir sobre ellas, ruminar o seu conteúdo. Noticias que estimulam o apetite de estômagos solidos e saudaveis. Para dentes de homens de povo. Carniça gostosa.

AURELINIO CORVO

[27 de março de 1931]

16 BIBLIOGRAFIA

Do Autor

ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar com introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1984.

Dicionário de Bolso. São Paulo: Globo, 2007.

Oswald de Andrade: Trechos escolhidos. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

Pau Brasil. São Paulo: Globo, 2006.

Panorama do Fascismo / O Homem e o Cavalo / A Morta. São Paulo: Globo, 2005.

O Rei da Vela. São Paulo: Globo, 2001.

Pau Brasil. São Paulo: Editora Globo, 2006.

Poesias Reunidas. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira. 2006.

Telefonema. São Paulo: Globo, 1996.

A Utopia Antropofágica. São Paulo: Globo, 1995.

Memórias Sentimentais de João Miramar. São Paulo: Globo, 2005.

Estética e Política. Pesquisa, Organização, Introdução, Notas e Estabelecimento do texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1992. (Obras completas de Oswald de Andrade)

O Santeiro do Mangue e outros poemas. São Paulo: Globo, 1991.

A escada. São Paulo: Globo, 1991.

Marco Zero I: A Revolução Melancólica. São Paulo: Globo, 1991.

Marco Zero II: Chão. São Paulo: Globo, 1991.

Serafim Ponte Grande. São Paulo: Globo, 2005.

Os dentes do Dragão: entrevistas. 2.ed. Pesquisa, Organização, Introdução, Notas e Estabelecimento do texto de Maria Eugênia Boaventura. São Paulo: Globo, 1990. (Obras completas de Oswald de Andrade).

Alma. São Paulo. Globo, 1990.

Ponta de lança. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

O Perfeito cozinheiro das almas deste mundo. São Paulo: Editora Globo, 1992.

Primeiro caderno do aluno de poesia: Oswald de Andrade. São Paulo: Globo, 1991.

Do Pau-Brasil à Antropofagia e às Utopias. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978a.

Marco Zero II: Chão. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978b.

ALMEIDA, Guilherme de. *Mon coeur balance e Leur âme*. São Paulo: Globo, 1991. Edição bilíngue. Trad. De Pontes da Paula Lima.

Manifesto antropófago. In: *Revista de Antropofagia*, 1928-1929. Ed. fac-similar, São Paulo, Editora Abril, 1974, vol. 1, p. 7.

Revista de Antropofagia. In: Reedição da Revista Literária Publicada em São Paulo - 1ª e 2ª "Dentições"-1928-1929. Introdução de Augusto de Campos. São Paulo: Abril/Metal Leve, 1975.

Revista Remate de Males. Campinas: Departamento de Teoria Literária. IEL-UNICAMP, 1985, vol. 6.

Sobre o Autor

ANDRADE, Mário de. *Oswaldo de Andrade*. In: Rossetti Batista, M. et al. (org.) *Brasil: 1º Tempo modernista*, São Paulo: IEB, 1972.

ANDRADE, Marília; RIBEIRO, Esio Macedo (orgs). *Maria Antonieta D'Alkmin e Oswald de Andrade: Marco Zero*. São Paulo. Edusp, 2003.

BOAVENTURA, Maria Eugenia. Do órfico e mais cogitações. Prefácio. In: *Oswald de Andrade: Estética e Política*. São Paulo: Globo, 1976, p.7-15.

_____. *O Salão e a Selva: uma biografia ilustrada de Oswald de Andrade*. Campinas: Editora da UNICAMP; São Paulo: Ex Libris, 1995,

_____. Oswald de Andrade: entre a política e a arte. In: *Folhetim*. Suplemento da Folha de S. Paulo. São Paulo. 3 de novembro de 1984. p. 3-5.

_____. Um Dicionarista Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. *Dicionário de Bolso*. 2.ed. Organização, introdução e notas: Maria Eugenia Boaventura. São Paulo: Globo, 2007, (Obras completas de Oswald de Andrade) p. 7-32.

BOPP, Raul. *Antropofagia: Movimentos Modernistas no Brasil – 1922-1928*. Rio de Janeiro: São José. 1968.

_____. *Vida e morte em antropofagia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

BRITO, Mário da Silva. “O Santeiro do Mangue e outros poemas”. In: ANDRADE, Oswald. *O Santeiro do Mangue e outros poemas*. São Paulo: Globo, 1991.

_____. *Ângulo e Horizonte (de Oswald de Andrade à Ficção – Científica)*. São Paulo: Martins, 1969.

_____. *As metamorfoses de Oswald de Andrade*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972.

_____. *Conversa Vai, Conversa Vem*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

_____. “O Perfeito cozinheiro das almas deste mundo”. Prefácio. In: ANDRADE, Oswald. *O Perfeito cozinheiro das almas deste mundo*. São Paulo: Editora Globo, 1992.

_____. Dois Prefácios para “Serafim Ponte Grande” In: ANDRADE, Oswald. *Serafim Ponte Grande*. São Paulo: Globo, 1990.

_____. Oswald, Democracia e Liberdade. Prefácio. In: ANDRADE, Oswald. *Ponta de lança*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

CAMPOS, Augusto de. Introdução in ANDRADE, Oswald; GALVÃO, Patrícia; LIMA, Queiroz. *O Homem do Povo*: Março/Abril 1931. Edição Facsimilar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado: Arquivo do Estado, 1984, p. 09-15.

CAMPOS, Haroldo de. Uma poética da radicalidade. In: *Obras Completas Oswald de Andrade: Pau-Brasil*. Rio de Janeiro: Globo, 2006. pp. 7-72.

_____. *Da razão antropofágica: diálogo e diferença na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

_____. Apresentação. *Oswald de Andrade: Trechos escolhidos*. Rio de Janeiro: Agir, 1977.

CANDIDO, Antonio. Estouro e Libertação. In: *Brigada Ligeira e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 1992, pp. 17-32.

_____. Literatura de dois gumes. in: *idem*, São Paulo: Ática, 1989. p. 163-180.

_____. Digressão sentimental sobre Oswald de Andrade. In: *Vários Escritos*. São Paulo, Duas Cidades, 1995.

_____. Oswald viajante. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

_____. Oswáld, Oswaldo, Ôswald. In: *Um Homem sem Profissão sob as ordens de mamãe*. São Paulo, Editora Globo, 1990.

_____. Os dois Oswalds. In: *Idem. Recortes*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 40-48.

CHALMERS, Vera. Maria. *Três linhas e 4 verdades: o jornalismo de Oswald de Andrade*. São Paulo: Duas Cidades/ Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1976.

_____. Panorama de “Telefonema”. Apresentação. In: ANDRADE, Oswald. *Oswald de Andrade: Telefonema*, São Paulo, Globo, 1996, p. 11-46.

_____. Seis capítulos de Oswald de Andrade. In: *Revista Literatura e Sociedade: Modernismo*. Vol. 7. São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLLC, 1996, p. 178-195.

DANTAS, Vinícius. O Canibal e o Capital: a Arte do “Telefonema” de Oswald de Andrade. In: ABDALA JR, Benjamin; CARA, Salete de Almeida. (Orgs.). *Moderno de nascença: figurações do Brasil*. São Paulo: Boitempo editorial, 2006, p. 150-177.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Posse ou propriedade, eis a questão. In: ANDRADE, Oswald. *Marco Zero I: A revolução melancólica*. São Paulo: Globo, 1991. (p.7-11).

_____. *Oswald: Itinerário de um Homem sem Profissão*. Campinas: UNICAMP, 1989.

EULÁLIO, Alexandre. *A Aventura Brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial, 2001.

FEIJÓ, Martin Cezar. *O revolucionário cordial: Astrojido pereira e as origens de uma política cultural*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2001.

FERREIRA, Antônio Celso. *Um Eldorado Errante: São Paulo na ficção histórica de Oswald de Andrade*. São Paulo: UNESP, 1996.

FONSECA, Maria. Augusta. *Oswald de Andrade: Biografia*. São Paulo: Art Editora, 1990. 2. ed. revista e aumentada. São Paulo: Globo, 2007.

_____. *Palhaço da burguesia - Serafim Ponte Grande e o universo circense*. São Paulo: Livraria e Editora Polis, 1979.

GALVÃO, Patrícia. *Paixão Pagu: A Autobiografia Precoce de Patrícia Galvão*. Geraldo Galvão (Org.). Rio de Janeiro: Agir, 2005.

JACKSON, Kennedy David. Uma enorme risada: o espírito cômico na literatura modernista brasileira. In: *Revista Literatura e Sociedade: Modernismo*. Vol. 7. São Paulo: USP/ FFLCH/ DTLLC, 1996, p. 78-101.

_____. A escada: Exílio e Utopia. In: ANDRADE, Oswald. *A escada*. São Paulo: Globo, 1991.

NUNES, Benedito. *Oswald Canibal*. São Paulo Perspectiva, 1979.

_____. Antropofagia e Utopia. In: ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995. (Obras completas de Oswald de Andrade).

PICCHIA, Menotti Del. Da Revolução Modernista à Revolução de 1930. In: *Longa Viagem. 2ª. Etapa*. São Paulo: Martins. Conselho Estadual de Cultura. 1972.

PIGNATARI, Décio. *Marco Zero de Andrade*. In: Suplemento Literário de O Estado de São Paulo. São Paulo 24/10/1964.

Geral

ABREU, Marcelo de Paiva. *A Ordem do Progresso – Cem anos de política econômica republicana 1889-1989*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1990.

ANDRADE, Mário de. O empalhador de passarinho. 4. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 2002.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*: Dialética e Dualidade segundo Antonio Candido e Roberto Schwarz. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ARISTÓTELES. Poética. In: *Os pensadores*: Aristóteles. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. *História Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Ática, 1982.

AUERBACH, Erich. Germinie Lacerteux. In: *Mimesis*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1976, p. 448.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. 6.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2008.

_____. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2002.

_____. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979.

BALZAC, Honoré de. *Os Jornalistas*. Trad. de João Domenech. São Paulo, Ediouro, 2004.

BARRETO, Lima. *Triste Fim de Policarpo Quaresma*. 15. ed. São Paulo: Ática, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. *Les fleurs du mal*. Présenté par Jean-Paul Sartre. Paris: Gallimard, 1964.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. Trad. Ivan Nóbrega Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BELTRÃO, Luiz. *Jornalismo opinativo*. Porto Alegre, Sulina, 1980.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire*: um lírico no auge do capitalismo; tradução José Martins Barbosa, Hemerson Alves Batista. São Paulo, Brasiliense, 1989.

BERGSON, Henri. *O riso*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOSI, Alfredo. As letras na Primeira República. In *História geral da civilização brasileira*. São Paulo, Difel, 1977, vol. 9, p. 297.

_____. Poesia resistência. In *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, 1983.

_____. A interpretação da obra de arte literária. In: _____. *Céu, Inferno*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2003.

_____. *Pagu: vida-obra*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

_____. *Pagu, a musa antropófaga*. In: Leia Livros. São Paulo: Leia Livros, 1981.

_____. A Estética de Benedetto Croce: um pensamento de distinções e mediações. In: CROCE, Benedetto. *Breviário de Estética: Aesthetica in nuce*. São Paulo: Ática, 1997, p. 12-13.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro. Antecedentes da Semana de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1978.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: Momentos Decisivos*. 2 volumes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.

_____. et al. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

_____. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976.

_____. *A educação pela noite & outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989.

_____; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira*. São Paulo: Difel, 1981.

_____. *Os parceiros do Rio Bonito*. São Paulo, Duas Cidades, 1971.

_____. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *O Estudo Analítico do Poema*. São Paulo: Humanitas, 2004.

_____. Dialética da malandragem. In: *O Discurso e a Cidade*. São Paulo, Duas Cidades, 1993, pp. 19-54.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2001.

CARONE, Edgar. A primeira ofensiva oligárquica: o Partido Democrático rompe com João Alberto. In: *A Segunda República: 1930 – 1937*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1978, p. 21-37.

CASTRO, Sílvio. *Teoria e Política do Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1979.

CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. Francisco Rico, Barcelona, Instituto Cervantes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. O Leitor. In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

COMTE, Auguste. O discurso sobre o espírito positivo. In: *Comte: vida e obra*. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

COSTA, Ana Maria Catelli. *A Educação para Trabalhadores no Estado de São Paulo*. São Paulo: Revista do IEB (24). USP, 1982. pp. 7 – 14.

COSTA, Caio Túlio Vieira. *O que é o Anarquismo*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil. Era Modernista*. São Paulo: Global Editora, 2001, vol. 5.

CROCE, Benedetto. *Breviário de Estética: Aesthetica in nuce*. São Paulo: Ática, 1997.

FAST, Howard. *Espártaco*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FAUSTO, Bóris. (Org.) *O Brasil Republicano: Sociedades e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *A Revolução de 1930. Historiografia e História*. São Paulo: Brasiliense, 1970.

_____. *História do Brasil*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 1994.

_____. A Revolução de 1930. In: MOTA, Carlos Guilherme. (org) *Brasil em Perspectiva*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995. p.227-255.

_____. “Os intelectuais e a crise”. *Folha de S. Paulo*, Seção Tendências/Debates, 06/09/2005, p. A3.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira*. Volume 3, São Paulo, 1981.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: *O Brasil republicano*. Org. Jorge Ferreira e Lucília A. Neves Delgadas. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2006.

FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud e Marx: Theatrum Philosophicum*. São Paulo: Princípio, 1987.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Tradução de Margarida Salomão. Rio de Janeiro: Imago. Vol. VIII, 1905.

FRYE, Northrop. *Anatomia da Crítica*. São Paulo: Cultrix, 1957.

GALVÃO, Patrícia. *Parque industrial*. São Paulo: Alternativa, 1981.

GONZÁLEZ, H. *A Comuna de Paris: os Assaltantes do Céu*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HAMON, Philippe. Pour un statut sémiologique du personnage. In: BARTHES, Roland et al. *Poétique du récit*. Paris, Seuil, 1977, p. 114-180.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

IORIO, Ubiratan. *Economia e Liberdade: A Escola Austríaca e a Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

JAUSS, Hans Robert. *História da Literatura como Provocação à Teoria Literária*. São Paulo: Ática, 1994.

KAYSER, Wolfgang. *O grotesco*. São Paulo, Perspectiva, 2003.

KANT, Immanuel. *A crítica do juízo*. Rio de Janeiro: Forense, 1993.

KHOURY, Yara. Aun. A poesia anarquista. In *Revista Brasileira de História*, São Paulo, vol. 8, nº 15, fevereiro/1988, pp.215-247.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: A Crítica e o Modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. Estética e Ideologia: O modernismo em 1930. In *Argumento*, vol I, nº 2, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973.

LÉNIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer?* Santos- São Paulo: Martins Fontes: 1975.

_____. *Lênin: Política*. Florestan Fernandes (Org.) São Paulo: Ática, 1978.

LEUENROTH, Edgar; NEGRO, Hélio. *O que é o Marxismo ou Bolchevismo*. Coleção Libertária. São Paulo: Semente, n/d.

LIMA, Heitor Ferreira. *Caminhos percorridos: memórias de militância*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LOPEZ, Telê Ancona. A criação literária na biblioteca do escritor. In: *Ciência e Cultura*. vol.59, no.1, São Paulo, 2007. pp.33-7.

_____. "A biblioteca de Mário de Andrade: Seara e Celeiro da Criação". In: Zular, Roberto, org. *Criação em Processo: Ensaio de Crítica Genética*. São Paulo, Iluminuras/ Fapesp, 2002, pp. 45-72.

MAIA, Raul. *Diccionario da Questão Social*. São Paulo. Caramurú, 1934.

MARX, Karl. *Os pensadores: Marx*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

_____. *A Ideologia Alemã*. Editorial Presença: Lisboa, 1976.

_____. *Miséria da Filosofia*. Lisboa. Ed. Avante. 1991.

_____. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

_____. *A Questão Judaica*. São Paulo: Centauro, 2000

_____; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1984.

MELO, José Marques de. *Jornalismo opinativo: Gêneros Opinativos no Jornalismo Brasileiro*. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MORAIS, Fernando. *Chatô: o Rei do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NORTE, Sergio Augusto Queiroz. Ars Anarchica: Arte, Vida e Rebeldia. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 1998, vol.18, no.35, p.133-164. ISSN 0102-0188.

NUNES, Benedito. A Antropofagia ao Alcance de Todos. Prefácio In: ANDRADE, Oswald. *A Utopia Antropofágica*. São Paulo: Globo, 1995. pp. 15-39.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. Arte Moderna. In: TELES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 287-293.

PINTO, António Costa. *O Salazarismo e o Fascismo Europeu*. Lisboa: Estampa, 1992.

PRESTES, Anita Leocadia. *Tenentismo Pós-30: continuidade ou ruptura?* São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. Trad. de Aurora Fornioni e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Ática, 1992.

RESZLER, A. *L'esthétique anarchiste*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973, pp. 101-103.

RODRIGUES, Edgar. *Universo Ácrata*. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 1999.

ROSENFELD, Anatol. *Texto e contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 1996.

_____. *Texto e contexto I e II*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

SILVA, Francisco de Assis. *História do Brasil: Colônia, Império, República*. São Paulo: Moderna, 1992.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de escrever*, tradução, organização, prefácio e notas de Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

SCHWARZ, R. As idéias fora do lugar. In: *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2008, pp. 9-31.

VENTURA, Roberto. Prosa Experimental no Brasil. In: *Revista Literatura e Sociedade*. São Paulo: USP/FFLCH/DTLLC, 2005.

WEBER, Max. *Historia Económica General*. México: Fondo Cultura Económica, 1944.